

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Jorge Ivam Ferreira

**LEITURA E PRODUÇÃO DE GÊNEROS
DISCURSIVOS DE NATUREZA FICCIONAL OU
AUTOBIOGRÁFICA NO SUPLETIVO DE ENSINO
MÉDIO**

**Taubaté – SP
2006**

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Jorge Ivam Ferreira

**LEITURA E PRODUÇÃO DE GÊNEROS
DISCURSIVOS DE NATUREZA FICCIONAL OU
AUTOBIOGRÁFICA NO SUPLETIVO DE ENSINO
MÉDIO**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre pelo Curso de Mestrado em Lingüística Aplicada do Departamento de Ciências e Letras da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Língua Materna
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi

**Taubaté – SP
2006**

FERREIRA, Jorge Ivam.

Leitura e produção de gêneros discursivos de natureza
ficcional ou autobiográfica no supletivo de Ensino
Médio/FERREIRA, Jorge Ivam. – 2006.

113 folhas

Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) –
Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências
Sociais e Letras, 2006.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Garcia Lopes-
Rossi

Departamento de Ciências Sociais e Letras.

JORGE IVAM FERREIRA

Leitura e produção de gêneros discursivos de natureza ficcional ou autobiográfica no supletivo de Ensino Médio

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ , TAUBATÉ – SP

DATA: _____

RESULTADO: _____

COMISSÃO JULGADORA

Profa.Dra. _____

Assinatura: _____

Profa.Dra. _____

Assinatura: _____

Profa.Dra. _____

Assinatura: _____

À minha mulher: Joana d'Arc,
Aos meus filhos: Ivan Lucas, Caio, Henrique e
Rafael.
Aos meus pais: Luís e Eulália.
Aos meus irmãos: Floripes, Antônio, Maria
José, José Raimundo, Jane Cleide, Ana Cláudia
e Patrícia.

Meus agradecimentos

À Profa. Dra. Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi, cuja orientação, segura e compreensiva, foi fundamental para que eu não desanimasse no percurso desta pesquisa.

Às Professoras Dra. Sônia Maria Alvarez e Dra. Vera Lúcia Batalha de Siqueira Renda pelo incentivo e pelas generosas sugestões durante a qualificação.

A todos os professores deste Mestrado, pela dedicação e competência:
Profa. Dra. Marlene Silva Sardinha Gurpilhares, Profa. Dra. Elisabeth Ramos da Silva, Profa. Dra. Solange Teresinha Ricardo de Castro, Profa. Dra. Elzira Yoko Uyeno, Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia. Profa. Dra. Maria Cristina Damianovic, Profa. Dra. Tânia Regina de Souza Romero, Profa. Dra. Eliana Vianna Brito.

À minha amiga e colega Gláucia Aparecida Batista, pelo constante apoio.

À Profa. Dra. Rosemary Roggero, pela generosidade e disposição de colaborar com minha pesquisa mesmo não me conhecendo.

Ao meu amigo Rui Alves Grilo, por colocar à minha disposição sua vasta biblioteca, da qual fiz vários empréstimos.

À Diretora da EE “Capitão Deolindo de Oliveira”, Maria de Fátima de Souza Barros Santos, pelas várias providências que tomou para que esta pesquisa fosse realizada.

À Maria Margarete Cordioli, supervisora de Ensino da Comissão do Programa Bolsa-Mestrado, pela presteza com que sempre me atendeu na Diretoria de Ensino.

Ao Governo do Estado de São Paulo, que, por meio do Programa Bolsa-Mestrado, possibilitou-me a realização dessa pesquisa.

A todos meus alunos, porque, de alguma forma, contribuíram para a constituição do professor que sou, em especial, àqueles que participaram desta pesquisa.

À Patrícia Dovigo, secretária do Curso de Pós-graduação, pela simpatia e presteza com que nos atende.

... a adesão a uma teoria deve preceder do reconhecimento de sua validade PCN (Brasil, 1998, p. 129)

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT.....	11
APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	12
CAPÍTULO 1	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1 Apresentação do capítulo	20
1.2 Concepção de linguagem	20
1.3 Gêneros discursivos	23
1.4 Projetos de leitura e produção de textos	27
1.5 Principais características dos gêneros discursivos abordados nesta pesquisa	30
1.5.1 Autobiografia	30
1.5.2 Diário	31
1.5.3. Conto	32
1.5.4 Crônica.....	34
1.5.5 Poema	35
1.5.6. Letra de música	38
CAPÍTULO 2	
DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES COM OS TEXTOS, OBJETIVOS E COMENTÁRIOS	
2.1 Apresentação do capítulo 2	39
2.2 Procedimentos de pesquisa	39
2.3 Apresentação geral dos textos e das atividades realizadas com eles.	42
2.3.1 Das artas censuradas 2, poema de Anka Kolwalska	42
2.3.1.1 Questões propostas para o estudo do poema Das Cartas censuradas 2.....	43
2.3.2 <i>Infância</i> , poema de Carlos Drummond de Andrade.....	45
2.3.2.1 Questões propostas para o estudo do texto <i>Infância</i>	45
2.3.3 Incompatibilidade de gênio, letra de João Bosco e Aldir Blanc	47
2.3.3.1 Questões propostas para o estudo do texto <i>Incompatibilidade de gênio</i>	48

2.3.4 . <i>Curvas do rio</i> , letra de música de Elomar Figueira de Melo	50
2.3.4.1 Questões propostas para o estudo do texto <i>Curvas do rio</i>	51
2.3.5 <i>Lá no morro</i> , conto de Wander Piroli	54
2.3.5.1 Questões propostas para o estudo do conto <i>Lá no morro</i>	54
2.3.6 <i>Varandas da Eva</i> , conto de Milton Hatoum	57
2.3.6.1 Questões proposta para o estudo do conto <i>Varandas da Eva</i>	57
2.3.7 <i>A partida</i> , conto de Osman Lins	60
2.3.7.1 Questões propostas para o estudo do conto <i>A partida</i>	60
2.3.8 <i>Missa do galo</i> , conto do Machado de Assis	62
2.3.8.1 atividades com o conto <i>Missa do galo</i>	62
2.3.9 Questões para diagnosticar o nível de conhecimento do gênero discursivo conto	63
2.3.10 <i>Chamava –se Amarelo</i> , crônica, de Rubem Braga.....	63
2.3.10.1 Questões propostas para os estudo da crônica <i>Chamava-se Amarelo</i>	66
2.3.11 <i>Sem medo</i> , crônica de Danuza Leão	68
2.3.11.1 Questões propostas para o estudo do texto <i>Sem medo</i>	69
2.3.12 <i>Quarto de despejo</i> , Uma amizade sincera, Musa paradisíaca, três gêneros discursivos numa só aula	70
2.3.12.1 Questões propostas para o estudo do diário <i>Quarto de despejo</i>	71
2.3.12.2 <i>Uma amizade sincera</i> , conto de Clarice Lispector	71
2.3.12.3 <i>Musa paradisíaca</i> , crônica de Tatiana Belinki.....	72
2.3.12.4 O resultado das atividades com os textos <i>Quarto de despejo</i> , <i>Uma amizade sincera e Musa paradisíaca</i>	72
2.3.13 <i>Autobiografias, memórias e romance</i>	73
2.4 Conclusão do capítulo 2	74

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS PARA A PRODUÇÃO ESCRITA

3.1 Apresentação do capítulo	76
3.2 Relato das atividades de produção de texto	76
3.3 A refacção de textos	77
3.4 A composição e a publicação do livro	81
3.4.1 O título	82

3.4.2 O critério de seleção dos textos.....	82
3.4.3 A finalização	82
3.4.4 O lançamento	83
3.4.5 A repercussão	83
3.5 Produções confidenciais.....	84
3.6 A opinião dos alunos.....	85
3.7 Conclusão do capítulo 3	89
CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO TEXTOS TRABALHADOS EM SALA DE AULA	101
ANEXO 1.....	103
ANEXO 2.....	104
ANEXO 3.....	105
ANEXO 4.....	106
ANEXO 5.....	107
ANEXO 6.....	108
ANEXO 7.....	109
ANEXO 8.....	110
ANEXO 9.....	111
ANEXO 10.....	112
ANEXO 11.....	113

RESUMO

Devido aos avanços tecnológicos e à Globalização, o mercado de trabalho, as relações sociais e o pleno exercício da cidadania exigem que a pessoa tenha concluído no mínimo o Ensino Médio, por isso há uma grande demanda por vagas nos cursos de suplência. Por outro lado, ainda não há diferenciação metodológica entre o Ensino Regular e o Ensino Supletivo, no entanto é necessário que se busquem procedimentos de ensino-aprendizagem que levem em conta as especificidades do aluno trabalhador para que a escola atenda a suas necessidades. Esta pesquisa, realizada em uma turma de Supletivo de Ensino Médio, numa escola pública, objetivou estimular a prática de leitura e produção escrita a partir de atividades com gêneros discursivos de natureza ficcional ou autobiográfica e elevar auto-estima dos alunos. Entre março e junho de 2006, os sujeitos desta pesquisa leram contos, crônicas, poemas, páginas de diários, letras de música e produziram vários textos, em sua maioria autobiográficos. Destes, 95 foram publicados em um livro, intitulado *Algumas lembranças*. Este projeto possibilitou aos estudantes o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita, além de ter contribuído para muitos deles deixarem de ver a prática de produção de texto como uma atividade para a qual não tinham capacidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) propõem a adoção dos gêneros discursivos como fator de mudanças qualitativas no processo de ensino-aprendizagem. Os resultados desta pesquisa, fundamentada na teoria dos gêneros discursivos, poderão contribuir para se repensar o ensino de Língua Portuguesa tanto no Ensino Supletivo quanto no Regular a fim de que essa disciplina possa cumprir seu papel no desenvolvimento do aluno (como estudante e como cidadão) e possa ser vista por ele com menos temor e desconfiança, sendo estudada com prazer.

Palavras-chave: gênero discursivo; texto autobiográfico; leitura; produção escrita.

ABSTRACT

Because the technological advances and the Globalization, the competition for jobs, the social relations and the exercise of citizenship demand that people achieve at least High School studies, which causes a considerably high demand from those people for an opportunity to attend Supplementary High School. Still, there are no methodological differences between Regular High School and Supplementary High School, however it is necessary to be developed teaching-learning procedures, which take into consideration the specific needs of those students who work during the day and study in the evening, so that the school gets prepared to supply those needs. The current research, performed in a class of Supplementary High School, at a public school, aimed at stimulating the skills of reading and writing, based on activities involving fictional and self-biographical material, as well as improving the self-esteem of the whole class. In the period from March to June 2006, the subjects of this research read tales, chronicles, poems, diary pages, song lyrics and produced several texts, mostly self-biographical. From this material produced by the students, ninety-five texts were published in a book called 'Algumas Lembranças'. That project provided the students not only with the development of their reading and writing skills but also with the knowledge of their own potential as writers, which in the past seemed to be an ability beyond their capacity. The National Curricular Parameters (BRAZIL, 1998) propose the adoption of discourse genres as a means to improve the quality in the teaching-learning process. The results of this research, based on the theory of the 'discursive language' will contribute to a further professional analysis of the teaching of Portuguese Language, not only in the Supplementary High School but also in the Regular High School, so that the teaching of that school subject is accomplished properly in order to reach the full development of the student (as a learner as well as a citizen) and so that the study of Portuguese Language can be faced by the student as a source of pleasure and enjoyment, rather than a feeling of fear and insecurity.

Keywords: discourse genre, self-biographic text, reading, writing production

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Um aluno que já passou nove ou dez anos nos bancos escolares, aprendendo a escrever, confessar que não sabe escrever poderia ser apenas uma manifestação de falsa modéstia, mas não o é. De fato, muitos alunos do Ensino Médio são capazes de copiar um texto (ditado ou passado na lousa) sem erros ortográficos e com muita rapidez; porém, quando têm que escrever de forma autônoma, ficam paralisados, suando frio, como se estivessem diante de uma tarefa hercúlea ou enigmática.

Não são poucos os alunos que, 50 minutos após receber a solicitação de um texto, não produziram mais do que cinco linhas desprovidas de conteúdo. O resultado disso é a frustração do professor, que não compreende por que, apesar de seu empenho em ensinar os “macetes” para uma boa redação, o aluno não os assimila. Frustração também do aluno, por julgar-se incompetente por não produzir um texto de qualidade, uma vez que “o professor ensinou direitinho”.

Muitas pesquisas na área de produção de texto têm demonstrado que a prática de ensino não tem surtido o efeito desejado, porque está equivocada. Os professores se empenham para que os alunos incorporem as “receitas” tidas como as mais eficientes, dadas pelos diversos manuais de redação, mas essas fórmulas consagradas não têm sido capazes de levar os estudantes a produzirem os textos almejados.

O Ensino Médio é um campo fértil para o surgimento de manuais de redações, pois, por um lado, há a exigência dos vestibulares, que dão um peso significativo às redações e, por outro, há a constatação de que os alunos não têm mostrado competência na arte de escrever. De olho nessa fatia do mercado, as editoras buscam oferecer novidades a cada ano, mas as fórmulas mágicas de que cada manual se diz portador não variam. Em essência são as mesmas, apenas muda o visual do suporte, o estilo e se renova a crença na sua eficácia.

Esses manuais geralmente se dividem em módulos didáticos visando levar o aluno a dominar a tipologia textual. Seus autores crêem que se o aluno souber fazer a distinção entre descrição, narração e dissertação já andou meio caminho, por isso esses itens ocupam a maior parte da obra. As páginas restantes são para ensinar conteúdos gramaticais e de estilística cujo domínio julgam necessário que o aprendiz possua para ser um redator proficiente.

O professor do Ensino Fundamental tem esse modelo de ensino em mente, mas quase que se isenta de trabalhar a dissertação por entender que nessa faixa etária o

estudante ainda não é capaz de argumentar satisfatoriamente. Os aspectos estilísticos são tratados de modo tangencial; em contrapartida, os gramaticais são super-estimados, sobretudo a ortografia e a concordância. O texto é avaliado como bom ou mau pela quantidade de erros ortográficos ou de concordância que apresenta. Em vez de reescrita há um passar-a-limpo, que se resume na revisão ortográfica, na adequação de um outro adjetivo ou verbo e na “higienização” do texto.

Essa excessiva preocupação com aspectos gramaticais, que está no centro da discussões sobre o ensino de língua, não é tão antiga quanto parece, pois, conforme Marcuschi (2004, p. 260-261),

a denominação da disciplina “Português” ou Língua Portuguesa” só passou a existir nas últimas décadas do século XIX”, mas naquela época o seu conteúdo era bem diferente do que chegou a nossos dias como conteúdo inerente ao ensino de Português. Em vez de livros didáticos de português havia “os **florilégios** ou **antologias** e as famosas **crestomatias** ou **seletas** que consistiam na seleção de textos clássicos da literatura ou da história e ciências.

Foi somente com o surgimento das gramáticas pedagógicas, há cerca de 60 anos, que o ensino de língua foi ficando tão vinculado ao ensino de regras gramaticais que esse vínculo adquiriu foro de associação natural, não de produto de uma determinação das classes privilegiadas.

Acreditava-se que, dominando as regras gramaticais, o aluno se tornaria um usuário competente, seja como leitor, seja como falante. Já a competência como escritor (produtor de textos) seria adquirida por meio da prática de fazer paráfrase de texto de autores tidos como grandes estilistas; portanto, mestres da língua. “Em suma, o ensino deveria expor o aluno aos bons textos da tradição literária para absorver e prosseguir a tradição, como se língua fosse homogênea e estável sem variações nem mudanças ao longo da história” (Marcuschi (2004, p. 263)

Na década de 60, o clima de rebeldia, a teoria da comunicação, a cibernética, as novas correntes lingüísticas fazem a disciplina de português ser pensada no “âmbito de uma área mais ampla, *Comunicação e Expressão*. O estudo da língua não se preocupa só com o estudo do código mas também com suas funções sociais, com sua comunicabilidade”. (MESERANI, 1995). É nesse contexto que surgem os livros didáticos. Neles, os textos eram (e ainda são) classificados por tipos. Desse modo o aluno era levado a aprender, nas séries iniciais, a descrição, depois a narração e por fim a dissertação. Esse procedimento didático estava embasado numa suposta gradação de

dificuldade. Por essa linha de raciocínio, o aluno só passaria a ter contato com textos argumentativos nas séries finais. Tal prática mistificava o texto dissertativo/argumentativo e levava o aluno a suar frio no momento em que era obrigado a dissertar sobre qualquer tema.

Embora a aprendizagem de textos utilitários tais como bilhete, carta, telegrama, recibo, cheques, procuração fosse proporcionada, a grande preocupação dos professores recaía sobre o ensino da estrutura dos tipos de textos (descritivos, narrativos e dissertativos). Esta ênfase na tipologia textual gerava a falsa idéia de que um texto narrativo é constituído somente de segmentos narrativos.

Dessa prática de ensino, surgiu um gênero sem função social, pois só existe na escola: a chamada redação escolar. A existência de tal gênero constitui um paradoxo, na medida em que se ensina redação para que o aluno seja bem sucedido nas relações sociais que lhe exigem competência como produtor de textos. Cobra-se do aluno que aprenda a fazer algo que não tem utilidade fora da escola. O artificialismo desse modelo pedagógico, já denunciado como ineficiente na década de 80 por Geraldi (1985) e Brito (1985), só pode produzir desinteresse e perplexidade.

Desinteresse porque o aluno sabe que não terá um leitor verdadeiro para seu texto. O professor, seu único leitor, estará interessado apenas em verificar os possíveis desvios das normas de bem escrever, ensinadas de maneira padronizada, abstrata, inspirada ou aprendida em manuais didáticos escritos para alunos e professores idealizados, fictícios.

Perplexidade porque, muitas vezes, o aluno é obrigado a escrever a respeito de um tema sobre o qual ele não tem o mínimo conhecimento. Isso costuma ocorrer porque esse modelo pedagógico não se baseia em um projeto de produção que proceda por etapas que propiciam não somente a necessária assimilação das características típicas do gênero como também a apropriação das informações sobre o assunto.

A predominância desse modelo não significa, porém, satisfação com ele ou conformismo. As pesquisas sobre o ensino de língua portuguesa iniciadas na década de 80 produziram uma extensa bibliografia da qual constam tanto trabalhos com análise das práticas pedagógicas e de seus produtos na área como propostas de intervenção na realidade escolar e de construção de alternativas pedagógicas. Para Geraldi (1998, p.17/18),

Sem dúvida alguma, a riqueza desta produção se fez acompanhar de um movimento dos profissionais – os professores – que

acompanharam seminários, participaram de congressos, matricularam-se em cursos, compraram livros e mais livros, organizaram reuniões, encontros, seguiram apreensivos a publicação de “planos curriculares” e, alguns, de uma forma ou de outra, tentaram incorporar a seu cotidiano de sala de aula o novo discurso em circulação.

Reconhecendo essa inquietação, esse desejo de mudanças nos rumos da Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) existente entre os educadores, o MEC lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (BRASIL, 1998), que vieram com a proposta de mudar a prática de ensino vigente na grande maioria das escolas brasileiras.

Dentre as principais recomendações dos PCN para o ensino de Língua da Portuguesa está a proposta de trabalhar com gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana. Trabalho que tem como mentores Schneuwly e Dolz (2004) e Pasquier e Dolz (1996) e é defendida por vários autores, como Rojo (2000) e Marcuschi (2002).

Numerosas pesquisas acadêmicas como, por exemplo, Aligieri (2006), Barbare (2002), Lopes-Rossi (2002), têm demonstrado que a prática de leitura e produção de textos que se baseia nos gêneros discursivos surte resultados tão satisfatórios que levam os pesquisadores a recomendá-la com bastante entusiasmo. Estão seguros de que ela é a melhor alternativa para equacionar os sérios problemas que o ensino de português enfrenta em nosso país, sobretudo no tocante à produção de texto.

O trabalho com projetos didáticos para o conhecimento de um gênero discursivo não só possibilita a assimilação das características típicas deste, mas também estimula o aluno a produzir textos, já que um projeto dessa natureza costuma ter como um de seus objetivos básicos a circulação das produções dos alunos (dentro ou fora da escola). Sabendo que seu texto terá leitores, o aluno fica motivado a cuidar da refacção – uma etapa importante para o desenvolvimento da escrita.

Lecionando para quatro classes de 2^o ano do Ensino Médio na modalidade supletivo, constatei, por meio de uma sondagem oral, que esses alunos não têm hábito de leitura. Em geral, só lêem textos utilitários, ainda assim quando isso se faz extremamente necessário. Essas quatro turmas são constituídas, em sua maior parte, de alunos trabalhadores (homens e mulheres) cuja preocupação maior tem sido a luta pela sobrevivência. Nesse contexto, um livro encontra pouca ou nenhuma acolhida, pois é visto apenas como um objeto de uso escolar. Poucos deles costumam ler por prazer. A

maioria acaba tendo sua pouca habilidade de leitura progressivamente reduzida por falta de hábito. Escrever também não é uma atividade que faça parte de seu cotidiano.

Atualmente, o ensino baseado na memorização, no acúmulo de informações não tem razão de ser. Hoje se deseja um aluno crítico, capaz de se posicionar frente à diversidade de opiniões e de informações com a qual ele é obrigado a lidar no seu cotidiano. Os meios de comunicação e a tecnologia têm aproximado as comunidades, mas têm tornado as pessoas mais insensíveis, mais céticas nos valores humanitários, em suma, mais egoístas, mais fechadas em si mesmas. As informações envelhecem rapidamente, as invenções tecnológicas superam-se em progressão geométrica. Tudo é fragmentário. Há uma “incredulidade para com as metanarrativas”. (Lyotard, 1984, apud Mascia, 2004, p.47) As certezas caíram por terra, as grandes verdades são questionadas, postas em xeque.

A busca de identidade, o desejo de sair do anonimato, constituem o indivíduo pós-moderno. Os blogs, os sites pessoais abundam na rede mundial de computadores. Verifica-se também uma enorme curiosidade pela biografia de celebridades. Nesse contexto, o trabalho com textos de caráter autobiográfico, principalmente com alunos adultos, que muitas vezes têm uma história “mais bonita do que a de Robinson Crusóé”, (ANDRADE, C. A. 1982) parece altamente produtivo, relevante. Não se trata de aderir a um modismo como pode parecer à primeira vista, mas sim de buscar um elemento estimulador da aprendizagem e da auto-estima.

Esta pesquisa foi desenvolvida no primeiro semestre de 2006, numa classe de supletivo em nível de Ensino Médio, na EE “Capitão Deolindo de Oliveiras Santos”, em Ubatuba - SP, e tem como tema a leitura e a produção de textos de natureza ficcional ou autobiográfica com base na teoria dos gêneros discursivos, na perspectiva de Bakhtin (2003).

O objetivo geral desta pesquisa foi possibilitar ao aluno ampliar sua competência de leitor e de escritor (produtor de textos) e contribuir para melhorar sua auto-estima por meio da leitura, da discussão de contos, crônicas, páginas de diário, poemas, letras de música e da produção de textos, prioritariamente autobiográficos.

Os objetivos específicos da pesquisa foram:

- Desenvolver no aluno o gosto pela literatura a partir da leitura de textos cujo narrador tematize sua própria vida.
- Levar o aluno a perceber que a prática da leitura, além de nos proporcionar prazer, nos torna pessoas críticas.

- Desfazer a idéia errônea e nociva de que escrever é um mistério, um dom.
- Estimular o aluno a produzir pelo menos dois textos sobre passagens de sua vida ou sobre uma situação imaginada para serem publicados em um livro com produções da classe.

Estabelecer a produção de textos autobiográficos como um objetivo do projeto foi uma decisão nascida do desejo de futuramente escrever uma autobiografia, manifestado por três alunos dessa turma, que foi consultada e aceitou a proposta com entusiasmo.

Além da dificuldade em leitura e produção de textos, o aluno de supletivo do Ensino Médio, geralmente apresenta baixa auto-estima. Muitos se julgam desatualizados por estar fora da escola há muito tempo. Outros se sentem diminuídos pelo fato de a suplência ser vista na sociedade como uma modalidade menor de ensino. Portanto, o professor de classes de suplência deve buscar maneiras adequadas de fazer com que seus alunos superem esse obstáculo inicial. O livro didático, por exemplo, deve ser descartado de imediato para uso em tais classes. Primeiramente, porque seu conteúdo é extenso, previsto para ser trabalhado durante um ano e não em apenas um semestre. Em segundo lugar, porque, no que diz respeito à produção de textos, só explora o modo de o texto se organizar, isto é, a tipologia textual (descrição, narração e dissertação). Mesmo aqueles livros didáticos que se declaram apoiados na teoria dos gêneros discursivos ainda não deram um passo que mereça louvor, pois continuam a propor atividades que ignoram, na prática, os fundamentos de um ensino de língua portuguesa baseado na perspectiva sócio-discursiva da linguagem, sugerida pelos PCN (BRASIL, 1998). Várias pesquisas, entre elas Lopes-Rossi (2003), puderam constatar isso. O fato é que, se o livro didático não consegue ser eficiente para o público a que ele se destina, tampouco o será para o aluno de supletivo.

É um equívoco, porém, deixar de adotar um LD e lecionar servindo-se de um modelo que nada mais é do que uma cópia da metodologia dele. Qual seja: oferece-se um texto para leitura, em seguida, faz-se sua compreensão por meio de uma série de perguntas e, por último, propõe-se uma redação em um gênero, muitas vezes, totalmente diferente daquele recém-trabalhado. O texto produzido tem, quando muito, um leitor: o professor que vai lê-lo, sempre à procura de erros e quase nunca à procura de acertos, de qualidades. Em tais aulas, as atividades de leitura, geralmente, são enfadonhas, desprovidas de emoção, de prazer. Lê-se, de modo servil, os textos de autores

consagrados e, com olhos de inquisidor, os textos cujo autor ainda não tenha sido admitido no círculo oficial. Não é de se estranhar que o estudante saia da escola não gostando de ler e temendo escrever.

Como antídoto a essa falta de gosto pela leitura, a proposta de trabalhar em sala de aula com narrativas curtas é plenamente justificada, porque pode ser realizada no período de uma aula, não apresenta vocabulário difícil, a tensão dramática na maioria delas é envolvente e, obviamente, o desfecho acontece logo, o que estimula o leitor desinteressado a não interromper a leitura antes de chegar ao ponto final.

Em recente pesquisa realizada em três escolas estaduais de Ensino Médio, do Vale do Paraíba, verificou-se que a maioria dos alunos julga a leitura de texto literário “de difícil entendimento e que poderia ser mais interessante se desenvolvida com narrativas mais breves e com outros apoios”. (SANTOS, CHARLEAUX 2005)

A opção pela leitura de textos literários com menos páginas do que um romance ou uma novela pode ser mais estimulante para estudantes que não possuem o hábito de ler, mas a escola não costuma incentivar a leitura de tais narrativas. Foi o que constatou a pesquisa supracitada, na qual uma grande porcentagem de alunos do Ensino Médio declara que nunca lera um conto. Mesmo considerando que seja quase impossível que um aluno chegue ao Ensino Médio sem ter lido um conto, os depoimentos atestam que o trabalho com esse gênero discursivo não tem sido efetivo nem eficiente uma vez que o aluno não assimilou suas características ou não se lembra de já ter praticado a leitura de tal gênero.

A leitura e a escrita fundamentam-se num processo dialógico, pois, embora o leitor não esteja presente fisicamente no ato da produção escrita, o escritor (produtor de texto) tem em mente um virtual leitor, dotado de competência lingüística, visão de mundo e expectativas diante do texto e com base nesse modelo de leitor ele procura ajustar sua linguagem, seu estilo e seu tema. Em certos casos, refutando preventivamente um possível argumento contrário ao seu (do escritor) ou esclarecendo de antemão a acepção de um vocábulo, por supor que o leitor não compartilha dos mesmos conhecimentos. Por outro lado, por mais que o escritor queira facilitar a leitura, ele não pode dotar seu texto de todas as informações necessárias à sua compreensão, pois como nos lembra Eco, (1994, p. 9): “todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho”.

Em suma, no processo de leitura, o leitor interage com o texto, trazendo-lhe informações do contexto, atribuindo sentido ao que está nas entrelinhas, levantando

hipóteses, optando por um sentido quando o enunciado é ambíguo ou até abandonando o texto que, por algum motivo, não corresponda às expectativas. Por essa razão é que a perspectiva teórica em que se baseia esta pesquisa é a da linguagem como produto de uma relação dialógica não como um sistema abstrato de formas.

Para Bakhtin (2003), o uso da linguagem se faz por meio de enunciados, que não podem ser compreendidos isoladamente, já que são determinados pela situação social que os gerou. Essa concepção maior de linguagem é a concepção teórica que norteia as atividades de leitura – as características do gênero que foram destacadas pelo professor – e as atividades de produção de texto (seqüências didáticas).

Schneuwly e Dolz (2004) mostram que o ensino por meio de gênero do discurso (de qualquer espécie) surte mais efeito do que o ensino tradicional. Esse método faz com que o aluno veja sentido no ato de escrever e acabe por se interessar pela leitura, como consequência do entusiasmo com o projeto de produção de texto.

Nesta pesquisa, opção por atividades de leitura (e análise lingüística) de texto de caráter autobiográfico deveu-se aos objetivos de produção, já que o trabalho a partir do gênero discursivo pressupõe a vinculação entre as duas práticas, isto é, não se deve propor leitura num gênero e produção em outro. Esclarecendo melhor, para produzir um texto, o aluno deve ter assimilado as características próprias do gênero discursivo em que sua produção se inscreve.

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados, esta é uma pesquisa-ação, que é, segundo (THIOLLENT, apud GIL, 1991):

um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. O capítulo 1 apresenta os pressupostos teóricos e está dividido da seguinte forma: a) concepção de linguagem, b) gêneros discursivos, c) projeto para ensino de leitura e produção de textos, d) principais características dos gêneros discursivos abordados nesta pesquisa.

O capítulo 2 apresenta: a) os procedimentos de pesquisa, b) os objetivos gerais das atividades realizadas, c) os textos e as atividades realizadas com eles, d) as questões propostas para a compreensão dos textos, e) os comentários sobre as repostas dadas e o comportamento dos alunos, f) conclusão do capítulo.

O capítulo 3 traz: a) o relato das atividades de produção de texto, b) a descrição do processo de composição e de publicação do livro, c) comentário sobre produções confidenciais, d) opinião dos alunos, e) conclusão do capítulo.

Encerrando este trabalho, encontram-se algumas conclusões sobre pesquisa.

Após as referências bibliográficas, encontram-se anexas: a) as produções dos alunos que foram publicadas no livro *Algumas Lembranças* b) os textos para cuja compreensão foram propostas questões xerocopiadas c) cópia do convite para o lançamento do livro e da reportagem sobre esse evento.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté conforme **protocolo CEP/UNITAU n°. 536/05.**

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Apresentação do capítulo

Este capítulo apresenta os pressupostos teóricos nos quais esta pesquisa se fundamentou e aborda: a) concepção de linguagem; b) gêneros discursivos no ensino de língua portuguesa, c) projetos para a leitura e produção de textos; d) principais características dos gêneros discursivos abordados nesta pesquisa.

1.2 Concepção de linguagem

No ensino de língua materna que se quer novo, em conformidade com as pesquisas mais recentes, ou seja, aquele que toma os gêneros discursivos como instrumento ou objeto de ensino/aprendizagem, o professor precisa abandonar a concepção saussureana de língua e adotar a perspectiva dialógica, defendida por Bakhtin. Este filósofo refuta a tese de Saussure, afirmando que a fala resulta de interação, de uma dialogia. Não depende da vontade de um indivíduo, mas de uma necessidade social. Ela surge como resposta ao discurso de outros. Ainda que tal discurso não esteja patente, manifesto no ato da fala, esta é condicionada pela existência de um enunciado que de alguma forma dialoga com ela. A fala é uma ação responsiva.

Cada enunciado é pleno de ecos e de ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Bakhtin (2003, p. 297)

Enquanto prevalecia a visão saussureana ou estruturalista, o ensino de língua materna consistia em propor atividades no nível da palavra e depois da frase para que o aluno conhecesse o funcionamento da língua. A preocupação básica era ensinar a gramática normativa. As aulas eram planejadas com o objetivo de ensinar o aluno a reconhecer inicialmente as classes de palavras, a fazer análise sintática, a decompor as palavras em seus elementos mórficos ou fonéticos.

A língua não era pensada em sua dialogicidade, em sua interação social e sim como um cadáver, como um ser imutável.

A partir da década de oitenta o texto começou a ser tomado como unidade mínima para o ensino de língua materna. Isso representou um avanço significativo, mas logo se percebeu que o texto se tornou um pretexto para o ensino de gramática normativa ou de elementos da Linguística Textual: coesão, coerência, anáfora. Nessa perspectiva, baseia-se a crença de que, tendo o domínio das regras gramaticais, o aluno está apto para ler e escrever texto de qualquer natureza. Muitos aspectos que determinam, condicionam a produção, a circulação e a leitura de um gênero discursivo ainda são desprezados pela maioria dos professores de língua materna.

A tecnologia da informação colocou a imagem no centro dos recursos de comunicação. Alguns gêneros jornalísticos já são compostos não só de palavras, mas também de fotografias, gráficos, tabelas, olho, infográfico e vários recursos tipográficos que facilitam a compreensão do texto - ou prejudicam-na, caso sejam ignorados.

O professor de língua não pode negligenciar as outras formas de linguagem, mormente as visuais, porque:

Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual. Representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa. Dionísio, (2005, p. 159-160)

Assim como as atividades com os textos levados para a sala de aula, as atividades de produção ainda não conseguiram se libertar do peso da tradição, apesar de numerosas críticas que essa prática pedagógica vem recebendo nos meios acadêmicos há pelo menos duas décadas. Desse modelo de ensino, decorre que a produção de textos em sala de aula raramente é planejada e, por isso, quase sempre é desvinculada do gênero do texto posto para a compreensão. Por exemplo, após o estudo de uma notícia propõe-se um artigo ou uma carta. Não se aproveita, pois, a estrutura de um gênero lido em determinado momento como modelo para a produção de texto.

Contrariamente ao que acontece na sociedade, o texto a ser produzido não tem um leitor real (exceto o professor). Tudo isso acontece nas aulas de língua materna porque a linguagem não é tomada como um produto de interação social, de uma necessidade sociodiscursiva. Segundo os PCN (BRASIL, 1998, 125):

Não há linguagem no vazio, seu grande objetivo é a interação, a comunicação com um outro, dentro de um espaço social, como por exemplo, a língua, produto humano e social que organiza e ordena de forma articulada os dados das experiências comuns aos membros de determinada comunidade lingüística.

É em situação de uso que a língua deve ser ensinada, uma vez que somente na interação é que ela exerce uma função comunicativa, ou seja, é na relação dialógica que a língua se reveste de um sentido, pois:

O sistema da língua é dotado das formas necessárias (isto é, dos meios lingüísticos) para emitir a expressão, mas a própria língua e as suas unidades significativas - as palavras e orações - carecem de expressão pela própria natureza, são neutras. Por isso servem igualmente bem a quaisquer juízos de valor, os mais diversos e contraditórios, a quaisquer posições valorativas. Bakhtin, (2003, p. 296)

Portanto, Se concordamos que “as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente às situações e aos propósitos definidos” PCN (BRASIL, 1998, p. 19), devemos evitar o estudo da língua considerando somente seus aspectos formais, ignorando, desse modo, que:

As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto estreitamente vinculados. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, por palavras isoladas). Bakhtin (2003, p. 283)

Decorar a nomenclatura gramatical não significa aprender a utilizar a língua de forma competente. A gramática deve ser ensinada, mas apenas como um instrumento que facilita a compreensão e a produção de texto, não como um conhecimento em si mesmo.

Por fim, as atividades com a linguagem não podem perder de vista que, ao se dirigir a alguém, o indivíduo usa a linguagem, mas ela se realiza num gênero discursivo. Sem este, a função comunicativa não se estabelece, por isso o estudo da linguagem não pode prescindir do estudo do gênero discursivo.

1.3 Gêneros discursivos

Bakhtin (2003, p. 262) define os gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. O enunciado é entendido por ele como uma unidade real da comunicação discursiva, “não é uma unidade convencional” (p.275): só existe numa relação dialógica, tem um autor, um destinatário, um sentido, permite uma reação responsiva por isso não pode ser confundido com as unidade da língua (palavras, orações). Estas fazem parte do sistema, estão à disposição do usuário, mas não pertencem ninguém, não se destinam a ninguém, não são uma réplica de um discurso nem permitem uma reação responsiva, não têm um sentido, mas apenas um significado em potência.

Os gêneros discursivos são formas disponíveis na cultura e surgem por uma necessidade social. Por isso mesmo, alguns gêneros, em virtude de já não servirem para os fins para os quais foram criados, desaparecem, dando lugar a outros que atendem melhor as exigências da sociedade em dado momento.

O conteúdo a ser comunicado, a mensagem, determina a escolha do gênero, mas este determina o que pode e como pode ser dito. A transgressão das normas de um gênero implica em um novo significado. Por exemplo, uma saudação solene dirigida a um funcionário hierarquicamente inferior adquire um caráter irônico, jocoso. Também ocorre transgressão quando se emprega um gênero discursivo fora do seu lugar habitual.

Por seu caráter de enunciado estável, certos gêneros discursivos permitem que o receptor os distinga de outros gêneros, apenas observando algumas características típicas deles. Bakhtin (2003) observa que, ao ouvir as primeiras palavras de um enunciado, o interlocutor não só é capaz de determinar seu gênero discursivo mas também de prever o seu tamanho.

Reconhecer um gênero discursivo, no entanto, não significa saber produzi-lo. Em outras palavras: a competência de leitor de um gênero não se faz acompanhar da competência de produtor (escritor). Muitos professores ainda crêem que “quem lê muito escreve bem”. Se assim fosse, não seria necessário ensinar a produção de textos, pois bastaria estimular a leitura para que o aluno adquirisse a competência de escrever. Lopes-Rossi (2005a) afirma:

Alguns leitores talvez atentem para aspectos de organização dos textos [...] No entanto, muitas das características de um gênero discursivo podem passar despercebidas para o leitor quando seu objetivo é apenas a leitura para a obtenção de informações ou entretenimento. Para que esse conhecimento esteja disponível no momento da escrita, é preciso um trabalho de leitura voltado para o reconhecimento das características do gênero. Isso vai além do conteúdo do texto. Nesse caso, sim, podemos dizer que a leitura contribui efetivamente para a escrita, especialmente considerando que no processo pedagógico o professor associará as características estudadas no módulo de leitura às atividades de produção escrita.

As pesquisas na área de gênero discursivo (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004) têm demonstrado que o ensino de leitura e produção de textos proporciona o desenvolvimento dessas competências de modo bastante satisfatório quando há um estudo pormenorizado das características típicas do gênero eleito como objeto de aprendizagem em um dado projeto pedagógico.

É um equívoco, por exemplo, julgar que não há necessidade de se elencar o gênero entrevista como um conteúdo a ser trabalhado porque se trata de um gênero discursivo muito divulgado e, por isso, o aluno já o domina plenamente. É inegável que se trata de um daqueles gêneros que se podem reconhecer com facilidade, como se disse anteriormente, no entanto isso é muito diferente de saber roteirizar (preparar), conduzir ou redigir uma entrevista. Tal gênero não se resume a um jogo de perguntas e respostas. Para a sua realização, há princípios éticos, regras sociais a serem observados. O mesmo se pode dizer de sua produção, pois a organização textual do gênero entrevista segue um padrão mais ou menos rígido.

A leitura de uma coletânea de entrevistas, fundamentada na teoria dos gêneros discursivos, permite ao aluno perceber, por exemplo, que, conforme a finalidade da entrevista, perguntas sobre a vida privada do entrevistado não devem ser feitas.

O estudo do gênero entrevista, como o de qualquer outro gênero discursivo, deve ocorrer no momento em que se fizer necessário. Uma situação em que o estudo de um conjunto de entrevistas deve ser empreendido é aquela em que num projeto interdisciplinar esteja prevista a realização de entrevistas com moradores da comunidade.

Bazerman (2005) observa que a realização de certos gêneros mobiliza um conjunto de outros gêneros. Segundo ele, “*um conjunto de gêneros é a coleção de textos que uma pessoa num determinado papel tende a produzir*”. (p. 32). O gênero entrevista ilustra muito bem essa assertiva. De fato, antes de proceder a entrevista um

repórter costuma telefonar ou mandar e-mail para o futuro entrevistado ou para sua secretária, solicitando o agendamento do encontro. Um outro gênero a ser considerado é o roteiro que se prepara para que a entrevista seja produtiva. Segue-se a saudação no momento do encontro, a conversa preliminar com o entrevistado. Depois, na hora da edição da entrevista, vem a conversa do editor com o diagramador. Enfim, são tantos os gêneros praticados para que uma entrevista seja publicada que temos dificuldade de indicá-los com precisão. Note-se também que muitos deles passam despercebidos devido ao seu caráter de ação automatizada, marcada pelo hábito como são as saudações e os agradecimentos. Muitas vezes, ignoramo-los como gêneros discursivos, confundindo-os com unidades da língua. Devemos, no entanto, lembrar-nos de que:

Não é a dimensão que distingue uma unidade da língua de um enunciado, pois este pode ir desde uma réplica constituída de uma única palavra (por exemplo, “não”) até uma obra em vários volumes. O que diferencia é que o enunciado é a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos. O que delimita, pois, sua dimensão é a alternância dos falantes. (FIORIN, 2006, p. 21)

Quanto à complexidade, os gêneros são classificados por Bakhtin (2003) como primários – os que são assimilados no contato cotidiano – e como secundários – os que demandam uma aprendizagem para a sua assimilação. Um enunciado do gênero secundário pode englobar vários enunciados do gênero primário. Num romance, por exemplo, pode aparecer dezenas de outros gêneros discursivos (inclusive secundários): provérbios, bilhetes, tabuletas com nome de casa comercial, frases de pára-choque de caminhões, quadras populares, pregões de vendedores, saudações, receitas, cartas, testamentos, discursos de natureza filosófica, estética, religiosa ou política, entrevistas.

O ensino de língua materna deve ter como objeto central os gêneros discursivos porque só se pode comunicar através dos gêneros discursivos. Muitos deles são assimilados espontaneamente no dia-a-dia, mas outros requerem uma aprendizagem para a sua utilização. É para o ensino destes que a escola deve estar voltada, pois, de acordo com Bakhtin (2003, p. 284):

Muitas pessoas que dominam magnificamente uma língua sentem amiúde total impotência em alguns campos da comunicação precisamente porque não dominam na prática as formas de gênero de dadas esferas.

Algumas menções aos PCN já foram feitas aqui, no entanto volto a citá-los porque o surgimento de um documento oficial, preconizando o ensino de português embasado na teoria dos gêneros discursivos, deve ser visto com muito entusiasmo. Em primeiro lugar porque, ainda que se possam fazer muitas ressalvas ao referido documento, não se pode negar sua importância como renovador de debates no campo do ensino de língua, conforme pensa Marcuschi (2004). Em segundo, porque os livros didáticos têm de se adequar aos PCN e porque o conhecimento de seu conteúdo é obrigatório em muitos concursos públicos. O que faz com que muitos professores sintam necessidade de informar-se sobre a teoria dos gêneros discursivos. E em se tratando de referências aos gêneros discursivos, os PCN são pródigos. Em muitas passagens, podemos constatar a importância que os gêneros têm dentro das novas propostas curriculares. Os *PCN* de Língua Portuguesa de 5^a. a 8^a. séries (BRASIL, 1998) não só recomendam o estudo dos gêneros discursivos como também conceituam-nos:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, que geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados, historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos:

- conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizíveis por meio do gênero;
- construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero.
- estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor: conjuntos particulares de seqüências que compõem o texto etc.

Os PCN de Ensino Médio de Língua Portuguesa (BRASIL, 1999) não fazem muitas referências aos gêneros do discurso como os PCN do Ensino Fundamental, mas isso ocorre porque se espera que os professores leiam primeiramente estes. Assim sendo, quando o volume destinado ao Ensino Médio estiver sendo lido, os docentes já estarão familiarizados com a teoria e convencidos da importância da prática pedagógica a partir dos gêneros discursivos.

Coerentes com a teoria dos gêneros discursivos, os PCN (BRASIL, 1998) propõem uma superação do ensino de português que divide em blocos distintos gramática, literatura e redação. Sua orientação é que se tome o texto como *unidade básica de ensino* e que “a noção de gênero, constitutiva do texto, seja tomada como

objeto de ensino” (p.23). Recomenda também que se evite a fragmentação dos conteúdos, uma vez que o objetivo da disciplina é desenvolver a competência discursiva do aluno e não sua habilidade de fazer análises metalingüísticas. Para isso é preciso abandonar a forma tradicional de ensinar português, já que “o estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporciona uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem, incluindo-se aí o texto literário”. PCN (BRASIL, 1999, p. 129)

1.4 Projetos de leitura e produção de textos

A linguagem é produto de uma interlocução e, portanto, varia no tempo e no espaço. O tema de uma conversa de hoje pode ser o mesmo de uma conversa ocorrida há 100 anos, mas o estilo, a visão de mundo dos falantes não são iguais. Os gêneros discursivos sofrem variação na sua forma e no seu conteúdo, por isso os PCN recomendam que não se submetam todos os textos a um tratamento uniforme nem que se ignore a diversidade de recepção e, principalmente que se trabalhe com projetos, visto que eles “são situações em que as atividades de escuta, leitura e produção de textos orais e escritos, bem como as de análise lingüística se inter-relacionam de forma contextualizada”. (BRASIL, 1998, p. 87)

Um projeto pedagógico consiste num conjunto de atividades programadas para ser realizadas dentro de um cronograma com a finalidade de atingir determinados objetivos.

A principal vantagem de um projeto é a possibilidade de focar um problema, uma necessidade diagnosticada a partir da observação do cotidiano do aluno em vez de ensinar conteúdos descolados da realidade dos estudantes com base apenas na tradição escolar, que se funda numa visão idealizada de aluno. Por essa perspectiva, não se consideram as potencialidades individuais dos aprendizes, que são tratados como se todos tivessem as mesmas vivências, as habilidades e competências ou fossem portadores das mesmas carências econômicas ou afetivas. Os conteúdos simplesmente são transmitidos aos alunos, dos quais se espera passividade, docilidade e esforço para assimilar, decorar os conteúdos dados. Por isso há poucos momentos para o trabalho em equipe. A cooperação não é estimulada, ao contrário, estimula-se a competição.

No trabalho com projetos, as atividades são realizadas, geralmente, em grupos. Os conhecimentos não são transmitidos de cima para baixo, mas construídos paulatinamente por meio de atividades que colocam o educando como sujeito de sua aprendizagem.

O professor não é visto como aquele que detém todas as respostas. Até porque, há um deslocamento de sua posição. Seu papel é mais de orientador ou mediador do que de mestre. Atua como um facilitador da aprendizagem. É alguém que propõe desafios aos estudantes e está por perto para encorajá-los a buscar soluções, por exemplo, para os problemas que se apresentam durante a pesquisa ou na hora de produzir o texto com as informações coletadas.

O espaço da sala de aula deixa de ser o único local de aprendizagem. Nele, a própria disposição do mobiliário sofre transformação. Manter carteiras enfileiradas deixa de ser uma exigência, pois não há necessidade de um controle rigoroso da disciplina, visto que os alunos, por estarem envolvidos nas atividades, se relacionam de maneira responsável com os colegas e com o ambiente.

Para o ensino de expressão oral e escrita, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) propõem o método da seqüência didática, “que é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual ora ou escrito”. (p. 97), e afirmam que: “Na medida do possível, as seqüências didáticas devem ser realizadas no âmbito de um projeto de classe, elaborado durante a apresentação da situação, pois este torna as atividades de aprendizagem significativas e pertinentes.” (p.100)

Tais seqüências são estruturadas da seguinte maneira:

- a) apresentação da situação (descrição detalhada da tarefa a ser realizada);
- b) produção inicial (primeiro texto produzido no gênero que está sendo trabalhado);
- c) módulos (as atividades realizadas entre a produção inicial e a produção final)
- d) produção final (texto pronto para a divulgação).

Os PCN (BRASIL,1998), que foram inspirados no grupo de Genebra, definem como módulos didáticos aquilo que Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2004) denominam de seqüências didáticas e classificam projetos e módulos didáticos como “organizações didáticas especiais”.

Com base nos textos do grupo de Genebra e nos PCN, Lopes-Rossi (2005a), elaborou um modelo de projeto pedagógico para a produção de gêneros discursivos constituído de três módulos didáticos, a saber:

1. leitura e atividades para apropriação das características típicas do gênero discursivo;
2. produção escrita do gênero de acordo com suas condições de produção típicas;
3. divulgação ao público, de acordo com a forma típica de circulação do gênero.

Em um projeto com módulos didáticos, faz-se, primeiramente, a leitura de diversos textos e as atividades necessárias para que o aluno se aproprie das características típicas do gênero discursivo que está sendo estudado. Após a assimilação dessas características, o aluno será estimulado a produzir pelo menos um texto do gênero discursivo em questão de acordo com suas condições de produção. A terceira e última etapa é a da divulgação da obra produzida pelos alunos (cartaz, poema, livro, revista, folder etc.) A circulação dessa produção - dependendo do gênero e de fatores tais como o público-alvo, quantidade de exemplares - pode ocorrer apenas no interior da escola ou extrapolar esse espaço.

Essa última etapa, que costuma ser negligenciada pela escola, é de suma importância porque faz o aluno perceber a função comunicativa do texto, e por isso ele se sentirá motivado a escrever melhor. Em tal contexto, a produção escrita deixa de ser uma mera atividade escolar para a qual o aluno não vê sentido algum e se torna um meio de ele interagir socialmente. As atividades de reescrita tendem a ser assumidas pelos alunos como uma etapa natural do processo de produção, não mais como um exercício repetitivo e sem finalidade - uma espécie de castigo.

Lopes-Rossi (2005b) afirma que alguns gêneros discursivos são mais adequados aos projetos de leitura do que aos de produção de texto. Cita como exemplo o gênero rótulo, cuja leitura é fundamental para que o cidadão/aluno não se deixe enganar por informações falsas ou intencionalmente ambíguas que alguns rótulos apresentam. Enquanto ensinar a leitura de rótulo é preparar o aluno para a cidadania, o ensino da produção de rótulos talvez nunca tenha uma justificativa plausível.

Para o ensino de um gênero basta o período de alguns dias ou meses, porém como estabelecer a organização de uma progressão didática que favoreça ou respeite o desenvolvimento intelectual do aluno, trabalhando com gêneros discursivos ao longo de um curso ou até de uma série?

Preocupados com esse problema e conscientes de que não é possível ordenar os gêneros discursivos em graus de complexidade (sequer é possível sistematizá-los), Schneuwly e Dolz (2004) propõem agrupamentos de gêneros que lhes “parecem ser

suficientemente diferentes uns dos outros para que seja possível definir, para cada um deles, algumas capacidades globais que se devem construir ao longo da escolaridade”. (p. 61) É interessante notar que esse autores prevêem que “um mesmo gênero pode ser abordado diversas vezes ao longo da escolaridade, com graus crescentes de aprofundamento” (p. 64).

Enquanto os dois pesquisadores suíços agrupam os gêneros discursivos principalmente pela tipologia discursiva (grupo do narrar, do relatar, do argumentar, do expor, descrever ações), os PCN (BRASIL, 1998) o fazem adotando o critério dos “usos sociais mais freqüentes dos textos”. Da classificação feita por este documento, surgem os seguintes agrupamentos de gêneros discursivos: literários, de imprensa, de divulgação científica e de publicidade, entre outros possíveis.

Mainueneau (2001, p. 59) chama atenção para o fato de que “os locutores dispõem de uma infinidade de termos para categorizar a imensa variedade dos textos produzidos em uma sociedade” e mostra as impossibilidades de estabelecer critérios rigorosos de classificação, mas alerta que “o rigor não impede, contudo, que se aceitem critérios variados, que correspondem a formas distintas de apreender o discurso.”

Pelo o exposto, conclui-se que novos agrupamento de gêneros discursivos não são descabidos. No caso desta pesquisa, procedi a uma seleção de textos de gêneros discursivos diversos a partir de um critério temático, isto é, relato de experiência pessoal (autobiográfico) e desta forma constituí um agrupamento de gêneros com um objetivo específico: propiciar o aluno a produzir textos sobre sua própria vida ao mesmo tempo em que desenvolve o gosto pela leitura e eleva a auto-estima.

1.5 Principais características dos gêneros discursivos abordados nesta pesquisa

Nesta pesquisa, trabalhou-se em sala de aula (e fora dela) com os seguintes gêneros discursivos: a) autobiografia; b) diário; c) conto d) crônica; e) poema f) letra de música;

Numa classificação ampla, podemos dividir os gêneros mencionados em dois grandes grupos. O primeiro como sendo aquele dos gêneros discursivos que tratam da realidade e o segundo como o dos gêneros discursivos cuja matéria é constituída de ficção. O grupo que trata do real abrange autobiografia e diário. O grupo da ficção compreende contos, crônicas, letra de música e poema.

Essa separação entre real e fictício não tem fronteiras rígidas, pois fatos rememorados chegam ao papel já filtrados, mediados pela linguagem, portanto já não se trata da realidade, mas de uma determinada visão sobre ela. Por outro lado uma narrativa de ficção não nasce do nada, ela é um tecido composto com os fios puxados do cotidiano do autor. De fato uma personagem, se não é cópia quase fidedigna de uma única pessoa, é a soma das características de muitas.

Autobiografia e diário são gêneros que, praticamente, só admitem o foco narrativo de primeira pessoa e a sua matéria é colhida diretamente da realidade vivida por seus autores. A invenção de episódios para compor essas narrativas é inaceitável. Por outro lado, os outros gêneros (conto, crônica, letra de música e poema) de que trata essa pesquisa podem apresentar foco narrativo de primeira ou terceira pessoa e a invenção de acontecimentos não somente é aceita como também valorizada pelos leitores. Não se deve esquecer, porém, que todo dizer sobre a realidade é mediado por um olhar, um ponto de vista.

1. 5.1 Autobiografia

Esse gênero discursivo é constituído pelos textos cujo autor narra os principais episódios de sua vida desde o nascimento até o momento da escrita. O relato autobiográfico está centrado no fazer, não no ser, ou seja, escrevo para dizer o que eu fiz de significativo na minha vida não para dizer o que eu sou. É um gênero que pode trazer em seu bojo outros gêneros tais como poemas, carta, certificados de premiação, declaração de outras pessoas sobre o autor, etc. Sua finalidade é compor uma identidade minuciosa e, geralmente, positiva do seu autor para seus fãs, admiradores ou descendentes. Sobre isso, vejamos o que diz Bakhtin (2003, p.141):

Minha contemplação de minha própria vida é apenas uma antecipação da recordação dessa vida pelos outros, pelos descendentes, simplesmente pelos meus familiares, pelas pessoas íntimas (varia a amplitude do aspecto biográfico da vida); os valores que organizam a vida e a lembrança são os mesmos.

O autor de autobiografia costuma ser uma pessoa de relevância (real ou presumida) no meio artístico, político, esportivo, científico.

1.5.2 Diário

Gênero discursivo cuja característica básica é ser um registro dos principais acontecimentos do dia-a-dia do autor. Lacerda (2003, p. 44) constatou que “A recorrência de datas, a identificação de pessoas, de lugares, os níveis de detalhamentos do cotidiano expressam uma forma de interlocução com o leitor e, ao mesmo tempo, estabelecem limites e possibilidades para a própria recepção”.

Em geral a escrita de diário tem função catártica. O autor escreve para desabafar, para registrar um fato agradável ou desagradável, para confessar algo que, naquele momento, ele não teria coragem de contar a ninguém, por isso é comum o diário ser tratado como um confidente, um amigo. Quanto à estrutura interna:

Os diários são constituídos de textos em geral compactos, de informações breves e mais ou menos contínuas, e por isso as anotações se associam umas às outras, mas são ao mesmo tempo independentes. (Lacerda, 2003, p. 45)

O suporte pode ser industrializado já como diário ou ser um caderno ou uma agenda adaptados com esse fim.

A maioria dos diários é feita por garotas, mas alguns meninos também têm esse hábito e escondem para não ser vítima de preconceito. Lacerda (2003, p. 45) afirma que “A prática da escrita diária é muito presente entre as moças, desde o século XIX.”

Existem também os diários de viagem e aqueles feitos por indivíduos vivendo no limiar da morte, isto é, indivíduos que estão passando por situações cuja possibilidade de sobrevivência é pequena.

1.5.3. Conto

O conto é do prisma dramático, univalente: contém um só drama, um só conflito, uma só unidade dramática, uma só história, uma só ação, enfim, uma única célula dramática. Todas as demais características decorrem dessa unidade originária: rejeitando as digressões e as extrapolacões, o conto flui para um único objetivo, um único efeito (MOISÉS 1992, p. 100).

Contos são, portanto, textos que narram um pequeno episódio da vida do protagonista. O contista focaliza apenas aquilo que tem relação direta com o conflito,

que é uma oposição entre duas forças. Segundo Moisés (1983, p.21), “O conto constitui uma fração dramática, a mais importante e decisiva, duma continuidade em que o passado e o futuro possuem significado menor ou nulo”

A definição (em epígrafe) tem sido a mais aceita para esse gênero discursivo, mas tem causado controvérsia ao longo da história da literatura, tamanha é a variedade de textos que recebem a denominação de contos. Pelo menos uma das balizas que orientam essa definição é ignorada em determinadas obras. Algumas ignoram a extensão, outras, o número de personagens, e assim por diante. Como se trata de uma criação literária, a liberdade de expressão prevalece sobre a norma, embora muitos críticos literários se esqueçam desse caráter libertário da arte, em especial da literatura, e queiram colocar o gênero discursivo conto numa camisa de força, determinando que só pode ser reconhecida como conto a narrativa breve que possua unidade de ação, de tempo e de espaço. Esse critério rígido de classificação incomoda muitos contistas. Mário de Andrade, num acesso de irritação, chegou a sentenciar: “em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto” (ANDRADE, 1972, apud GOTLIB, 1985, p. 9). Para ilustrar o quanto essa rigidez na caracterização do gênero discursivo o incomodava, Mário iniciou o conto *Vestida de preto*, com a seguinte ironia: “Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem se o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade” (ANDRADE, 1997).

Não se deve entender que Mário de Andrade julgue que a história narrada num conto deva ser verdadeira. Seu dizer metalingüístico é apenas um toque de sedução para motivar a continuidade da leitura. Ele usa essa isca porque sabe que muitos leitores se sentem atraídos para o relato documental. Isso provavelmente seja resquício da literatura oral. Neste tipo de narrativa, o contador procura dar um caráter de verdade à história que ele narra, colocando como protagonista alguém conhecido por pelo menos um membro da comunidade do(s) ouvinte(s). Em *Minha vida de menina*, de Helena Morley (1998, p. 173), a protagonista (a própria Helena) escreve em seu diário que na noite anterior, Reginalda, a criada, quando contava história para as crianças, narrou um fato bastante inverossímil sobre urubus, A narradora e o seu primo Leontino, sentindo-se ludibriados, imediatamente se afastaram do círculo de ouvintes sem dizer nada. No dia seguinte interpelaram a criada, objetivando censurá-la por lhes contar uma história inverídica. Eles imaginavam que ela fosse defender a veracidade do episódio, mas ficaram “desapontados dela (sic) sustentar que tinha mesmo inventado a

história, pois já tinha contado todas as que sabia.” A menina Helena Morley, embora não diga, deixa claro que uma narrativa, mesmo não sendo, tem de parecer verídica

Ainda hoje encontramos alguns alunos que, por não terem o hábito de ler, acreditam na correspondência direta entre a narrativa e a realidade e, por isso, ficam insatisfeitos quando o protagonista age de um modo que não corresponde à noção que eles têm do mundo real.

Nada impede que o contista se inspire num acontecimento, mas o conto “não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos” (GOTLIB, 1985, p. 12).

Ao longo da sua história, o conto passou por vários estágios de desenvolvimento. Por outras palavras: para atingir a forma atual, esse gênero discursivo começou como uma transmissão oral, depois passou a ter seu registro escrito até chegar a um momento em que um autor imprimiu-lhe um estilo, uma marca individual.

Segundo Gotlib (1985), alguns pesquisadores datam a origem do conto em 4000 a.C. e a situam no Egito, mas somente no século XIV o conto ganhou registro escrito e, conseqüentemente, começou a ser elaborado sob uma preocupação estética sem perder, contudo, o tom de narrativa oral. A expansão da imprensa no século XIX possibilitou a publicação de contos em inúmeras revistas e jornais.

Ao optar por trabalhar com contos em sala de aula, o professor não deve negligenciar as atividades que propiciam ao aluno assimilar as características típicas do gênero, mas deve estar ciente de que elas não são rígidas e propor a leitura de contos de épocas e autores variados a fim de ficar claro para os alunos que as características do gênero não são invariáveis, fixas como as de um soneto.

É importante frisar que as atividades pedagógicas não devem se transformar num mero pretexto para a assimilação das características do gênero. A própria natureza literária dos contos deve inspirar um trabalho docente orientado por um espírito livre e criativo, que, portanto, não amesquinhe a prática docente, intimidada por um saber novo.

1.5.4 Crônica

A palavra crônica designa dois gêneros discursivos. Um deles (já não praticado na sociedade contemporânea) consiste em um relato em ordem cronológica de fatos históricos. O outro gênero discursivo denominado crônica consiste num texto geralmente publicado em jornais, que pode tratar de qualquer assunto; às vezes com tanta liberdade e criatividade que ganha aura de literatura.

De acordo com Bender e Laurito (1993, p. 15)

A crônica, no sentido em que o termo é comumente usado hoje para designar um texto jornalístico que aborda os mais diversos assuntos, nasceu de um filão que começou no século XIX, na França e que se transplantou com sucesso para o Brasil.

Esse filão era chamado folhetim (do francês *feuilleton*). E o que era esse folhetim? Era um espaço livre no jornal, destinado a entreter o leitor e a dar-lhe uma pausa de descanso em meio à enxurrada de notícias graves e pesadas que ocupavam – como sempre ocuparam – as páginas dos periódicos. Com o tempo, a colhida do público com relação a esse espaço foi aumentando, e o folhetim passou a ser um chamariz para atrair leitores.

Esse gênero pode organizar-se em seqüências narrativas, expositivas, argumentativas e dialogadas. Certas crônicas podem até ser confundidos com um conto curto caso não se atente para a maior tensão dramática neste do que naquele gênero. Outras se aproximam do ensaio ou artigo. Sua matéria pode ser oriunda das notícias publicadas nos jornais ou de fatos presenciados pelo cronista, que costuma ser um observador atento do cotidiano.

A crônica costuma captar a linguagem dinâmica das ruas. É ela a primeira a incorporar e, portanto, a divulgar, para um público mais amplo, as gírias e os neologismos.

Algumas crônicas conseguem despertar interesse para além do contexto imediato e logram uma sobrevivência por tempo indefinido nas páginas de um livro, mas seu suporte precípua são as páginas dos periódicos. É idéia corrente que a crônica é um gênero menor. Antônio Candido (1980) chega a brincar com esse lugar comum:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

“Graças a Deus”, - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.

Rubem Braga é tido como o único escritor que se tornou famoso sendo apenas cronista.

Quando escrita em primeira pessoa, a crônica quase sempre é autobiográfica e, comumente, o cronista introduz informações que deixam claro esse caráter. Não há, pois, uma preocupação em fazê-la se passar por texto de ficção; embora, mesmo em texto que documenta uma situação, a imaginação do cronista participa enormemente da elaboração de sua trama.

No prefácio (intitulado *As crônicas revelam minha biografia*) do volume 17 da coleção *Para Gostar de Ler*, editora Ática, Rachel de Queiroz, autora das crônicas desse volume, declara:

Quando vêm me importunar com a exigência (que eu detesto) de escrever minhas memórias, a resposta que dou é sempre a mesma: quem quiser me saber a biografia leia minhas crônicas. Pela data e o local de cada uma, já há uma informação. E tudo que comento, que conto e que exploro, foi tirado de meu dia-a-dia. (QUEIROZ, 1995)

As crônicas *Chamava-se Amarelo*, de Rubem Braga, e *Musa paradisíaca*, *Tatiana Belinky* - trabalhadas no projeto - comprovam exemplarmente esse caráter autobiográfico de que nos fala Rachel de Queiroz.

1.5.5 Poema

Poema [do gr. *Poíema*, ‘o que se faz’ pelo lat. Poema.] S.m. 1. Obra em verso. 2. Composição poética de certa extensão, com enredo. [Dim. Irreg. Poemeto]. 3 Epopéia. 4. Mús. Peça orquestral em um só movimento e de caráter descritivo, de forma muito livre. (FERREIRA, A. B. H. 1975)

A transcrição do verbete deu-se em virtude da dificuldade de caracterizar poema como um gênero discursivo, pois esse termo abarca enunciados de tamanho, tema, estilo, organização composicional variados. Até a exigência de que o poema fosse elaborado em versos não tem mais validade. Modernamente um poema pode apresentar formas inimagináveis e inclusive utilizar o espaço em branco da página, como um

recurso expressivo na poesia visual. Esquisitices como um poeta mastigar pipocas enquanto recita um poema são consideradas partes constitutivas da poesia sonora.

Vale lembrar que a predominância do poema em versos por um longo período da história humana tende a reforçar a idéia de que a exploração de aspectos visuais e sonoros só começou no século XX, com os movimentos de vanguarda europeus, mas há registros de poesias visuais desde a antiguidade clássica. A propósito disso, Menezes (1998, p.9) declara:

Antes de ser um amontoado de linhas quebradas e rimadas, de difícil interpretação, a poesia foi desenho e canto, e, aos trancos e barrancos, assim se manteve historicamente até voltar, no nosso século de imagens e sons, a se manifestar como palavra dotada de formas visuais e sonoras, culminando na chamada “poesia visual”, de um lado, e na poesia sonora”, de outro.

Mesmo restringindo o conceito de poema a textos em versos não se poderia circunscrever um rol de características típicas do poema, pois quase todo texto escrito em verso é um poema ou se confunde com ele, ainda que a forma versificada não seja garantia de que um dado texto é um poema. Uma notícia redigida em versos rimados e medidos não deixa de pertencer ao gênero discursivo notícia. O que faz um poema não é a sua estrutura formal (embora esta quase seja um elemento constitutivo do gênero), mas sim algo inefável que transcende a palavra escrita ou falada e é denominado de poesia.

Não obstante poema e poesia terem sido apresentados como seres diferentes, em muitas situações essas duas palavras são sinônimas, porém Lira (1986, p. 6), esclarece:

O poema é, de modo mais ou menos consensual, caracterizado como um texto escrito (primordialmente, mas não exclusivamente) em verso. A poesia, por sua vez, é situada de modo problemático em dois grandes grupos conceituais: ora como uma pura e complexa substância imaterial, anterior ao poeta e independente do poema e da linguagem, e que apenas se concretiza em palavras como conteúdo do poema, mediante a atividade humana: ora como a condição dessa indefinida e absorvente atividade humana, o estado em que o indivíduo se coloca na tentativa de captação, apreensão e resgate dessa substância no espaço abstrato das palavras.

O uso indiscriminado dos dois termos encontra justificativa no fato de que o conceito poema só tem validade se aplicado a um texto no qual se reconheça a presença da poesia, e a importância desta é tamanha que se pode denominar o romance Iracema

como um poema em prosa, não por causa da sua estrutura, mas porque se reconhece nessa obra de José de Alencar uma apurada seleção e combinação de palavras que gera uma percepção nova dos objetos. Donde se conclui que a existência do poema é totalmente dependente da poesia. A designação poema pressupõe a presença da poesia. A inversão porém não é verdadeira, pois pode existir poesia em uma paisagem, em um filme, em uma pintura.

Até o momento só se falou de poema ou de poesia pelo lado da significação, da imagem, no entanto o ritmo na poesia é essencial e não pode ser esquecido em qualquer reflexão sobre essa arte. O ritmo contribui para a musicalidade do poema e está ligado exclusivamente a sua estrutura. Valéry (1991, p.214) considerava que “o valor de um poema reside na indissolubilidade do som e do sentido.”

Quando se vê a poesia por seu lado lúdico, e ele é muito importante, o poema, a parte concreta da poesia, adquire uma importância enorme, porque são muitos os elementos que contribuem para proporcionar uma leitura prazerosa de textos em versos. De acordo com Pignatari (1987, p.28):

Uma pausa maior, uma combinação inusitada de sons, o significado, o jeito de cortar e emendar um verso em outro, a utilização de sons conflitantes, dissonantes – tudo isso conta, já não para a criação rítmica, mas também para a música, o desenho, a coloração do poema.

Diante da abundância de características do gênero discursivo poema talvez não seja produtivo ou relevante a escola se preocupar em determinar os limites precisos desse gênero. Assim, evita-se cair numa discussão estéril. Staiger (1975, p. 14), falando de gêneros literários, afirma que a Poética, após um trabalho exaustivo, poderia chegar a um conceito global do que seria o gênero lírico, “mas um conceito que tenha validade geral será, por outro lado, vazio de significação”.

Em se tratando de poema, cabe à escola ensinar o aluno a fruir sua leitura, mas não a sua produção, pois um professor pode fazer o aluno apreender a estrutura típica de um soneto ou de uma epopéia, mas não pode dotá-lo da sensibilidade necessária para criar uma obra poética.

1.5.6 Letra de música

Esse gênero discursivo tem estrutura formal semelhante à do poema. Algumas vezes até se confunde um com o outro, por serem ambos escritos em versos.

O compositor costuma subordinar o texto à melodia, o que, às vezes, exige uma elaboração aligeirada. Além disso, a letra não é o elemento principal na música popular. Muitos compositores preocupam-se em fazer um texto que possa ser decorado quase automaticamente pelo consumidor. E esta palavra foi colocada de propósito, pois, na verdade, trata-se, antes de tudo, de um produto de consumo e, como tal, procura atender o gosto do freguês.

Não há nenhum tema que seja interdito, mas a temática do amor é predominante nesse gênero. Pode-se observar também que, geralmente, o texto é constituído por um conjunto de declarações ou confissões de um indivíduo que fala a um suposto amado ou a uma suposta amada. Ainda nesses casos, observa-se também que o tempo verbal predominante é o presente do indicativo, entretanto nada impede que algumas letras tenham um enredo digno de um conto ou de um poema épico e sejam centradas num foco narrativo de terceira pessoa.

Algumas letras de música têm todas as características de um bom poema, apenas se diferenciam na finalidade, pois uma letra é composta para ser cantada não propriamente para ser lida. Conforme Aguiar (1993, p. 11):

As palavras da letra servem para fixar a melodia na memória. Saber cantar as canções é um dos prazeres do ouvinte, e isto só possível graças à presença da letra combinada à música.

Letra de música e poema (poesia) pertencem a áreas artísticas diferentes. Música e literatura respectivamente, mas ambos nasceram como um gênero discursivo oral único, portanto eram manifestações indissociáveis, que, com o decorrer do tempo, se tornaram gêneros distintos, ainda que mantendo muitas características em comum.

CAPÍTULO 2

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES COM OS TEXTOS, OBJETIVOS E COMENTÁRIOS

2.1 Apresentação do capítulo

Este capítulo apresenta: a) os procedimentos de pesquisa, b) textos trabalhados nesta pesquisa e breves comentários sobre eles, c) os objetivos das atividades realizadas, d) as questões propostas para compreensão dos textos, e) os comentários sobre as repostas dadas.

2.2 Procedimentos de pesquisa

Nesta pesquisa não se trabalhou com um único gênero discursivo como era de se esperar, porque, mais do que objetivar o domínio de um gênero discursivo, o que se pretendia era oferecer um conjunto de gêneros com muitas características em comum para que o aluno se sentisse livre na escolha de um gênero para expressar-se por meio dele. Em decorrência disso, os contos, as crônicas, as letras de música, os poemas, as páginas de diário trabalhados em sala de aula tematizam a vida do narrador-personagem e, embora sejam textos muito bons, tratam de assuntos bem corriqueiros, banais, que podem fazer parte da vida de qualquer pessoa. Evitei episódios heróicos, inusitados, para não deixar o aluno com a sensação de que não era capaz de produzir textos semelhantes.

Quanto ao estilo e ao aspecto composicional, todos os gêneros trabalhados se organizam em sequência narrativa, tem um enredo linear, simples, vazado numa linguagem prosaica, mesmo os poemas, portanto são textos fáceis de serem imitados.

A noção de gênero discursivo foi tomada como objeto de ensino, portanto foram propostas atividades para que os alunos assimilassem as características típicas dos

gêneros estudados. Deve-se ter em mente, porém, que os gêneros com os quais trabalhei, até por serem, em sua maioria, do campo da literatura, não apresentam uma forma na qual todos os textos se encaixam. O alunos deveriam apropriar-se de determinadas características do gênero (condições de produção, de circulação etc.) tanto para melhor compreender o texto em estudo quanto para a produção do seu.

Aprender características do gêneros discursivos significavam, inclusive, perceber a sua relativa estabilidade. Por exemplo, só estudamos contos com poucas personagens e isso é uma característica predominante desse gênero, mas meus alunos foram informados de que há contos com um grande número de personagens. Procurei evitar que o estudo dos gêneros discursivos se prendesse muitos a investigação e fixação das características temáticas, estilísticas e composicionais de cada gênero. Até porquê, como já declarei, os gêneros com que trabalhamos não têm características totalmente estáveis.

Para esta pesquisa, servir-me da teoria dos gêneros principalmente no que toca a entender a linguagem como interação, como uma relação dialógica, por essa perspectiva o ensino de produção de texto considera a função social deste e, por isso, quase sempre prevê a sua circulação. O texto produzido em sala de aula passa a ter leitores em vez de um leitor, o professor, que vai esquadrinhá-lo com a finalidade de dar uma nota ao seu produtor.

Os gêneros discursivos são uma excelente ferramenta de ensino, porém nós, como seus usuários, temos de evitar o mau uso que muitos livros didáticos têm feito dela, conforme nos alerta Fiorin (2006, p. 60):

Depois que os Parâmetros Curriculares Nacionais estabeleceram que o ensino de português fosse feito com base nos gêneros, apareceram muitos livros didáticos que vêem o gênero como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obedecer. O gênero é, assim, um produto, e seu ensino torna-se, então, normativo. Sob a aparência de uma revolução no ensino de Português está-se dentro da mesma perspectiva normativa com que se ensinava gramática.

Um projeto pedagógico, baseado nos gêneros discursivos, conforme propõe Lopes-Rossi (2005), deve apresentar três módulos didáticos, assim divididos:

No módulo 1, fazem-se várias atividades de leitura de diversos textos do gênero em estudo para a apropriação das suas características típicas. Concluída essa etapa,

passa-se para o módulo 2, no qual se faz a produção de um texto de acordo com os procedimentos constituintes do ato de produzir aquele gênero discursivo. Devem-se reproduzir, tanto quanto possível, as condições de produção do gênero em estudo. Prevê-se uma etapa de revisão e refacção do texto, com a mediação do professor e dos colegas de sala, se for possível.

Obtida a versão definitiva do texto, faz-se a sua divulgação de acordo com as condições de circulação do gênero (módulo 3) para que a produção dos alunos circule dentro ou fora da escola e, portanto, tenha uma função social.

Os módulos 1 e 2 mesclaram-se, nesta pesquisa, em vez de acontecerem em progressão. Essa adaptação da proposta de Lopes-Rossi (2003; 2005a; 2006) deveu-se ao fato de este projeto não estar centrado apenas em um único gênero discursivo, logo não se tratava de propiciar ao aluno a assimilação das características típicas de um gênero para depois propor-lhe a produção de um texto.

Neste projeto, trabalhou-se com vários gêneros que mantêm um parentesco entre si no fato de possuírem uma temática comum: relato de experiência pessoal. O critério para agrupar os gêneros discursivos foi definido com base em duas finalidades: a primeira era que os alunos, ao final do projeto, estivessem aptos a produzir textos autobiográficos e também textos ficcionais. A segunda finalidade era colocar os alunos em um contato sistematizado com textos literários (mas não somente) que favorecessem à produção de relatos autobiográficos, memorialísticos.

Um projeto de leitura e produção como este pode ser realizado num período mais curto se o seu foco for na leitura para a assimilação das características do gênero e na produção de um exemplar dele. Este projeto, no entanto, estendeu-se por um semestre letivo (março a junho), tendo, portanto, uma duração maior do que a recomendada por Lopes-Rossi (2002) Por duas justificativas.

A primeira, mas não necessariamente a mais importante, foi o fato de os sujeitos da pesquisa serem alunos de supletivo, que voltam à escola com expectativa de receber um determinado conteúdo e resistem às mudanças que lhes pareçam uma sonegação dele. Foi, pois, necessário introduzir no projeto atividades de linguagem que contemplassem também o estudo da gramática da Língua Portuguesa.

A segunda justificativa para a longa duração do projeto deveu-se à variedade de gêneros discursivos trabalhados. O propósito maior não era a completa assimilação dos aspectos temáticos, estilísticos ou composicionais dos gêneros discursivos e sim oferecer um rol de textos sobre experiências pessoais que propiciasse ao aluno uma

sensação de liberdade de expressão, um sentimento de que ele também seria capaz de produzir textos interessantes a partir de suas vivências.

Incutir nos alunos essa sensação de que eles eram capazes redigir bons textos foi um estímulo fundamental para que muitos deles superassem a timidez, o medo de fracassar e colocassem no papel suas histórias, seus depoimentos, ou até ousassem enveredar pela ficção.

2.3 Apresentação geral dos textos e das atividades realizadas com eles

Esta parte estrutura-se da seguinte forma: 1. comenta-se brevemente o texto, destacando as suas principais características (incluindo seu contexto histórico quando isso se fizer necessário) e os objetivos gerais do trabalho com ele. 2. apresentam-se as atividades realizadas. 3. Faz-se uma avaliação das atividades.

É preciso lembrar que, geralmente, no momento da chamada correção das questões, as dúvidas ou os comentários dos alunos dão ensejo a que o professor aprofunde determinados conteúdos trazendo à baila outros exemplos ou conceitos. São situações que eu considerava paralelas à pesquisa, por isso não registrei, mas devia porque a simples transcrição do questionário não dá a idéia da diversidade de pormenores que afloram numa aula.

os textos utilizados em sala de aula foram os seguintes: a) *Das cartas censuradas* 2, b) *Infância*, c) *Incompatibilidade de gênio*, d) *Curvas do rio*, e) *Lá no morro*, f) *Varandas da Eva*, g) *A partida*, h) *Missa do Galo*, i) *Uma amizade sincera*, j) *Chamava-se Amarelo*, l) *Sem medo*, m) *Musa paradisíaca*, n) *Quarto de despejo*, o) *Anarquistas, graças a Deus*, p) *Senhora dona do baile*, q) *Jardim de inverno*, r) *Chão de meninos*, s) *A casa do Rio Vermelho*, t) *Memórias póstumas de Brás Cuba*.¹

¹ Os textos de Zélia Gattai e o romance de Machado de Assis são comentados aqui sob a seguinte rubrica: **autobiografias, memórias e romance**.

2.3.1 Das cartas censuradas 2, poema de Anka Kolwalska (anexo 2)

Das cartas censuradas 2, de Anka Kowalska, é um poema em versos, mas com características de carta como o próprio título sugere, inclusive com um clichê típico desse gênero discursivo: “te escrevo então para dar notícias”. Nele o eu poético (uma presa política) escreve ao suposto marido, que também se encontra preso, para informar que mudou de cela no campo de internamento e para demonstrar carinho e preocupação com o amado.

A poetisa extrai de um contexto político um poema lírico bastante comovente, mas sem as pieguices ou os lamentos que a situação poderia suscitar. A revolta do eu poético é expressa de maneira comedida na recusa em ver o mar quando lhe é permitido subir ao andar das companheiras.

É um poema que pode servir para introduzir uma discussão sobre crime de consciência e liberdade de expressão. Além disso se pode, a partir dele, discutir o uso criativo que os poetas (mas não apenas eles) fazem da hibridização de gêneros discursivos.

O objetivo do trabalho com esse poema com relação ao tema/assunto da pesquisa era mostrar que certas características de um gênero discursivo podem ser aproveitadas criativamente para a elaboração de textos de outro gênero. Foi um ensejo também para se refletir sobre as perguntas: O que é um poema? O que faz um texto mesmo não sendo escrito em versos ser classificado como poema?

Paralelamente ao objetivo básico, o estudo desse poema, feito por uma polonesa que passou pela prisão em seu país, intentava sensibilizar os alunos para problemas políticos tais como a falta liberdade de expressão e o conseqüente crime de consciência.

2. 3. 1.1 Questões propostas para o estudo do poema Das cartas censuradas 2:

Com as questões 1, e 2 (abaixo), eu pretendia sensibilizar os alunos para a percepção das características dos gêneros discursivos carta. As respostas dadas serviram de ponto de partida para a discussão sobre os elementos constituintes de uma carta. Já a questão 12 visava a discussão sobre o gênero discursivo poema.

As demais perguntas tencionavam propiciar uma leitura reflexiva do poema a partir da observação de alguns elementos lingüísticos. É possível objetar-se que nem

todas elas seriam necessárias à compreensão do texto, no entanto em sua defesa argumento que são úteis como atividades que concorrem para que o aluno ative habilidades adquiridas ao longo de sua vida escolar. Ei-las:

1. Além do título trazer a palavra cartas, que outros elementos aproximam este poema do gênero discursivo carta?
2. Que elemento essencial de uma carta não aparece nesse poema?
3. O verbo morar é apropriado para a situação em que se encontra o eu poético? Justifique sua resposta.
4. Na sua opinião, por que o eu poético não quer ver o mar?
5. O que o eu poético imagina quando recebe informações do amado?
6. “me abraçarás sob uma árvore viva”

Numa situação normal, não se usaria o adjetivo viva na frase acima. No contexto desse poema, que efeitos de sentido ele pode adquirir?

7. Que verso informa que o amado também está preso?
8. A primeira estrofe indica que os amantes já não podem se comunicar por meio de:
 - a) telefone
 - b) carta
 - c) recado
 - d) mímica
9. Que palavra da primeira estrofe indica que antes os amantes podiam se comunicar e agora não podem?

10. No poema, diz-se que o mar pode ser percebido por meio de três sentidos. Indique os versos referentes aos seguintes sentidos:

- a) paladar
- b) audição
- c) visão

11. Que efeitos de sentido o uso reiterado de orações intercaladas (me dizem, ouvi dizer) reforça?

12. Que elemento (s) dá (ao) a este texto o estatuto de poema?

A leitura desse texto não comoveu os alunos como eu esperava. Nenhum manifestou simpatia ou solidariedade pelo eu poético (a presa). A causa dessa indiferença manifestada pela turma talvez esteja fundada num despreço por presos em geral.

A exacerbação da violência está gerando contra os marginais um ódio incondicional da maior parte da sociedade, que passou a ver a pena de morte como uma solução para a criminalidade e chega a defender a tortura como forma de punição. Entre pessoas que estão se sentindo ameaçadas pela onda de violência, a leitura de um poema feito por uma pessoa que esteve presa parece não despertar sentimentos de compaixão. Vêem os presos como se fossem seres que não pertencem à raça humana. E mais: que merecem estar sujeitos a todo tipo de sofrimento.

Não houve produção de textos a partir desse poema. Apenas atividade de linguagem e conversa sobre crime de consciência. Também foi sugerido que os alunos vissem o filme *Olga* para aprofundamento do tema.

2.3.2 Infância, poema de Carlos Drummond de Andrade (anexo 3)

Este é um poema no qual o eu poético descreve de maneira sucinta a rotina da criança que ele foi, vivendo sem a companhia de crianças de sua idade numa fazenda.

Os adultos da casa - o pai, a mãe e a preta velha - sempre às voltas com o trabalho, não têm tempo para dispensar atenção ao menino, que não tendo companhia, passa seu tempo entretido com a leitura. Não é à toa que o livro lembrado é Robinson Crusóe, cujo protagonista tem a existência marcada pela solidão em uma ilha deserta.

2.3.2.1. Questões propostas para o estudo do texto *Infância*:

Com relação à pesquisa, tinham-se os seguintes objetivos para o trabalho com este poema: a) estimular os alunos a escreverem sobre sua infância, b) Continuar a reflexão sobre as características do gênero discursivo poema.

Os outros objetivos eram: a) compreensão do texto, b) fixar alguns conhecimentos sobre figuras de linguagem c) rever alguns conteúdos de gramática tais como homônimos e aspectos do pretérito imperfeito do indicativo.

O ensino de figuras de linguagem vincula-se a um conteúdo tradicional que se quer superar, portanto a aparição dele nessa pesquisa causa estranheza, já que ela intenta contribuir para uma mudança no enfoque do ensino de língua materna. Trata-se de uma das muitas contradições que se encontram não somente nesta pesquisa mas também na educação brasileira. Algumas destas contradições não têm uma justificativa plausível, são produtos da displicência, ingenuidade, ou da má-formação docente, outras provêm do descompasso entre a escola e a sociedade. Alguns setores desta percebem as mudanças ocorridas naquela apenas como uma queda de qualidade, jamais como adoção de teoria mais modernas, apoiadas em pesquisas científicas, por isso, quando certas instituições abrem um concurso público, fazem questões de português com conteúdos típicos de quatro ou cinco décadas atrás.

Mesmo dentro da Educação existe esse descompasso. Os vestibulares, com pouquíssimas exceções, são uma prova disso. A maior parte deles ignoram completamente todas as propostas curriculares com as quais muitas redes estaduais e o MEC vêm tentando mudar as práticas didático-pedagógicas neste país e cobram conteúdos ultrapassados.

Isso faz com que muitos professores não sintam necessidade de mudar os conteúdos ou a forma de abordá-los. Os que adotam propostas modernas sofrem de conflito interior e precisa, muitas vezes ao longo do ano, convencer seus alunos de que está agindo corretamente - não raro mistura irrefletidamente o tradicional e o moderno.

Eu pertencço a este grupo e esta é a razão principal para a proposição de exercícios de reconhecimento de figura de linguagem como os que seguem:

1. O emprego dos verbos no pretérito imperfeito do indicativo deve se ao fato de o eu poético referir-se a ações:

- a) realizadas com frequência.
- b) únicas, irrepitíveis.
- c) sem relação com outras.
- d) incertas, hipotéticas.

2. Nos versos “Comprida história que não acaba mais”, “mato sem fim da fazenda” temos a seguida figura de linguagem:

- a) metáfora
- b) hipérbole
- c) personificação
- d) ironia

3. No primeiro verso da segunda estrofe, o poeta empregou a palavra voz em lugar da dona da voz (a preta velha) isso caracteriza a seguinte figura de linguagem:

- a) metonímia
- b) antítese
- c) gradação
- d) metáfora

4. O contraste entre a cor do dia e a do café resulta na seguinte figura de linguagem:

- a) perífrase
- b) paronomásia
- c) antítese
- d) metonímia

5. A palavra *psiu* é formada por imitação de um som. Palavras formadas assim são chamadas de:

- a) arcaísmos
- b) neologismos
- c) onomatopéias
- d) barbarismos

6. A expressão “nos longes da senzala” indica distância temporal ou espacial? Justifique sua resposta.

7. Escreva o significado dos homônimos:

Cosendo
Cozendo

8. “E dava um suspiro... que fundo!”

Na sua opinião, por que a mãe suspirava?

9. Qual era a ocupação do pai?

10. Por que o pai é o único adulto que não fala com o eu poético no texto?

11. É correto afirmar que os dois últimos versos revelam um certo saudosismo da infância? Justifique sua resposta.

12. A lembrança que o eu poético tem da “preta velha” é agradável ou desagradável? Justifique sua resposta.

13. Cite pelo menos um elemento (fora o fato de ser escrito em verso) que nos permite caracterizar este texto como poema.

14. Pelo texto é possível inferir que o poeta passou sua infância no campo ou cidade? Justifique sua resposta.

Ao comentar alguns aspectos da vida do eu poético, que o poema deixa entrever, alguns alunos destacaram a figura paterna como sendo alguém que não tinha diálogo com o filho e nisso se identificaram com o poeta. Muitos disseram que a mãe é mais acessível que o pai, ainda que este seja uma pessoa presente no dia-a-dia dos filhos.

Após as atividades de compreensão desse poema, foi solicitado aos alunos que produzissem textos relatando episódios de suas infâncias. Alguns estudantes falaram de sua infância de maneira mais abrangente, outros optaram por falar de um único episódio de suas vidas.

2.3.3 Incompatibilidade de gênio, letra de música de João Bosco e Aldir Blanc. (anexo 4)

Cantada por Clementina de Jesus, essa composição musical, de atmosfera cômica, traz um eu poético que relata a um interlocutor, tratado por doutor, uma série de queixas prosaicas contra sua mulher e acaba declarando que quer se separar dela.

Este samba mostra, de modo vivaz, mas um tanto estereotipado, certos hábitos e costumes dos moradores dos morros da cidade do Rio de Janeiro. A linguagem retrata o falar do “malandro carioca”.

Com relação à pesquisa, a escolha dessa letra de música deveu-se basicamente ao fato de o eu-poético tratar de seu convívio com a esposa. Julguei interessante oferecer aos alunos o contato com um texto que retrata o cotidiano doméstico de um casal com humor e realismo. Era uma forma de afastar a crença de que só assuntos “solenes”, só feitos heróicos ou inusitados deviam ser privilegiados em seus futuros textos.

Como é de praxe no meu fazer pedagógico, preparo muitas questões sobre um mesmo texto. Observando a posteriori me dou conta de que algumas poderiam ser descartadas: seja por não ter nenhuma relação imediata com os objetivos propostos seja porque nada acrescentam em termos de informação ou de desenvolvimento de habilidades.

Essa prática pouco condizente com o bom planejamento das aulas ocorre devido, em parte, a algumas idiossincrasias e, em parte, devido à correria a que quase sempre estou submetido. De maneira que, muitas vezes, o que considero bom posteriormente me parece medíocre. As questões que seguem ilustram bem o que disse. São muitas, tratam de conhecimentos variados e algumas estão aquém do que se pode exigir do último ano do Ensino Médio. Apesar disso, o resultado, como se descreverá depois das questões, foi positivo.

2.3.3.1 Questões propostas para o estudo do texto **Incompatibilidade de gênio**:

1. Na sua opinião, quem é o doutor ao qual o eu poético se dirige?
2. Caracterize o casal, considerando os seguintes aspectos: linguagem, hábitos e costumes, nível de escolaridade, nível socioeconômico.
3. que insinuação há no episódio do sonho?
4. Na sua opinião, os compositores dessa música querem fazer uma denúncia social ou explorar os aspectos cômicos que podem haver no cotidiano de um casal? Justifique sua resposta.
5. Por quê, ao se referir ao sexo, o eu lírico faz uso da linguagem figurada?
6. O eu lírico se reporta a ações que aconteceram e a ações que costumam acontecer sempre. Leia o texto observando os tempos verbais e transcreva dois trechos em que os verbos estão no presente, pois indicam ações que se repetem ao longo da vida do casal.
7. A expressão **tem dó** nesse texto transmite idéia de:
 - a) arrependimento
 - b) irritação
 - c) súplica
 - d) outra. Qual? _____
8. A forma verbal **bastou** nesse texto tem aspecto de
 - a) presente do indicativo

- b) pretérito perfeito do indicativo
- c) futuro do presente
- d) imperativo afirmativo

9. Qual foi o motivo último (a gota d'água) que levou o eu poético a querer a separação? Justifique sua resposta.

10. O que significa **deu na cabeça** nesse texto?

11. Por que, na sua opinião, a mulher, apesar de atazaná-lo de várias formas, faz simpatia para ele não ir embora?

12. “Se eu dou,/um pulo um pulo, um **pulinho**,/um instantinho no bar”.

O diminutivo **pulinho**, nesse texto, conota:

- a) altura
- b) tempo
- c) distância
- d) outra idéia. Qual? _____

13. Esse texto pode ser considerado um poema? Justifique sua resposta.

14. Retire do texto algumas palavras ou expressões típicas da linguagem popular.

O trabalho com esse texto foi bastante interessante e a sua compreensão gerou polêmica. Levei o cd, e os alunos ouviram duas vezes a música, cantada por Clementina de Jesus. Álvaro, um aluno que canta profissionalmente, já conhecia esta sambista e comentou o fato de ela ter gravado um disco pela primeira vez aos 63 anos de idade. Outros fizeram comentários sobre a dupla de compositores, João Bosco e Aldir Blanc.

Quanto às questões propostas, a maior dificuldade foi com a segunda questão. Muitos não a entenderam e tive que atender a vários alunos que queriam “uma ajuda”.

A nona questão gerou controvérsia. A maioria colocou como resposta o fato de a mulher do eu lírico sonhar com ele e mandá-lo jogar no burro. Parece que ninguém ficou convencido de que a gota d'água para o pedido de separação tenha sido a mudança de estação de rádio feita pela esposa enquanto o marido escutava a narração do jogo do Flamengo. Mesmo depois que eu lhes disse que a expressão “tem mais” indicava que a

queixa principal já tinha sido feita, muitos fizeram expressão de desacordo. Aparecida chegou a dizer: “Separar, só por isso?” Contra-argUMENTEI que esse motivo fútil para uma separação conjugal reforça o caráter humorístico desse samba. Calaram-se, mas fiquei com a impressão de que não estavam satisfeitos, apenas respeitavam o meu lugar de professor.

Em momentos como esse, percebe-se que acaba prevalecendo, de modo velado, o discurso autoritário de que o professor é único portador do saber ou de que o aluno, embora não concorde, não tem o direito de polemizar.

2.3.4 Curvas do rio, letra de música de Elomar Figueira de Melo (anexo 5)

Neste texto, o eu poético é um agricultor que, por causa da seca em sua região, se vê obrigado a abandonar sua terra e buscar trabalho em São Paulo ou no Triângulo Mineiro. O texto é constituído pela fala do agricultor no momento da sua despedida no qual ele expõe as razões por que tem de partir para “um trecho alei”.

É uma obra de conteúdo social muito forte e aguda linguagem poética, composta por um léxico regional muito peculiar. Sua escolha para fazer parte dos textos desta pesquisa se justifica por seu aspecto autobiográfico (embora seja uma obra ficcional) e pelo desejo do professor de oferecer uma significativa variedade de gêneros e de universos.

Além disso, trabalhar com essa letra de música tinha as seguintes finalidades:

- a) mostrar aos alunos uma variante lingüística bastante diferente daquela que usam no dia-a-dia e que, no entanto, tem tanto valor quanta a deles;
- b) Mostrar que uma variante lingüística pode ser utilizada para a expressão artística sem que o texto perca sua beleza, desmistificando a idéia corrente entre eles de que só quem tem estudo produz arte de qualidade;
- c) discutir problemas sociais e ambientais a partir de um texto aparentemente despretensioso;
- d) Revisar algumas noções de figuras de linguagem;
- e) Chamar atenção para alguns aspectos culturais e valores do homem do sertão nordestino.

2.3.4.1 Questões propostas para o estudo do texto *Curvas do rio*:

1. Copie este texto na norma culta.
2. Caracterize o eu poético (pessoa que fala no poema).
3. Por que o eu lírico vai “corrê trecho”?
4. Desde quando a terra dele vem sofrendo agressões?
5. Ele prevê voltar logo ou demorar? Justifique sua resposta.
6. Que apelo o eu poético faz à sua mulher?
7. Para onde o eu poético tenciona viajar?
8. Como está sua situação financeira? Justifique sua resposta.
9. Transcreva do texto dois versos que mostram a situação de penúria em que se encontra o eu poético.
10. Copie a passagem em que o eu poético se despede do filho.

11. “é duro moço ritirá prum trecho alei / c’ua pele no osso e a alma nos bolso do veí”
O trecho transcrito acima revela:
 - a) conformismo;
 - b) revolta;
 - c) ambição;
 - d) vontade de ficar.

12. Explique o trecho usado na questão 11 em linguagem denotativa.

13. O refrão do poema revela que o eu poético
 - a) é muito religioso e tem um apego enorme a sua terra.
 - b) tem espírito de andarilho.
 - c) detesta ver a mulher chorar.
 - d) gosta de pescar e, por isso, não consegue ficar longe do rio.

14. Que recomendação o eu poético faz a sua mulher no penúltimo verso?

15. Explique a metáfora: “sô imbuzeiro das bêra do rio”.

16. No decorrer do texto, o eu poético dirige-se a três interlocutores. Quem são eles?

17. A atmosfera desse poema é de alegria ou de tristeza? Justifique sua resposta.

18. A terceira estrofe inicia-se como uma contestação. Na sua opinião, ele contesta o argumento de que
 - a) não deve partir.
 - b) não deve tomar dinheiro emprestado.

20. O eu poético tem um modo particular de se referir ao tempo, isto é, ele não utiliza palavras como mês, ano, década etc. Copie uma passagem do texto em que isso patente.

21. Copie do texto um exemplo de:
- personificação ou prosopopéia
- catacrese
- antítese

22. Na sua opinião, o velho Brolino existe mesmo ou é apenas uma personagem tipo, isto é, um nome que representa os agiotas da região?

23. Comente as seguintes palavras de Elomar Figueira de Melo sobre a migração nordestina:

“Os que vão e voltam não são mais nada. Não deram certo lá: não dão mais certo aqui. Não pertencem mais à realidade da caatinga. Negam a língua, os costumes, as tradições. Vem querendo “civilizar” os que ficaram. Querendo ensinar como falar certo, como viver direito.”

24. Esse texto é lírico ou social? Por quê?

25. Este texto está escrito numa variante lingüística típica de um Estado brasileiro? Que Estado é?

26. Este texto pode ser considerado literário? Justifique sua resposta.

As questões propostas em sua maioria não exigem outras habilidade a não ser a de localizar no texto, no entanto a maioria dos aluno teve dificuldade de respondê-las sem ajuda por causa do vocabulário incomum, do desconhecimento do contexto (hábitos e costumes regionais nesse caso) e da linguagem condensada.

A primeira atividade proposta foi a reescrita do texto na modalidade padrão da língua. Visava fazer o aluno se debruçar sobre o texto, detendo-se nas palavras e expressões que lhes eram estranhas. Não se esperava que os alunos conseguissem transpor todo o texto para a língua culta, apenas que experimentasse a dificuldade de executar tal atividade. Além disso, foi ressaltado que, se houvesse uma versão rigorosa da variante regional para a língua padrão, o texto perderia em expressividade e ritmo.

Algumas vezes, os alunos não atinavam com o significado da palavra e levantavam hipóteses totalmente descontextualizadas. As palavras sugeridas por eles deixavam a passagem quase sempre sem coerência com a situação. “tai (talho = golpe) de enxada” virava a tal de enxada. Afiloteus (nome próprio) foi substituído em várias versões por a filhos teus. Às vezes, era preciso explicar hábitos do universo sertanejo como conservar a carne pendurada numa corda sobre o fogão de lenha, guardar a farinha mandioca em cuias (vasilha feita de cabaça), pedir a bênção aos pais ou às pessoas mais velhas da comunidade.

Uma herança não só do homem medieval mas também dos índios é o costume de marcar a passagem pelas mudanças climáticas. É o que ocorre, por exemplo quando o eu poético se despende dizendo: “até as boca das águas que vêm”. Na zona rural do Nordeste, é muito comum ainda marcar o tempo fazendo referência a festas religiosas. “Nasci no mês de São João (junho), no mês de Sant’Ana (julho)” “Ou isso aconteceu nas trovoadas de São José”. Comemora-se o dia desse Santo em 19 de março. E acredita-se que se não chover nesse dia ou nos dias seguintes, o primeiro semestre do ano será perdido, pois nele não haverá mais chuvas suficientes para a agricultura. Por isso as chamadas trovoadas de São José são tão importantes que servem de marco temporal para acontecimentos destes dias incluindo-se nascimentos de bebês. Ainda dentro do costume de usar fenômenos da natureza como marcador de tempo, pode-se lembrar da expressão “de caju em caju”, empregada quando se quer dizer que um determinado acontecimento não é muito freqüente. Por exemplo, para se referir a alguém que não é assíduo às missas diz-se que tal pessoa só vai à igreja de caju em caju. O uso da expressão de caju em caju se deve ao fato de o cajueiro, que é uma árvore abundante no litoral nordestino, só produzir com intervalos de um ano. Não havia safra de caju no meio do ano como há de manga e de muitas outras frutas.

Quanto às questões ambientais suscitadas pela música *Curvas do rio*, discutiu-se o modo tradicional de preparar a terra para a lavoura, que é derrubar a mata e queimá-la. Uma das razões que o eu poético dá para sair temporariamente de sua propriedade é a de que a terra precisa descansar, ou seja, ali a vegetação deve crescer novamente para que o húmus reapareça, tornando o solo fecundo, produtivo outra vez. Lembrou-se também das queimadas como um dos agentes do efeito estufa, que ameaça a existência humana no Planeta Terra com mudanças climáticas devastadoras.

O excesso de questões somado às dificuldades de compreender a linguagem causou um certo de desconforto nos alunos, mas os objetivos propostos foram alcançados.

2.3.5 *Lá no morro*, conto de Wander Piroli (anexo 6)

Nesse brevíssimo conto, o narrador conta que um dia seu pai chegou cabisbaixo, sentou-se ofegante e logo depois três homens invadiram o barraco, subjugaram seu pai e levaram-no dando-lhe socos e pontapés.

A miséria, a falta de comunicação entre os membros da família e a violência são os principais temas que este conto suscita para debate.

A utilização desse texto na sala de aula foi baseada no fato de seu enredo ser constituído pela lembrança de um episódio marcante na vida do narrador. Além disso é um texto literário de boa qualidade, que pode ser trabalhado em uma ou duas aulas.

Os objetivos principais eram: a) revisar a noção de variantes lingüísticas, b) discutir a importância do tempo numa narrativa, c) discutir o papel do foco narrativo, d) reconhecer a caracterização do ambiente, e) observar o caráter plurissignificativo da linguagem literária.

2.3.5.1 Questões propostas para o estudo do conto *Lá no morro*:

1. Considerando-se o título, as duas modalidades da língua (padrão e popular) usadas pelo narrador e a falta de explicação para o acontecimento presenciado por ele, pode-se afirmar que:

a) o momento da narrativa e o da história não se distanciam muito.

b) o narrador é um adulto, mas relata o fato pela ótica da criança que ele era quando presenciou o acontecimento.

c) o narrador é onisciente, pois sabe o que passava pela cabeça das outras personagens.

d) outros. Quais? _____

2. “*Papai envém aí.*”

O modo de falar transcrito acima ainda é usado por uma parte da população

- a) da Cidade de São Paulo
- b) do Estado do Rio Grande do Sul
- c) da zona rural de Minas Gerais.
- d) de São Luís, capital do Maranhão
- e) de outros lugares. Quais? _____

3. “Papai atravessou a porta em silêncio e **ao invés** de chutar o tamborete arredou-o de leve”. A partir da expressão **ao invés** só **NÃO** se pode pressupor que

- a) O menino achava que pai devia chutar o tamborete.
- b) O pai costumava chutar o tamborete quando voltava para casa.
- c) O pai chegava a casa agressivo.
- d) O menino se acostumara com a atitude do pai.

4. Em “Não exalava cachaça **desta vez.**”, subentende-se que o pai

- a) sempre bebia cachaça.
 - b) trabalhava em alambique.
 - c) gostava de aspirar cachaça.
 - d) banhava-se com cachaça.
 - e) outros. Justifique
- _____

5. Assinale a alternativa em que não há linguagem conotativa.

Linguagem conotativa é aquela em que pelo menos uma palavra é utilizada para sugerir ou provocar interpretações e significações não-convencionais.
--

- a) “Ela me espetou os olhos apagados”.
- b) “Mamãe acendeu a lamparina, e a claridade arredou as primeiras sombras da tarde para os cantos do quarto”.
- c) “Angustiava-me um sentimento doloroso por papai: era como se o estivesse descobrindo sob a camada de violência...”
- d) “Seu rosto estava molhado de suor”.

6. O advérbio **lá** que aparece no título (**Lá no morro**) caracteriza somente um distanciamento espacial? Ou temporal também? Justifique sua resposta.

7. A palavra **morro** caracteriza apenas um acidente geográfico ou também um espaço sociocultural (favela, por exemplo)? Justifique sua resposta.

8. Mesmo que não houvesse alguma referência ao barraco como moradia, o leitor poderia compreender que essa família

era pobre. Que objetos de uso doméstico possibilitam essa compreensão?

A leitura do conto *Lá no morro* causou um certo estranhamento nos alunos. Alguns chegaram a dizer que era uma história “sem pé nem cabeça”. Eles queriam saber por que o pai sofreu aquela agressão. Eu lhes disse que provavelmente o contista quisesse deixar o leitor com a mesma perplexidade, o mesmo sem-saber de uma criança a quem não dão explicação sobre acontecimentos como esse. Alguns acharam possível essa hipótese. Um aluno disse: “O cara que escreveu isso é maluco!”

Quanto à violência e a falta de diálogo entre os membros da família, outro aluno declarou: Eu nunca morei em favela, mas em favela é assim mesmo”. Uma aluna retrucou: “Não é só em favela... em muitas casas, a família não conversa uns com os outros. O pai chega gritando, e a mãe e os filhos é que sofrem”. “Vocês viram que esse pai chegava sempre bêbado?” perguntou uma segunda aluna e logo completou seu pensamento: “com um pai desses não dá pra ser feliz.”. Uma terceira aluna sentenciou: “Ele teve o que mereceu!” Por último, uma aluna, que ainda não tinha falado, perguntou, inconformada com a falta de resposta no conto: “Mas o será que ele aprontou para virem atrás dele?”

O conto é escrito na modalidade padrão da língua. Só a palavra *envém* da frase “Papai *envém* aí” denuncia um certo regionalismo do narrador. No momento da correção. Foi perguntado aos alunos o que significava o uso dessas diferentes linguagens pela mesma pessoa, nesse caso, o narrador. Depois de opiniões diversas, chegou-se a conclusão hipotética de que o narrador nascera em favela, mas atingiu um bom nível de escolaridade, por isso deixou de usar a variante lingüística aprendida com seus pais. Quanto a opinar se o narrador deixou o morro antes ou depois de ter estudado, não houve unanimidade. Uns acreditavam que, morando no morro, ele acabaria deixando a escola nas séries iniciais. Outros diziam que é possível “terminar os estudos morando em favela”.

O mais importante no trabalho com esse conto foi a provocação desse debate. É sabido que discussões assim costumam não se esgotar na aula e continuam na rua, no ponto de ônibus, no lar. Às vezes, o aluno, inconformado por não ter conseguido convencer o colega ou o professor, chega a sua casa e reconstitui toda a situação para, ao final, expor seu argumento aos familiares, tentando granjear a anuência deles para a sua opinião.

2.3.6 *Varandas da Eva*, conto de Milton Hatoum (anexo 7)

O enredo desse conto origina-se na iniciação sexual do narrador e de três amigos seus: Gerinélson, Tarso e Minotauro. O sonho deles era ir ao Varandas da Eva, um bordel em Manaus, cidade onde as personagens moram. O tio do narrador, um senhor chamado Ranulfo, ex-frequêntador assíduo do bordel, prometeu levá-los lá quando tivessem mais idade. No dia em que a promessa foi cumprida, Tarso, já na porta, desistiu de entrar. Os amigos ficaram sem entender o motivo.

No bordel narrador apaixonou-se pela mulher com quem ele passou a noite. Voltou lá várias vezes, foi a outros bordéis e não a encontrou mais. Muito anos depois, ao sair de uma vara cível, foi espairecer-se junto a um igarapé e viu Tarso descarregando uma canoa. Nesse ínterim, uma mulher saiu à porta da palafita e chamou Tarso por “meu filho”. O narrador reconheceu-a. Era a mulher por quem ele tinha se apaixonado no Varandas da Eva.

A leitura desse conto comovente é bastante prazerosa e desperta a nossa atenção para vários temas: a amizade, a iniciação sexual dos jovens, os costumes e os valores morais em épocas passadas, as diferentes personalidades dentro de um grupo de amigos e os rumos que a vida pode tomar.

A linguagem segue a modalidade padrão, mas contém algumas palavras e expressões típicas da região norte do Brasil, que podem ser destacadas nas atividades lingüísticas em sala de aula. Até para mostrar que as variantes lingüísticas constituem uma riqueza da língua não um problema.

O conto *Varandas da Eva* também é um relato em que o narrador volta-se retrospectivamente para um episódio de sua vida, por isso se coaduna perfeitamente com a proposta do projeto em questão.

Os objetivos principais do trabalho com essa obra eram mostrar as mudanças de costumes de uma época para outra e chamar atenção para alguns aspectos da linguagem e da estrutura do texto.

2.3.6.1 Questões proposta para o estudo do conto *Varandas da Eva*:

1. “Varandas da Eva: o nome do lugar.

Não era longe do porto, mas naquela época a noção de distância era outra. O tempo era mais longo, demorado, ninguém falava em desperdiçar horas ou minutos.”

Por quê, daquela época para hoje, a noção de espaço e de tempo mudou?

2. Fazer “serenatas para a namorada de um inimigo” consistia numa espécie de

- a) provocação ao inimigo
- b) pedido de desculpas ao inimigo.
- c) ofensa à namorada do inimigo
- d) outros. Quais?

3. Em que a vida do tio Ran contrastava com a dos garotos da turma?

4. “A **máquina** passava perto da gente...”

Máquina foi empregada no texto para não repetir a seguinte palavra:

- a) moça
- b) Dauphine
- c) lambreta
- d) outra. Qual? _____

5. A localização do bordel Varandas da Eva revela que características morais da sociedade manauense daquela época?

6. Além de tratar da iniciação sexual do narrador e de seus amigos, o texto suscita reflexões sobre a amizade, o destino das pessoas, as diferentes personalidades dentro de um grupo. Escolha um desses temas e comente-o com base no texto.

7. “Pobre pobre não se levanta, mano.”

A afirmação acima pode ser entendida como equivalente a esta: *Uma pessoa muito pobre não melhora suas condições de vida.*

Você concorda com esse pensamento da personagem Minotauro? Justifique sua resposta.

8. “Anos depois, um dia, num fim de tarde, eu acabara de sair de uma vara cível e passava pela avenida Sete de Setembro. Divagava. E já não era jovem. A gente sente isso quando as complicações se somam, as respostas se esquivam das perguntas. Coisas ruins se assanhavam, escondidas atrás da porta. As gandaias, os gozos de não ter fim, aquele arrojo

dissipador, tudo vai se esvaindo. E a aspereza de cada ato é que surge, como um cacto, ou planta sem perfume. Alguém que olha para trás e toma um susto: a juventude passou...”

No trecho transcrito acima, predomina a narração ou a digressão? Justifique.

Fala-se em **digressão** sempre que a dinâmica da narrativa é interrompida para que o narrador formule asserções, comentários ou reflexões normalmente de teor genérico e transcendendo o concreto dos eventos relatados (REIS, 1988, p. 237).

9. Na sua opinião, por que o narrador, que tinha tanta simpatia por Tarso, não procurou uma reaproximação com ele?

10. Gerinelson (...) era cheio de reticências.

Que relação pode ser estabelecida entre um texto de cheio de reticências e a vida da personagem Gerinelson? (Se precisar, pesquise os usos desse sinal de pontuação).

11. (Minotauro) ...“ era soldado S1, e se preparava para o exame de suboficial da Aeronáutica. Servia na base terrestre, de guerras na selva. Não queria voar.

‘Sou um homem com os pés no chão’, foi logo dizendo”.

A partir da frase sublinhada no trecho acima, pode-se depreender todas as afirmações abaixo, exceto:

a) Sou um homem sensato.

b) Sou um homem pobre.

c) Voar é loucura.

d) Tenho mais afinidade com o trabalho na terra do que no ar.

12. Na mitologia grega, Minotauro é um homem com cabeça de touro. Nesse conto, ao se referir a seu amigo Minotauro, o narrador utiliza-se de algumas palavras próprias para indicar ações de animais. Releia as passagens em que se fala dessa personagem e copie os vocábulos que a aproximam de um animal.

13. “A gente entra na floresta, escuta os ruídos da noite e a noite é escura que nem o dia.” (frase de Minotauro).

Na sua opinião, a ilogicidade, expressa na frase acima, deve ser atribuída a um lapso do escritor ou à intenção de corroborar a leseira (idiotice) atribuída pelo narrador à personagem Minotauro? Justifique sua resposta.

14. Sobre sua vida adulta, o narrador apenas declara “minha vida tomou outros rumos.” Por isso não se fica sabendo de sua profissão, no entanto, na penúltima página, ele diz: “Anos depois, um dia, num fim de tarde, eu acabara de sair de uma **vara cível...**”

Essa passagem sugere que ele provavelmente tenha se tornado:

- a) criminoso
 - c) advogado
 - b) vereador
 - d) outros. Quais?
-

15. Que personagem lhe causou mais simpatia? Por quê?

16. Qual é a sua opinião sobre este conto?

A leitura desse conto foi feita pelos alunos em suas casas. Foi dado o prazo de uma semana para as atividades extraclasse, leitura e compreensão de texto. Quase todos alunos leram e responderam às questões. Alguns alegaram falta de tempo e se desculparam por não ter feito a tarefa.

Muitos alunos não gostaram desse conto. A falta de um final feliz parece que foi o motivo principal do desagrado deles. Uma aluna disse textualmente: “Ele tinha que ficar com ela. Poxa! Demorou tanto para se reencontrarem... Quando se encontram, ele vai embora sem dizer uma palavra! Não gostei disso.” Argumentei que eles viviam em mundos diferentes, porém não convenci essa aluna, que continuou inconformada com o desfecho do conto.

2.3.7 A partida, conto de Osman Lins

Em *A partida*, de Osman Lins, o narrador descreve o que se passou na noite que antecedeu à partida dele para outra cidade. Na casa morava ele e a avó, que o tratava com muito carinho. Naquela noite, porém, eles quase não se falaram. A comunicação ocorre quase que somente por gestos. O neto porta-se de maneira ríspida com a avó que o criou, com receio de não segurar a comoção que a separação iminente lhe estava causando.

Neste conto curto, revela-se a complexidade da alma humana, ao mostrar que, uma pessoa, por um mero capricho, é capaz de agredir um ente querido para ocultar um sentimento genuíno de afeição.

No tocante a esta pesquisa, o trabalho com esse texto tinha como objetivo:

- a) revisar as características estruturais do gênero discursivo conto;
- b) estimular a produção de texto, sugerindo que o aluno assumisse o ponto de vista de uma personagem, no caso, a avó.

2.3.7.1 Questões propostas para o estudo do conto *A partida*:

1. O narrador declara que queria deixar sua casa, por entre outras razões, estar farto de ser querido. Como se explica esse fato?
2. “Percebi que minha avó não me olhava.” Na sua opinião, por que a avó não olhava para o neto naquele momento?
3. “Andei pela casa, cabisbaixo, à procura de objetos imaginários...”
 - 3.1. que palavras estão aglutinada em cabisbaixo?
 - 3.2. Esse adjetivo (cabisbaixo) indica um estado físico ou emocional? Justifique sua resposta.
4. Esse conto foi publicado pela primeira vez num livro intitulado *Os gestos*. Que relação há entre esse conto e aquele título?
5. “Por fim, ela veio ao meu quarto, curvou-se:
- Acordado?”

Reescreva o trecho transcrito acima em discurso indireto.

6. “ Sentei-me na cama, as têmporas batendo, o coração inchado, retendo uma alegria dolorosa, que mais parecia uma anúncio de morte. As horas passavam, cantavam grilos, minha avó tossia e voltava-se no leito, as molas duras rangiam ao peso de seu corpo. A tosse passou, emudeceram as molas; ficaram só os grilos e os relógios. Deitei-me”

Com que intenção o narrador faz essa longa descrição?

Que informação o narrador nos dá quando diz:
emudeceram as molas?

Explique o paradoxo encerrado na expressão *alegria dolorosa*.

7. Pode-se dizer que o sentido auditivo foi o mais usado na véspera da partida do narrador? Por quê?

8. “Enfim, beijei sua mão, bati-lhe de leve na cabeça”

Que palavra da segunda oração do período acima evita a repetição do pronome **sua**?

9. Por que a mesa foi posta com a louça dos grandes dias? Aquele era um grande dia para o neto? Por quê?

10. Na sua opinião, a leitura desse conto ajuda-nos a compreender a mente humana? Justifique sua resposta.

Todas as atividades com esse conto foram feitas em sala de aula. Primeiramente, fez-se uma leitura silenciosa. Em seguida, um aluno começou uma leitura em voz alta e foi sucedido por outros até o final do texto. Antes de passar à realização das atividades escritas, o professor fez oralmente algumas perguntas sobre conflito, quantidade de personagens, unidade de espaço e tempo da história para que se caracterizasse esse texto como pertencente ao gênero discursivo conto.

Quanto à função da literatura, na discussão da questão n.º 10, parece que ficou claro para a maioria dos alunos que a leitura de um conto como este ajuda-nos a conhecer melhor o ser humano uma vez que o texto nos mostra as contradições, o descompasso entre a ação da personagem e o que ela está pensando ou sentindo. Uma aluna chamou atenção para o fato de que “muitas vezes nos identificamos com aquilo que estamos lendo como se estivéssemos no lugar da personagem ou como se ela fosse um outro eu da gente.”

Após a correção das questões, foi pedido que os alunos se colocassem no lugar da avó naquela noite e escrevessem um texto contando como se sentiu, o que observou em relação ao neto, o que pensou sobre a partida dele e por que motivo ele fora criado com a avó. Poucos alunos fizeram a redação, porém nenhum deles soube (ou quis) se colocar no papel da avó. Apenas redigiram algo que se pode chamar de paráfrase resumida do texto original. Sem tom de censura, expliquei novamente o que eu tinha solicitado, mas não insisti nessa proposta de produção porque naquele momento julguei não ser proveitoso impor meu desejo.

2.3.8 *Missa do Galo*, conto do Machado de Assis

Este é um dos contos mais conhecidos da literatura brasileira. O narrador nos conta que na noite do Natal de 1861 ou 1862 ele esperava, lendo na sala de estar, um amigo com o qual ia à Missa do Galo. Conceição, a dona da casa, sai do quarto, de roupão, e entabula com ele uma conversa sinuosa cuja finalidade básica parecia ser a manutenção do contato entre ambos. O mote desse conto é a dúvida do Nogueira, o narrador-personagem, se Conceição se insinuou para ele ou não. Este é um bom texto para um primeiro contato com a obra de Machado de Assis, que sabia como ninguém construir os diálogos e revelar o íntimo das personagens.

Neste conto, pode-se também observar a habilidade de Machado de Assis em transferir para o leitor a resolução da dúvida se determinado fato ocorreu ou se deve ser creditado à imaginação do narrador como ocorre de maneira mais incisiva no romance *Dom Casmurro*.

2.3.8.1 Atividades com o conto *Missa do Galo*

As atividades com esse conto foram, sem dúvida, as mais agradáveis de toda a pesquisa. A sua leitura estava prevista para ser feita pelos alunos em suas casas. Distribuí as fotocópias e depois li a primeira página em voz alta como estímulo para os alunos continuarem lendo depois, mas insistiram tanto para saber o final naquele instante que acabei cedendo, e fizemos a leitura completa dessa narrativa no mesmo dia.

A leitura em voz alta, entremeada de explicações solicitadas pelos alunos (ou julgadas oportunas pelo professor), foi iniciada por mim e continuada por alguns alunos.

Alguém quis saber o que era candeeiro. Fiz o desenho desse utensílio na lousa, expliquei a origem da palavra e lembrei aos alunos que em 1861, ano em que a história se passa, ainda não havia luz elétrica. Foram pedidos esclarecimentos sobre as palavras maometana, apoplexia, canapé, Dumas, espaldar. Um aluno declarou que imaginara que o episódio contado em *Missa do Galo* tivesse acontecido de verdade com o autor. Outro quis saber quem era o Dr. Macedo (autor de *A Moreninha*) e depois falou algumas coisas que ele tinha aprendido sobre Machado de Assis.

Aproveitei o momento e o texto para explicar função fática, gradação, o uso da palavra meio, eufemismo, ironia, e características de conto.

Foram observados alguns costumes e valores da época. Falei também das características do estilo de Machado Assis e relatei o tema adultério ao Realismo contrapondo este movimento ao Romantismo. *Missa do galo* foi relacionado a *Dom Casmurro*. Citei ainda o romance *O Primo Basílio*. Fato que deixou uma aluna orgulhosa, porque já tinha lido esse obra.

Além das muitas perguntas, essa leitura suscitou muitos comentários espirituosos por partes dos alunos. O que demonstra que gostaram, que se envolveram nesta atividade. A melhor prova disso foi um aluno sair do fundo da sala e se aproximar do professor para “poder escutar melhor”.

Terminada a aula, foi pedido aos alunos que escrevessem em suas casas um texto no qual a personagem Conceição contasse o enredo desse conto. Muitas produções se afastavam bastante do que foi solicitado. Os textos que atendiam a proposta foram feitos por alunas. Conclui-se que, muito provavelmente, o machismo tenha impedido que os homens se colocassem num papel feminino e, deste modo, executassem a proposta satisfatoriamente.

2.3.9 Questões para diagnosticar o nível de conhecimento do gênero discursivo

conto

Após o trabalho com os contos, propus o questionário abaixo. A análise dos resultados demonstra que a maioria assimilou satisfatoriamente as características típicas desse gênero discursivo. Ao comentar o questionário, procurei deixar claro que há contos que não seguem esse padrão. Eis as questões:

1. Assinale os suportes nos quais um conto costuma ser encontrado:

- outdoor
- livro que reúne outros contos.
- revista literária.
- suplemento literário de um jornal.
- manual de instrução.
- livro didático.
- cardápio
- outros.

Quais? _____

2. A trama (história) do conto é
 copiada da realidade.
 imaginada pelo contista.
 outros. Justifique _____
3. A matéria de um conto é
 toda a vida do protagonista.
 um único episódio da vida do protagonista.
 outros. Justifique _____
4. Um conto apresenta
 muitos personagens
 poucos personagens
5. O clímax (momento de maior tensão) em um conto aparece
 um pouco antes do desfecho.
 no meio da narrativa.
 em outro lugar. Qual? _____
6. O espaço no conto
 varia (A história ocorre em muitos lugares).
 não varia
7. O tempo no conto é
 limitado (o conflito é resolvido logo).
 ilimitado
 não tem importância
 outro. Justifique _____
8. A linguagem no conto:
 obedece sempre às regras da modalidade padrão.
 depende da condição social das personagens e do ambiente do conflito.
9. Quanto ao tema,
 não há restrição (qualquer tema pode ser tratado num conto).
 há restrição. (alguns temas não podem ser tratados num conto).
10. O conto destina-se a
 qualquer leitor
 estudantes.
 outros. Justifique _____

2.3.10 *Chamava –se Amarelo*, crônica, de Rubem Braga (anexo 8)

Na crônica *Chamava-se Amarelo*, Rubem Braga conta que, em visita à sua cidade natal, Cachoeiro do Itapemirim, foi rever o córrego Amarelo onde ele brincava na infância e ficou chocado com o estado de degradação daquele curso d'água. Seu comovido relato é cheio de saudosas reminiscências dos acontecimentos da sua infância e dos costumes da gente daquela cidade. Também é um texto forte como alerta para as conseqüências nefastas do descaso com o meio ambiente.

O léxico desse texto apresenta bastante contribuições das línguas indígenas e contém algumas expressões típicas do falar capixaba.

Quanto à relação com a pesquisa, o trabalho com essa crônica teve os seguintes objetivos:

- a) oferecer um texto escrito com base nas reminiscência do autor, para que os alunos se sentissem estimulados a escrever sobre sua própria infância.
- b) Fixar o conhecimento sobre o gênero crônica.

Além dos objetivos mencionados, destaca-se nessa atividade a intenção de discutir questões de preservação ambiental que pudessem ser relacionadas diretamente com o município de Ubatuba.

2.3.10.1 Questões propostas para os estudo da crônica *Chamava-se Amarelo*

1. Dê a palavra primitiva destas:

- | | |
|-------------------|--------------------|
| a) inconfundível | c) enfurecida |
| b) impostergáveis | d) deflorestamento |

2. Destaque algumas palavras indígenas que aparecem nessa crônica.

3. Explique do seu modo o significado destas expressões:

- 3.1. ficam zanzando
- 3.2. tomando a fresca
- 3.3. há coisas de (quatro meses)

- 3.4. não dava pé
- 3.5. me cortou o coração
- 3.6. não pinicava a isca

4. Por que as moças e as mulheres de Copacabana fazem o cronista lembrar-se dos lagostins?

5. O que é novo, desconhecido, assusta. Que incidente vivido pelo cronista exemplifica a afirmação acima?

6. “...eles saem passeando lentamente na água **rasinha** sobre a areia, se mostrando.”

O diminutivo de rasa acima indica:

- a) carinho
- b) desprezo
- c) tamanho reduzido
- d) intensidade

7. “Há coisa de quatro meses estive **lá**.” O advérbio **lá** refere-se a que lugar?

8. O Amarelo iniciava, preparava os meninos da casa do cronista para enfrentar os perigos das águas mais caudalosas. Copie a passagem em que se diz isso.

9. Podemos dizer que a matéria dessa crônica é constituída

- a) pela imagem das moças e mulheres que passeiam em Copacabana nas noites quentes.

- b) por todas as recordações que o cronista tem de sua infância.

- c) por dois momentos da existência do córrego Amarelo.
- d) pelas notícias colhidas nos jornais.

10. “Embora no último inverno tenha chovido bem por aquelas bandas, o Amarelo estava tão magrinho, tão sumido, tão feio, que me cortou o coração.”

Na passagem acima, o Amarelo recebeu um tratamento que, comumente, se dá a

- a) um córrego.
- b) um menino carente.
- c) uma enxurrada.
- d) um tecido desbotado.

11. “O açude não existe mais.”

Rubem Braga deixou essa frase isolada constituindo um só parágrafo porque

- a) queria destacar esta informação, que é muito grave.
- b) não fez revisão do texto.
- c) tinha de repeti-la logo em seguida.
- d) começa a segunda parte do texto a partir dela.

12. Coloque V para assertiva verdadeira e F para assertiva falsa:

Nesse texto se observa:

- () um vocabulário incomum na conversa do dia-a-dia.
- () o emprego de palavras do cotidiano, inclusive expressões populares e gírias.
- () o rigoroso cumprimento das regras gramaticais.
- () predomínio da objetividade e da impessoalidade.
- () que o tema está acima das questões do dia-a-dia e é tratado com solenidade.
- () que o tema faz parte do cotidiano da maioria dos leitores de jornal e é tratado com leveza e liberdade.
- () o predomínio da subjetividade e de um certo lirismo saudosista.

13. “O Brasil está secando. A gente lê nos jornais artigos sobre desflorestamento, necessidade de proteger os cursos d’água, essas coisas que desde criança a gente sabe porque lê nos artigos de jornal. Mas agora eu sei: eu sinto....”

Que proveito nós, moradores de Ubatuba, podemos tirar dessas palavras do cronista?

A questão de número 12 objetivava o reconhecimento do gênero discursivo crônica, o que foi feito sem muita dificuldade por parte dos alunos.

Para a 13ª. questão, eu imaginava que eles fossem responder que em Ubatuba há muitos rios, mas que, se não cuidarmos de sua preservação, em pouco tempo esses cursos d’água poderão ficar como o córrego Amarelo de que fala a crônica, no entanto nenhum aluno arriscou uma resposta. Somente quando expus a minha idéia é que alguns concordaram com ela, mas sem muito entusiasmo. Talvez achem muito pouco provável que nosso município venha sofrer de escassez de água algum dia. Esse ceticismo deles me deixou um pouco frustrado em relação ao objetivo de despertar sua atenção para os problemas ambientais que nossa região começa a enfrentar.

. Depois de muitos anos lecionando, aprendi que nem sempre uma aula preparada com muita expectativa surte o efeito esperado.

Após as atividades de exploração dessa crônica, propus aos alunos que fizessem um texto contando algo sobre sua infância. Os textos produzidos em geral eram curtos e se limitavam a um relato de como foi a infância.

2.3.11 *Sem medo*, crônica de Danuza Leão (anexo 9)

A história do gênero discursivo crônica registra muitos textos de conteúdo metalingüístico, nos quais, geralmente, o cronista escreve refletindo sobre a falta de assunto ou a dificuldade de encontrá-lo quando resta pouco tempo para a entrega da crônica na redação do jornal. Este texto de Danuza Leão é metalingüístico, mas seu objetivo é incentivar a leitora a escrever, pois a cronista está convencida de que a escrita de si tem poder catártico.

A crônica literária normalmente se esquivava de dar conselhos ao leitor e, se o faz, quase sempre é em tom de burla. Já Danuza, nessa crônica, assume o papel de conselheira. Seu texto não almeja o simples entretenimento, ele quer persuadir a leitora e promete-lhe a felicidade como recompensa. Por esse aspecto, talvez não seja correto incluir este texto no gênero discursivo crônica, uma vez que ele tem uma finalidade prática.

Os textos utilizados nessa pesquisa, de uma forma ou de outra, tratam de experiências de vida. Seus autores/narradores tematizam suas próprias vivências. Diferentemente deles, a crônica de Danuza Leão não está centrada no “eu” e sim no “tu”, ou seja, a pessoa que fala no texto não objetiva dar informação sobre si mesmo, mas sim persuadir o leitor a registrar fatos de seu dia-a-dia, fazendo uma espécie de diário. Apesar dessa diferença entre essa crônica e aqueles textos, incluí-a no repertório de textos da pesquisa, porque o meu desejo como professor de língua materna é que os alunos escrevam; observo, no entanto, que, quanto mais anos de estudo um aluno tem, mais ele se afasta da escrita. Nesse cenário, o texto de uma pessoa famosa, que exorta as pessoas a escreverem (mesmo que não “saibam”), tem um alto valor persuasivo e contribui ativamente para o aluno passar a ver a produção de textos com outros olhos.

Portanto, tratava-se de um texto que vinha ao encontro do meu projeto de pesquisa que tinha como um dos objetivos básicos a produção de textos autobiográficos, exatamente como recomenda Danuza.

2.3.11.1 Questões propostas para o estudo do texto *Sem medo*

1. **Catarse** *sf.* 1. Purgação; purificação. 2. *psiq.* Liberação de pensamentos, idéias, etc. que estavam reprimidos no inconsciente, seguindo-se alívio emocional. (Miniaurélio)

É correto afirmar que, para Danuza Leão, o ato de escrever sobre si mesma tem função catártica? Justifique sua resposta.

2. Segundo o critério de classificação da revista VEJA, esse texto entraria na lista de:

- a) ficção
- b) não-ficção
- c) auto-ajuda
- d) outra. Qual? _____

3. Na sua opinião, o que representa a ilustração feita por Maria Eugênia?

4. “ESCREVER: todo mundo devia escrever uma ou duas páginas por dia, (...). Para isso não é preciso saber escrever (...)”

Releia o primeiro parágrafo e desfaça o aparente paradoxo, explicando o sentido da expressão **saber escrever**.

5. Destaque alguma passagem desse texto em que se nota a presença da linguagem informal.

6. Danuza Leão, ao escrever essa crônica, tinha em mente um leitor ou uma leitora? Justifique sua resposta com uma passagem do texto.

7. Na exortação: *Vá, escreva*, Danuza está tratando o interlocutor por tu ou por você? Justifique sua resposta.

8. “Eu me libertei não das minhas lembranças, mas dos meus fantasmas...”

8.1. Sem alterar-lhe o sentido, reescreva o período acima introduzindo nele a forma verbal **contínuo**.

8.2. A mensagem do período em questão fica mais expressiva com qual estrutura: a original ou a transformada? Por quê?

8.3. Por que seria recomendável empregar uma vírgula depois de *eu me libertei* (no original)?

9. Na sua opinião, considerando o **nome do caderno**, que assuntos o leitor da Folha de S. Paulo pode encontrar ao abrir o caderno intitulado *Cotidiano*?

Ao comentar a questão 6, comentei que este texto traz marcas lingüísticas que comprovam a tese de que quem escreve tem em mente um tipo de leitor. Danuza publica seu texto num jornal de grande circulação, por conseguinte, ela sabe que muitos homens poderão lê-la, porém no momento de escrever, ela se dirige às leitoras, possivelmente por imaginar que a grande maioria de seus leitores é composta por mulheres. Isso condiciona seu tema, estilo e vocabulário. Por ela ter esse público em mente, sua crônica tem um tom de conversa amistosa, de cumplicidade. Tal não seria se o conjunto de leitores concebido por ela fosse constituído por executivos. Nesse caso, certamente a leveza do tom daria lugar à solenidade e, provavelmente, o texto versasse sobre um tema relacionado às necessidades desse grupo.

2.3.12 *Quarto de despejo, Uma amizade sincera, Musa paradisíaca*, três gêneros discursivos numa só aula.

Em determinado momento do projeto, achei importante oferecer a oportunidade de os alunos fazerem atividades em grupo e de, sobretudo, praticarem a oralidade, por isso o conto *Uma amizade sincera*, de Clarice Lispector, a crônica *Musa paradisíaca*, de Tatiana Belinki e as páginas 42 e 43 do livro (diário) *Quarto de despejo*, de Carolina de Jesus não tiveram questões para serem respondidas individualmente. Em vez disso, foi pedido que, em grupos pequenos (de 4 ou 5 alunos), os alunos caracterizassem a linguagem, o gênero discursivo, o nível socioeconômico da(s) personagem(ns), determinassem o tema, e comentassem aspectos importantes dos textos e do seu contexto.

Apesar dos objetivos declarados acima, estava claro para o professor que esses três textos serviam aos propósitos desta pesquisa, pois tratam de relatos de experiências pessoais (não importando se reais ou fictícias) vividas pelo narrador. Além disso, o contato com eles reforça no aluno a idéia de qualquer situação pode servir de assunto para um texto. O diário, de Carolina de Jesus, tem a vantagem de mostrar que o pouco domínio da linguagem culta não deve ser impeditivo para o indivíduo expressar-se por escrito. A leitura desse texto ajuda a desinibir o aluno que tem medo de escrever por “não saber português”. Confrontar-se com um livro dessa espécie melhora sua auto-

estima. Alguns alunos devem pensar: “Se ela escreve errado assim, e seu texto é tido como bom, eu também posso escrever.”

Antes de relatar os resultados dessas atividades, passo a tecer alguns comentários sobre essas três obras, considerando-as separadamente.

2.3.12.1 *Quarto de despejo*, diário de Carolina de Jesus

Neste livro (diário) publicado em 1960, que foi um fenômeno editorial, atingindo mais de cem mil exemplares em pouco menos de um ano, uma favelada, que sobrevive catando sucata, registra diariamente, em folhas de caderno, a sua luta para conseguir alimentos para si e para seus filhos. Não escapam também de seu registro as desavenças entre os vizinhos, os preconceitos sofridos pelos favelados e incidentes de toda sorte.

Além de pintar um painel bastante vivo do universo da favela do Canindé, em São Paulo, Carolina mostra-se, mesmo com pouca instrução escolar, uma pessoa que sabe usar a língua portuguesa com bastante competência.

O editor agiu bem em manter os muitos erros ortográficos cometidos pela autora, porque eles servem como prova de que a ortografia não é o essencial num texto, como muitos professores de gramática parecem acreditar, quando reduzem a nota do aluno que grafa incorretamente quatro ou cinco palavras numa redação.

2.3.12.2 *Uma amizade sincera*, conto de Clarice Lispector

Dois rapazes (heterossexuais) se conhecem no último dia de faculdade e se tornam tão amigos que passam a morar juntos. No decorrer do tempo, embora a amizade continue, a presença do amigo torna-se incômoda. Um dia, com pretexto de passar as férias com a família eles se separam, mantendo a amizade; mas, intimamente, desejando não se reverem nunca mais.

Nesse conto, o enredo é mínimo como costuma sê-lo na maioria das obras de Clarice Lispector. A matéria narrativa, o conflito provém das inquietações do ser humano. Dos recônditos da consciência, surge uma voz que busca o significado da existência. Estes personagens procuraram, sedentos, uma amizade sincera, mas logo

depois um já não tinha paz na presença do outro, embora não tivessem deixado de ser amigos. Como se explica isso?

2.3.12.3 *Musa paradisíaca*, crônica de Tatiana Belinky

Na crônica autobiográfica *Musa paradisíaca*, Tatiana Belinky presencia o protesto de uma consumidora contra o preço da banana e passa a descrever o fascínio que essa fruta sempre exerceu sobre ela.

Tatiana conta que ficou maravilhada quando chegou ao porto de Santos e deparou com os montes de cachos de banana que seriam exportados. Até então ela nunca tinha imaginado que banana dava em cacho, pois, na sua distante terra natal, junto ao Mar Báltico, banana era vendida por unidade e somente em uma certa época do ano.

É um texto interessante por causa da prosa coloquial da cronista e porque confronta culturas e valores diferentes a partir de um acontecimento banal dentro de uma quitanda.

2.3.12.4 O resultado das atividades com os textos *Quarto de despejo*, *Uma amizade sincera* e *Musa paradisíaca*

Depois de executar as atividades propostas, os alunos fizeram um círculo e os textos foram lidos para a classe toda a fim de que todos conhecessem o conteúdo deles e pudessem compreender as idéias e observações surgidas nos diversos grupos.

Uma dúvida bastante interessante surgiu a partir da questão: a história contada no conto *Uma amizade sincera* é real ou fictícia? Muitos alunos só se convenceram de que se tratava de ficção quando foi observado que o narrador-personagem (um dos amigos) é homem e o autor do conto é mulher, Clarice Lispector.

O texto (páginas de um diário) de Carolina de Jesus suscitou, entre outros, o seguinte comentário: “Têm erros de ortografia, mas explica tudo bem explicado”. Essa fala mostra que a aluna está percebendo algo mais, ou seja, que a ortografia não é tão importante como se acredita.

Houve uma animada participação dos alunos nessa aula. Os objetivos imediatos, promover o trabalho em grupo e propiciar a oralidade, foram atingidos. Quanto ao objetivo de elevar a auto-estima, de estimular o aluno a escrever não seria possível verificar se foi atingido, mas é de se supor que isso aconteça de forma tácita e gradativa.

2.3.13 Autobiografias, memórias e romance

Na aula do 3 de abril, fui à biblioteca da escola e retirei os 25 livros (títulos variados) de autoria de Zélia Gattai e os 10 dez exemplares do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que havia ali. Ao me ver entrar na sala com tantos livros, os alunos perguntaram, espantados: “Para que isso, professor?” Tratei de tranquilizá-los: não seriam obrigados a ler.

Entreguei um livro para cada aluno (era a primeira aula da noite, muitos ainda não haviam chegado) e pedi que agissem como se fossem comprar o livro, isto é, folhassem atentamente a obra e lessem um pouco dela (quanto quisessem). Sentei-me e fiquei acertando o diário de classe e observando discretamente a atitude deles. Aos que iam chegando eu pedia que pegassem um livro na minha mesa e lhes repetia a orientação já dada aos demais.

Alguns se desinteressam logo pelo livro e passaram a mexer em seus cadernos; a maioria, no entanto, mergulhou na leitura por um bom tempo. Quando a conversa entre eles passou a predominar, eu perguntei se alguém queria comentar o que tinha lido. Não havendo resposta afirmativa, passei as seguintes questões na lousa:

1. Que livro você pegou?
2. O que lhe chamou a atenção, positiva ou negativamente, nesse livro?
3. O narrador é homem ou mulher? É de primeira ou de terceira pessoa?
4. Trata-se de ficção ou realidade? Justifique sua resposta.
5. Você “avaliou” mais de um livro? Por quê?
6. Você já tinha ouvido falar desse(a) autor(a)?
7. Você ficou com vontade de continuar lendo o livro que você pegou? Por quê?

Quando julguei que já haviam terminado de responder, disse-lhes que meu objetivo principal para essa atividade era proporcionar um contato com esses livros e

estimulá-los a retirá-los (esses ou outros) na biblioteca. Além disso eu gostaria de que houvesse uma troca de impressões sobre aquelas obras, por isso eu ia chamar alguns alunos e solicitar que respondessem a uma pergunta ou fizessem um comentário especialmente para a situação dada.

No final da aula, alguns manifestaram o desejo de retirar o livro na biblioteca para continuar lendo. Muitos tinham ouvido falar em Jorge Amado, mas não em Zélia Gattai. Outros acharam a leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* difícil, começando pela irreverente dedicatória, que gerou muitos comentários de desaprovação. Poucos tinham ouvido falar de Machado de Assis.

De modo geral, a avaliação que faço dessa aula é positiva. Foi um momento em que a aula foi utilizada, antes de tudo, para a prática da oralidade.

2.4 Conclusão do capítulo

Nas cinco turmas de Supletivo com as quais trabalhei este ano, o estudo de literatura não era percebido como sendo necessário, útil. Havia uma grande preocupação com o estudo da gramática. Muitos expressavam com insistência o desejo de falar o “Português certo” e para isso imaginavam que tinham necessidade de aprender regras gramaticais fazendo exercícios exaustivamente, inclusive pediam lição de casa com questões de gramática. Eu tentei (e acho que consegui) convencer a maioria de que o estudo da gramática pela metodologia tradicional não seria bom porque a duração do Supletivo é bem menor e porque, se fôssemos estudar intensivamente a gramática, eles deixariam de ter conteúdos novos, típicos do Ensino Médio.

Mostrei para eles que a gramática é melhor fixada quando contextualizada. O seu estudo deve ser motivado por uma necessidade, uma dúvida ou porque o texto em estudo possibilita o ensino e a conseqüente compreensão de um determinado conteúdo gramatical. Antes se dava a regra gramatical e se ia atrás do exemplo que ajudasse a assimilação dele, hoje estuda-se o texto e quando surge na expressão algum problema que a gramática pode solucioná-lo, recorre-se a ela. Não se trata mais de fazer o aluno decorar uma extensa nomenclatura gramatical para fazer análise morfológica e sintática.

Mais do que aprender a fazer análise sintática ou morfológica, o aluno do Ensino Básico precisa aprender a consultar uma gramática, precisa aprender a escolher o termo ou o enunciado que melhor expressa aquilo que ele quer comunicar.

Uma dissertação, por mais minucioso que seja, não dá conta da diversidade de acontecimentos, das reações, do envolvimento de cada participante na pesquisa.

No decorrer dessa pesquisa, procurei respeitar os estágios de desenvolvimento de cada de aluno. Quando chegava à carteira de um aluno e observava que a execução da atividade proposta estava sendo feita de maneira equivocada, eu o orientava evitando constrangê-lo. Em vez de cobrar obediência a regras gramaticais, eu procurava mostrar as opções que o aluno poderia fazer e os efeitos de sentido que uma dada escolha acarretava.

Sempre que foi possível, em vez de impor minha proposta, procurei convencer o aluno da importância de executá-la. Evitei o máximo tanto ser autoritário quanto ser permissivo. Respeitar interesses e preferências do grupo em vez dos meus era a alternativa mais comum. Paralelamente a procurava estimular a cooperação entre eles.

Deixava claro que não se pode aprender tudo, entretanto é sempre possível aprender mais. Durante as atividades de compreensão de texto, insistia na tese de que a minha leitura era uma entre várias, isto é, eles não tinham que aceitar a minha leitura como a única certa. Com o decorrer das aulas, a solicitação de conteúdos gramaticais praticamente desapareceu e passou a haver um maior interesse em discutir e entender os textos. Muitos alunos se mostravam curiosos em relação aos escritores e à Literatura.

Este professor-pesquisador acredita que a escola deva estimular a leitura de textos literários para que o aluno possa tomar gosto pela literatura e a valorize como uma forma de lazer e apreensão do mundo em que vive. No entanto este objetivo dificilmente será atingido se o estudo das literaturas brasileira e portuguesa continuar priorizando a história das escolas literárias, trabalhando com fragmentos de textos que se ajustam às características típicas de um movimento literário, anunciadas previamente. Não se trata de minimizar a importância do conhecimento das tendências literárias predominantes em cada época, mas de apontar a inutilidade, o sem-sentido, de se conhecer a biografia e as características de um escritor sem nunca ter lido um romance seu, ou conto que seja.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS PARA A PRODUÇÃO ESCRITA

3.1 Apresentação do capítulo

Este capítulo traz: a) o relato das atividades de produção escrita, b) os procedimentos de refacção dos textos, c) a composição e publicação do livro d) os comentários sobre textos confidenciais dos alunos, e) a opinião dos alunos sobre o projeto f) a conclusão do capítulo 3.

3.2 Relato das atividades de produção de texto

Desde o início desta pesquisa, à medida que iam lendo os vários textos selecionados, foram propostas várias atividades de produção de textos ². Alguns alunos pediam para fazer em casa alegando que não conseguiam se concentrar na sala de aula. Às vezes, em casa também não faziam. Alguns atendiam prontamente. Em nenhum momento obriguei-os a escrever. Julgava que era uma questão de estímulo e tempo. Ademilson, por exemplo, que desde o primeiro dia se mostrou um aluno responsável e bastante participativo, inclusive repreendendo colegas que, de alguma forma perturbassem a aula, recusava-se terminantemente a escrever dizendo que não conseguia. Eu lamentava essa atitude dele e dizia-lhe que ele redigia bem as respostas, portanto não tinha incapacidade para escrever e sim medo ou vergonha. Parece que aos poucos foi sendo convencido, pois acabou entregando alguns textos dentro dos quais um foi autorizado a fazer parte do livro.

No dia 10 de abril, um aluno lembrou do caso de um professor que, confundido com um esturpador da cidade de Guarulhos, ficou um dia inteiro detido

² Texto é entendido aqui como materialização lingüística de um gênero discursivo = enunciado = unidade real de comunicação; acontecimento único que ocupa uma posição numa esfera de comunicação e estabelece uma relação dialógica com outros enunciados.

na Delegacia de polícia de Ubatuba. Inspirado nesse episódio, fiz a seguinte proposta de produção:

Escreva um texto que responda à seguinte pergunta:

Como você se comporta quando sofre ou presencia uma injustiça? Se possível, descreva um caso de injustiça de que você foi vítima ou testemunha.

Todos os alunos escreveram. Os textos revelam bem o universo de seus autores. Por exemplo, as alunas que são empregadas domésticas trazem para os textos situações de conflito entre elas e as patroas. Alguns tematizam situações banais como a acusação de guardar panela suja ou de deixar a toalha de banho usada em cima da cama. Outros se mostram preocupados com problemas sociais, com a corrupção policial ou político-administrativa.

Muitos deles estão no livro, outros ficaram de fora porque seus autores optaram por não publicá-los.

Nas duas aulas do dia 11 de maio, fez-se um círculo para a leitura das produções já digitadas por mim. Tratava-se de produções oriundas de várias propostas. Acumularam-se, porque eu não tive tempo de digitá-las imediatamente após recebê-las. Durante toda a aula, os alunos ficaram curiosos e atentos. O final de cada leitura foi marcado com palmas, palavras de aprovação e, às vezes, alguns comentários jocosos para com os colegas de maior intimidade, mas não ofensivos nem desrespeitosos. Poucos alunos leram as próprias produções. Uma ou outra não teve sua leitura autorizada. Todos os autores dos textos lidos se mostraram satisfeitos. Alguns ficavam vermelhos, outros riam de nervoso durante a leitura de suas produções.

As leituras preencheram todo o período da aula dupla, portanto não houve tempo para discutirmos algumas questões relativas à reescrita. Isso ficou para a aula seguinte.

3.3 A refacção de textos

No dia 18 de maio, devolvi todas as produções (digitadas sem erros ortográficos) e pedi que os alunos fizessem a reescrita delas. Era a primeira versão de

cada texto, mas, ao digitar, fiz a correção ortográfica, porque queria que eles dessem importância à concatenação entre as orações, que observassem se aquilo que pretendiam dizer estava claro para o leitor. A ortografia talvez seja o item mais enfatizado na produção de textos nos moldes tradicionais, por isso achei importante não focalizá-la naquele momento.

Sugeri àqueles que tinham mais de um texto que já pensassem na sua publicação e evitassem que um texto repetisse parte de outro, pois eu já tinha notado que algumas produções autobiográficas do mesmo autor incorriam nesse problema.

Para facilitar a refacção, propus que cada aluno pensasse nas seguintes questões:

1. Para que estou escrevendo?

Algumas opções de respostas:

Para atender a uma solicitação do professor.

Para passar uma imagem de vencedor.

Para passar uma imagem de pessoa que não é compreendida.

Para passar uma imagem de pessoa que teve oportunidades, apoios familiares e não soube aproveitá-los.

Para passar uma imagem de pessoa solidária, preocupada com os problemas sociais.

2. Para quem estou escrevendo?

Algumas sugestões de resposta:

Para meus filhos e netos terem uma idéia de mim.

Para leitores desconhecidos.

Para meus amigos.

Para mim mesmo. (Sugestão de um aluno)

3. Que tipo de linguagem devo usar? Padrão ou coloquial?

4. Estou fazendo alguma confissão da qual possa me arrepender depois?

5. Minha linguagem deve ser meramente informativa? Ou pode ser expressiva, tendendo para a linguagem literária?

Com estas perguntas, eu queria que o aluno refletisse sobre o planejamento da produção. Pode parecer contraditório ou inócua pensar o planejamento depois da obtenção do produto, porém achei necessário começar por esse item porque, na reescrita, a produção ainda está em processo, portanto pode ser reelaborada desde a frase inicial e porque eu queria que os alunos passassem a ver o ato de planejar como uma etapa importante (senão a principal) da produção de textos.

Por se tratar de textos autobiográficos, não me preocupei em chamar atenção dos alunos para a estrutura formal. Até porque eles já tinham estudado vários textos dessa natureza e deviam ter assimilado suas características estilístico-composicionais.

Uma boa parte da classe considerou que não precisava mexer nos textos porque eles não tinham palavras “erradas”, já que eu havia corrigido os erros de ortografia quando os digitei. Eu procurei convencê-los de que a correção ortográfica não deve ser a parte mais importante da refacção do texto, pois, conforme Grillo (1996, p. 128):

A permanência da escrita, a ausência física do interlocutor e a conseqüente necessidade de explicitação lingüística, fazem da escrita uma atividade em que a revisão ou reescrita acontece o tempo todo para ajustar o produto aos propósitos comunicativos do escritor.

Reafirmei que, na reescrita, eles podiam ampliar ou reduzir o texto, podia modificar a ordem das informações, tirar as repetições, enfim podiam fazer tudo que fosse necessário para melhorar o texto.

Alguns alunos queriam saber se os textos não estavam curtos demais. Uma aluna observou com desalento: “A gente escreve um texto enorme quando o senhor digita, ele fica pequenininho.”

Terminada a aula, observei que uns tiraram as repetições, acrescentaram algumas informações no meio do texto, outros deram um título ou trocaram-no, adequaram a concordância verbal etc. Alguns alunos, no entanto, entregaram seus textos sem alterações.

A refacção de textos era uma atividade estranha para esses alunos, e, para ser sincero, não fazia parte da minha metodologia. O que eu sempre fiz foi pedir ao aluno que passasse seu texto a limpo, escrevesse com caneta, fizesse margens regulares, deixasse espaço entre o título e o corpo do texto, observasse as regras ortográficas. Reescrever o texto com o fito de adequá-lo à sua finalidade ou para evitar uma virtual má-interpretação era uma exigência que eu fazia somente a alunos cujos textos eram quase ininteligíveis.

Quase sempre trabalhei em escolas públicas com alunos das camadas sociais mais populares, portanto com pouca esperança de prestar vestibular. Em geral, apenas quando estão bem próximos dos exames vestibulares é que passam a se interessar por aprender a produzir textos. Em turmas que, de um lado, não têm uma expectativa concreta de utilizar os conhecimentos apreendidos na escola e, de outro, possuem professores que não conseguem motivá-los a ponto de se envolverem com a própria aprendizagem, a atividade de produção escrita é vista pelo aluno quase como um favor, uma concessão que ele faz ao professor. Em sendo assim, muitos aprendizes reescrevem

seu texto com muita má vontade, portanto empregando o menor esforço possível quando não se recusam terminantemente a fazer qualquer etapa da refacção.

Confesso que, em muitos momentos antes dessa pesquisa, senti-me satisfeito com o simples fato de o aluno ter entregue a sua produção, pois, diante de tanta recusa ou má vontade de redigir, conseguir que me entregassem algum texto era como estar obtendo uma vitória. Esse modo de agir é consequência de uma visão um tanto equivocada de que, praticando a redação, o aluno está aprendendo a escrever. Não ignoro a importância da prática, mas julgo que se o aluno produz um texto, entrega ao professor e nunca mais reflete sobre sua produção, a possibilidade de ele desenvolver a sua capacidade de escrever é muito menor do que se ele fosse estimulado a refletir sobre o texto e, em decorrência dessa reflexão, reescrevê-lo total ou parcialmente como se costuma fazer quando se escreve fora da escola, mas para isso ele precisa ter uma motivação, precisa saber que seu texto vai ser lido, vai circular para além das mãos do professor.

No contexto extra-escolar, o autor de um texto, ainda que este seja um simples bilhete, preocupa-se com o leitor, que poderá não entender a mensagem ou fazer uma idéia negativa de seu emissor. Na escola, o autor (aluno) não tem essa preocupação porque não tem uma necessidade real de comunicar-se e seu leitor é o professor, cuja opinião não costuma ser temida pela maioria dos alunos, já que a própria condição de aprendizes reduz a gravidade de não dominarem um determinado conhecimento, portanto um texto mal escrito não lhes macula a imagem.

Não havendo uma função social para a atividade de produção, ela acaba se resumindo, para o aluno, num fazer e entregar o texto, e para o professor, num diagnóstico da competência de escrever do aluno, pois o estudante não tem motivação para se debruçar sobre sua produção e analisá-la com interesse de dar-lhe uma melhor organização ou fazer adequação vocabular, por exemplo.

Esse desinteresse do aluno em burilar seu texto desaparece quando há um projeto pedagógico que lhe possibilite escrever textos que circularão seja dentro da escola seja fora dela. Um estudante motivado não julga enfadonha a atividade de reescrita e geralmente só se recusa quando está convicto de que seu texto está bom ou que não tem capacidade de melhorá-lo.

Nessa pesquisa, o primeiro passo foi conscientizar o aluno de que eliminar rasuras e borrões, corrigir os erros ortográficos era necessário, mas não suficiente. Num primeiro momento, não é fácil convencer um aluno que escreveu 15 ou 20 linhas com

muita dificuldade a reescrevê-las ou até a descartar parte delas. É como se ele estivesse perdendo parte de um patrimônio, cuja posse foi resultado de muito trabalho. Isso acontece geralmente quando se trata de textos dissertativos. Como meus alunos estavam escrevendo sobre fatos vividos por eles, geralmente não havia necessidade de fazer mudanças radicais nos textos. Basicamente tratava-se de ordenar os acontecimentos numa seqüência cronológica e evitar informações redundantes, dispensáveis. O que não era uma tarefa difícil para a maioria.

Quando tiveram que escrever como se fossem a personagem Conceição (do conto Missa do Galo) contando a história, muitos se atrapalharam na manutenção do foco narrativo. Em muitos textos, a trama começava sendo narrada na primeira pessoa e logo passava para a terceira. Em alguns casos, o ponto de vista voltava para a primeira pessoa. Essa confusão mostra que o aluno-autor não tinha clareza do que era para fazer ou não tinha desejo de fazê-lo. De fato, poucas produções mostravam criatividade ou pelo menos serviam de embrião para uma narrativa interessante, por isso não insisti na refacção delas. Seria impor ao aluno um sofrimento improdutivo. As poucas narrativas oriundas dessa proposta tiveram sua reescrita durante a realização de outras atividades, isto é, enquanto a turma estava envolvida com uma determinada tarefa, eu chamava o autor, conversava com ele e sugeria alterações de trechos ou acréscimos.

Apesar do que eu disse acima sobre motivação, devo admitir que, de vez em quando, algum aluno declarava que não ia mexer no seu texto alegando que estava bom daquele jeito. Eu não insistia. Tanto o aluno poderia estar indisposto quanto estar convicto realmente de que seu texto estava bom. É preciso levar em conta que nem sempre o aluno confia no saber do professor, aceita seu ponto de vista. Fato que deve ser considerado positivo se se tem em mente formar cidadãos críticos. Tentar a todo custo persuadir o aluno de que seu texto não está no ponto ideal pode gerar nele uma certa antipatia que, em outro momento dificultará o diálogo, componente imprescindível para o ensino-aprendizagem.

Não obstante tudo que foi dito aqui, as refacções, de modo geral, foram suficientes para que boa parte dos textos publicados no livro adquirissem clareza e fluência. E o mais importante dessa atividade foi o fato de muitos alunos passarem a entender a reescrita como uma etapa essencial da produção de textos.

3.4 A composição e a publicação do livro

Passo a descrever o processo de produção do livro e a sua publicação. Pretendo mostrar de maneira breve os equívocos e os aspectos positivos. Aqueles para que possam ser evitados e estes para que sirvam de estímulo a quem desejar fazer um projeto didático-pedagógico semelhante ao que estou relatando.

3.4.1 O título

Eu, que insistia tanto na importância de as produções terem um título, acabei por esquecer de propor aos alunos que decidissem o nome do livro deles. Perdi uma oportunidade de fazer uma rica discussão em sala de aula e propiciar o desenvolvimento da habilidade de argumentar. Com certeza muitos alunos dariam um título e o defenderiam com ardor.

Pensei no título somente em agosto, na hora de diagramar o livro. Nesse momento, os alunos já tinham se formado, portanto, além de perder um bom tema de aula, tive de dar um título ao livro à revelia dos autores. Falha grave para um trabalho com base nos gêneros discursivos.

3.4.2 O critério de seleção dos textos

Não houve um critério preestabelecido rigidamente para a inclusão de textos no livro. De modo geral, deveriam versar sobre a própria vida do autor, entretanto os próprios alunos, individualmente, decidiram o que queriam ver publicado, por isso há, no livro, produções sobre temas variados. Nesse caso, talvez uma decisão tomada coletivamente fosse mais interessante, porém não ousei propô-la, ou melhor, não me ocorreu essa idéia no devido momento.

3.4.3 A finalização

Dispus os textos por autores, seguindo a ordem alfabética de seus nomes. Julguei que nesse tipo de livro, a maioria dos leitores têm interesse em localizar o texto pelo autor, que, normalmente, é seu amigo ou parente. Esse critério também tem a vantagem de evitar a queixa de houve privilégios na ordem de aparição dos textos no livro.

Inicialmente a diagramação do livro foi feita por mim, usando o computador. (Até então eu desconhecia o recurso de diagramar no Word, no entanto imaginei a sua existência, cliquei no “configurar página, depois, no botão paisagem e aí encontrei a opção livro.) Fiz um “boneco” com 92 páginas, digitadas em Times New Roman, 11, procurei uma gráfica e fiquei sabendo que era muito caro fazer uma tiragem de 100 livros somente. O dono da gráfica aconselhou-me a procurar Carlos Rizzo, uma pessoa acostumada a editar livros de pequena tiragem, usando impressora a laser.

Procurei-o, combinamos a edição de 100 exemplares por mil reais. Mandei-lhe por e-mail o livro tal como eu tinha formatado para fazer o “boneco”. Ele fez nova diagramação, criou a capa e, vinte dias depois, os livros me foram entregues.

O livro tem 88 páginas e foi editado com 95 textos de alunos, mais prefácio e apresentação.

3.4.4 O lançamento

Marcamos (a diretora da EE Capitão Deolindo e eu) o lançamento do livro para o dia 6 de dezembro às 20h no auditório da escola. Depois telefonei para os alunos e levei-lhes o convite (anexo 10) ou pedi para algum colega deles levar-lhes. Sugeri que trouxessem salgadinhos ou refrigerantes pois era um momento de comemoração, de festa. Avisei que não haveria vendas de livros, mas que cada aluno/autor receberia gratuitamente dois exemplares.

Embora naquele dia tenha chovido copiosamente em Ubatuba, a maioria dos alunos compareceu ao lançamento. Participaram também desse evento duas representantes da Diretoria de Ensino (uma supervisora e uma assistente técnico-pedagógica), a diretora, a vice-diretora, a coordenadora pedagógica e vários professores da escola, o editor do livro e muitos parentes e amigos dos autores.

Vários alunos aproveitaram a presença de Carlos Rizzo e encomendaram mais exemplares do livro (ao preço de dez reais cada um) para com eles presentear amigos e familiares.

3.4.5 A repercussão

Esse livro tem sido muito comentado. Seu lançamento foi matéria do jornal *A cidade*, semanário local, e do site da Coordenadoria de Ensino do Interior (vide anexo 11). Um colega propôs-me uma parceria para a publicação de outro livro com as produções dos nossos alunos de 2007. O Secretário de Educação do Município de Ubatuba me disse que se eu apresentar um projeto para a publicação de um livro de meus alunos da rede municipal, a Secretaria de Educação poderá arcar com os custos. Os alunos-autores que encontro pela cidade têm demonstrado bastante orgulho, prazer de ter participado dessa publicação. Nota-se o que o livro fez muito bem para sua autoestima.

Carlos Rizzo doou dois exemplares para a biblioteca municipal de Ubatuba e um para o acervo de uma entidade de escritores de São Sebastião, que reúne todos os livros publicados no Litoral de Norte de São Paulo. Mande alguns livros para amigos da Capital. Sei que alguns mandaram livros para o Estado do Rio de Janeiro, para Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo. Os funcionários da EE “Capitão Deolindo de Oliveira Santos” e também os da EM “José Belarmino Sobrinho” estão disputando a retirada dos dois exemplares que doei para as bibliotecas de suas respectivas escolas. Enfim a circulação e sobretudo a aceitação desse livro têm superado as minhas expectativas.

3.5 Produções confidenciais

A escrita como confissão ficou evidente em alguns textos cujos autores pediram ao professor que não os mostrassem a ninguém. Não se tratava simplesmente de vergonha infundada mas sim de situações, que tornadas públicas, poderiam gerar julgamentos desfavoráveis aos autores e lhes causar desavenças com seus cônjuges ou outros familiares.

Os produtores de tais textos não pediam conselhos, compreensão, ou condescendência. Buscavam, possivelmente, desabafar, aliviar-se de um estado emocional que os oprimia, os inquietava. Narrar o que lhes estava acontecendo era um processo de catarse. Note-se que essas confissões foram espontâneas e minuciosas. Seus autores preferiram dezenas ou centenas de episódios de sua vida para relatar, revelar um conflito ainda não resolvido. Estão no meio do turbilhão e buscam uma solução, mas, ao confidenciá-las não estão esperando do confessor uma resolução do problema, confessa por necessidade de compartilhar suas angústias e aflições.

Um destes alunos é evangélico (há vários nesta turma) e estava vivendo um triângulo amoroso que o tornava propenso a abandonar a esposa para ficar com a amante. Seu drama de consciência era enorme. Uma de suas produções publicadas no livro trata de forma velada desse conflito. O leitor, que desconhece o contexto dela, não atina com o sofrimento de seu autor e poderá julgá-la como um texto sem sentido, de pretensão filosófica, mas se lesse a que era confidencial, entenderia esta claramente. Com certeza, escrever esses dois textos deu-lhe um alívio enorme.

Um texto também que não pôde ser publicado tinha como tema a injustiça. Nele, a autora, uma aluna bastante jovem, relatava que tinha sido acusada pela avó de roubar um DVD player, mas, na verdade, o ladrão era o seu tio, que roubara o aparelho para trocá-lo por cocaína.

A mãe da autora é filha adotiva, por isso, na opinião da neta, a avó prefere o filho a elas, mesmo ele sendo “um mau elemento”. Era um texto longo e bastante comovente, entretanto não o incluí no livro, apesar de ter autorização assinada pela aluna, porque julguei que futuramente a sua publicação poderia trazer conseqüências ou arrependimento para ela.

O texto de outra aluna tinha oito páginas de caderno e narrava a vida dela desde quando engravidou na adolescência até aquele momento da escrita. Esse relato autobiográfico foi entregue em particular, sem identificação, pois a autora temia que seu atual marido viesse a tomar conhecimento de seu conteúdo. Não sei por que a autora queria que eu conhecesse a sua história, cheia de cenas de incompreensões, caprichos, frustrações, sofrimentos. Não era para ser publicado nem valia nota, portanto a sua produção foi motivada por um impulso interior, peculiar a quem está transbordando de angústia e tem necessidade de confessar-se, de desabafar.

Essas produções espontâneas não estavam previstas no projeto nem podem ser consideradas como uma atividade escolar, mas sua existência, mais do que mostrar

uma relação de confiança entre professor e aluno, mostra que seus autores estão atribuindo um sentido social ao texto, estão produzindo por uma necessidade pessoal de se expressar. Levar o aluno a compreender que a produção de texto não é uma atividade meramente escolar é um dos principais objetivos do ensino de língua e, portanto, desta pesquisa.

3.6 A opinião dos alunos

Ao final da pesquisa, dia 26 de junho de 2006, propus aos alunos que respondessem em um texto as seguintes questões:

1. Quais eram suas expectativas com a volta à escola?
2. Você aprendeu tudo aquilo que gostaria de aprender? Justifique sua resposta.
3. Como é sua relação com os colegas? E Com os professores?
4. O Supletivo fez você ter uma visão diferente do mundo? Justifique sua resposta.
5. As aulas de Português foram úteis para você? Justifique sua resposta.
6. O projeto de escrever um livro motiva a leitura e a escrita? Por quê?
7. Que sugestão você deixa para que o Supletivo se torne melhor nesta escola?
(não é necessário identificar-se)

Dos textos produzidos, selecionei os trechos abaixo porque são os que se relacionam mais diretamente com o projeto.

S1. Adorei o projeto de escrever um livro. Com certeza motiva as pessoas a escrever e ler, pois quando estamos escrevendo coisas de nossas vidas, estamos desabafando aquilo, e isso é

muito bom. Agora o que é ruim é quando o professor resolve ler para a sala, pois eu sou muito tímida.

S2. Eu estou adorando este ano, estou aprendendo muita coisa e estou me esforçando para aprender cada vez mais, e estou disposta a ir até aonde Deus permitir. Ok

S3. Na minha opinião, as aulas foram boas até hoje. Eu tinha muita dificuldade de fazer redação. As aulas de português têm me ajudado na forma de escrever; e na leitura também acho que estou bem melhor.

S4. Em português, o que achei de interessante eram os textos que o professor dava para trabalhar na classe e as redações. Coisa que eu detestava, mas acabei gostando. Isso me motivou para a escrita e o modo de me expressar e também a me preparar para qualquer concurso. Eu sinto que melhorei o meu modo de ler embora a minha caligrafia continue a mesma.

S5. Sobre o modo de ler continuo lendo bem, modéstia à parte, sempre li bem. Quanto a escrever, melhorei bastante e melhorei também o modo de ver o mundo. Com a idade que eu tenho dá para entender bem melhor.

S6. As aulas de Português me ajudaram na interpretação de texto, que gosto muito, a entender mais sobre literatura e gostar também.

S7. O projeto de escrever um livro da classe me motivou, principalmente na escrita, porque ler eu já gostava.

S8. Os pontos positivos é que falar sobre nós mesmos acaba quebrando certas barreiras que temos, e os negativos é que nem todo mundo pode gostar ou achar interessante o nosso texto.

S9. Bom. Em relação à escrita, eu melhorei, compreendo melhor o que leio. A ideia de escrever um livro foi muito estimulante para mim.

S10. O ponto negativo é que eu nunca fui bom em redação e o ponto positivo é que estou aprendendo a expor as minhas ideias. Eu sempre tive medo de escrever errado.

S11. As aulas de português têm motivado a escrever mais e assim muitas vezes me transporte para minha infância, recordando momentos maravilhosos.

O projeto de escrever um livro é muito positivo, pois ficaremos com recordações de uma fase muito importante de nossa vida.

S12. Em português, encontrei dificuldade para fazer redação, tanto que só fiz uma das que o professor pediu, não é por medo de erros ortográficos, até acho que escrevo bem, mas acredito que seja vergonha de expressar fatos que gosto de lembrar, pois traz uma lição de vida, mas que, por mais que me concentre, não consigo transmitir para o papel.

S13 As aulas de português me ajudaram a ler, escrever, conversar, enfim o português é nossa língua, portanto é fundamental em tudo. O projeto do livro me motivou a ler e escrever, porque sei que vai ficar como estímulo para outras pessoas.

S14. Quanto a ler e escrever, estou bem satisfeito. Foi um projeto que jamais achei que podia produzir. Você foi um professor muito competente. Ao entrar nesse projeto fiquei muito feliz, pois pude escrever um texto sobre algo que vivi. Os pontos positivos são que pude mostrar um lado da minha vida no papel e o negativo é que meu texto nem sempre pode agradar a todos.

S15. Meu professor de português (...) nos introduzindo mais a fundo no mundo da escrita, fazendo-nos desabrochar para escrever melhor falando de nós mesmos e do mundo lá fora. O projeto do livro de classe nos faz sentir importantes, porque mostra que não escrevemos mal.

S.16 Confesso que melhorei muito minha escrita. Estou escrevendo melhor, sabendo me expressar melhor. Adorei este projeto do Professor Jorge sobre o livro, me motiva a escrever cada vez mais. Ele irá fazer grande sucesso em sua Pós, e eu fico orgulhosa de saber que tive participação também.

S17. Adorei o projeto de escrever um livro da classe, é muito estimulante. Estou satisfeito e agradecido por estudar aqui.

S18. Eu não gostava tanto de escrever e na aula de português eu aprendi a pôr meus sentimentos no papel. Até surgiu o projeto de escrevermos um livro. Ele é muito interessante, legal. Já pensou? Algo que eu escrevi muita gente vai poder ler. É. Eu sei que nem todo mundo vai gostar, mas que vai ser legal...isso vai.

S19. Português tem me ajudado muito, inclusive a escrever melhor. É uma aula que usamos no nosso dia-a-dia. O projeto de escrever um livro motiva os alunos e melhora muito na

escrita. Levanta a auto-estima do aluno e não deixa o aluno para baixo.

S20. As aulas de Português têm me ajudado em muitas coisas que eu não tinha vontade de fazer. Comecei a pegar livro para ler. Coisa que não gostava de fazer. Só com as aulas de Português comecei a ler mais do que eu lia. Comecei a ler jornal, revista, era coisa que eu não tinha vontade de fazer. Só que não consigo é colocar tudo aquilo que sei no papel. Essa é a minha dificuldade.

S21. Dizer que melhorei ... Acredito que não, mas deu para receber certos conceitos. Me deu mais gana para a leitura, apesar que sempre gostei de ler e escrever. As matérias me ajudaram a rever coisas que já tinha me esquecido, porém a abertura para que escrevêssemos um livro com tema livre, realmente, realiza a quem gosta de escrever e é uma boa oportunidade de se expor e colocar idéias novas.

S22. Melhorei muito com as aulas de Português. O projeto de escrever um livro motiva o aluno sim a escrever melhor para que tenha uma página neste livro da classe.

S23. ...sem falar no Português, que era também muito complicado, mas com as aulas do Jorge, até redação, que eu tinha pavor em fazer, já não é mais um bicho de sete cabeças para mim.

S24. A aula de Português ela tem me ajudado em como escrever e como ler e de ver as letras com outro olhar, porque antes eu olhava a letra como uma coisa que não podia me ajudar. Estou lendo e escrevendo melhor na aula de português. Com ela aprendi bastante. O projeto de escrever o livro da classe motiva a leitura e a escrita? Sim, porque dá mais ânimo para o aluno escrever e ler mais sobre seu dia-a-dia na sala de aula.

Fazendo leitura rápida dos trechos transcritos acima, pode-se perceber que os alunos gostaram de escrever sobre suas vidas. S1 considera esse gênero de produção uma prática de desabafo, portanto de alívio, catarse. A fala de S8 mostra a escrita de si como uma confissão, uma “quebra de barreira”. S11 viu esse momento como uma possibilidade de viagem à infância saudosa. S14 simplesmente sentiu-se feliz em poder falar sobre sua vida.

S18 mostra claramente a importância de a produção do aluno ter um leitor. Seu entusiasmo é manifestado na interrogação: “Já pensou? Algo que eu escrevi muita gente vai poder ler”. A perspectiva de ser lido faz S18 pensar no julgamento que o leitor fará e conclui que mesmo que nem todos gostem “vai ser legal” ter escrito.

O aumento da auto-estima está evidente em S15. Para este aluno, a publicação do texto é uma demonstração de que seu autor escreve bem. O aluno pode até não ter progredido na sua escrita, mas, se ele acredita que melhorou, isso significa um aumento na sua auto-estima e pode ser um fator importante para a almejada progressão na capacidade de aprender. Note-se que a maioria declarou que passou a escrever melhor com o projeto.

Reforçando a idéia de que os conteúdos escolares devem estar vinculados com a realidade dos alunos, S19 destaca a relação das aulas de português com o dia-a-dia. Vê utilidade na sua aprendizagem.

Embora eu não os tenha inquirido sobre os textos trabalhados em sala, S4 lembrou-se deles como sendo interessantes. Já S6 declara que passou a entender e gostar de literatura.

A leitura desses excertos dão-nos a certeza de que este projeto pedagógico atingiu seus objetivos e foi bem acolhido pela grande maioria dos alunos.

3.7 Conclusão do capítulo 3

Como se viu na descrição feita nesse capítulo, as atitudes responsivas dos alunos em relação às propostas de produção de texto eram bastantes variadas. No início, a maioria, por medo de não conseguir terminar numa aula, começava a escrever assim que recebiam as instruções, mas alguns alegavam dificuldade de concentrar-se na classe, outros se mostravam vacilantes quanto ao que escrever. Havia até aqueles que fingiam estar escrevendo quando sentiam a aproximação do professor. Com o desenrolar das aulas, a quantidade das produções foram aumentando, e podia-se perceber que a inibição para escrever ia diminuindo. Alunos que achavam que sua vida era desprovida de importância para ser assunto de um texto passaram a relatar passagens do seu dia-a-dia, da sua infância e até a fazer confissões. O orgulho de ter escrito tais textos ficavam manifesto em seus rostos.

Creio que os textos, aparentemente simples, com quais trabalhei foram muitos úteis como exemplo do que os alunos poderiam abordar em suas produções.

Ainda que os momentos de refacção, para além da correção ortográfica e da higienização do texto, inicialmente, tenham sido vistas com certa antipatia por muitos alunos, acabaram tendo reconhecida a sua importância e foram muitos úteis para que as produções adquirissem a feição com a qual aparecem no livro dessa turma.

Muitos textos foram produzidos; nem todos, porém, chegaram um produto final. Algumas produções foram abortadas, isto é, não obtiveram uma versão publicável, por decisão dos próprios autores, que resolveram não investir nelas e outras não foram adiante porque, naquele momento, julguei que sua reescrita seria muito trabalhosa para o autor. Isso aconteceu principalmente com as produções em que os estudantes teriam de escrever se colocando no papel de Conceição, personagem do conto *Missa do galo*. Como era de se esperar, os alunos, desde o primeiro textos, não apresentaram nenhuma dificuldade na produção de textos que versavam sobre suas experiências.

Ao final deste projeto, esses estudantes mostravam-se bastante vaidosos com a perspectiva de verem suas produções publicadas em um livro e, isso talvez seja o mais importante, praticamente todos tinham abandonado uma visão negativa sobre o ato de escrever. Já não consideravam uma atividade para a qual não tinham competência, portanto os objetivos para a produção de texto foram plenamente atingidos.

CONCLUSÃO

No dia-a-dia, não me cansava de encorajar o aluno a falar e a escrever o que ele pensava, a fazer as atividades sem copiar as respostas dos seus colegas, julgando-as melhores do que as próprias. Valorizava qualquer produção mesmo quando eu a julgava muito aquém do que se podia esperar do texto de um estudante do Ensino Médio.

Com os vários textos utilizados na sala de aula foi possível demonstrar para os alunos que não há variante lingüística (inclusive a modalidade padrão) melhor do que as demais. E, para estimulá-los a escrever, era essencial mostrar que, mesmo não se seguindo a norma culta, é possível comunicar-se com clareza e até fazer boa literatura.

Além dessa postura (a que descrevi acima), contribuiu também para o sucesso desta pesquisa o fato de que eu já vinha trabalhando com a turma desde o primeiro semestre (1º. ano do Ensino Médio). Isso facilitou uma certa cumplicidade ou, para dizer de outro modo, um ambiente de confiança mútua e muita amizade. Talvez fraternidade seja a palavra mais apropriada para aludir ao clima que havia nessa turma.

Muito provavelmente, o fato de haver coincidência entre minha origem social e a deles também tenha contribuído sobremaneira para esse entrosamento entre nós. Em muitos momentos nos identificávamos nas lembranças que alguém expressava e comentávamos com muito humor.

Não chegou a ser um obstáculo ao andamento do projeto, mas se constituiu numa dificuldade o fato de muitos não poderem chegar logo no início da primeira aula. Uns chegavam bastante atrasados e outros, somente na segunda aula.

A escola Capitão Deolindo fica no Centro da Cidade, mas muitos alunos vêm de bairros que distam até 40 quilômetros o que torna compreensível o atraso, ou a ausência deles quando chove copiosamente, pois nesse caso há riscos de queda de barreira na rodovia Rio-Santos.

Trabalhar com alunos de Suplência é muito prazeroso porque eles geralmente anseiam por aprender. Muitas vezes essa ânsia é tão grande que até obscurece sua visão do que seja ensinar. Principalmente daqueles que pararam de estudar há muito tempo e têm um conceito de conteúdo e disciplina bastante radical. Esses alunos resistem a aceitar como aula a exibição de um filme que o professor leva para ilustrar, fixar, um conteúdo ou para gerar um debate. No primeiro ano dessa turma o professor de História passou um documentário sobre os Maias e os Astecas e muitos reclamaram que aquilo

não era aula: “Se fosse para assistir filme, ficaria em casa”. Acham-se plenamente satisfeitos quando preenchem páginas e páginas de seus cadernos copiando da lousa ou de livros.

Uns chegam confiando demais na capacidade e no conhecimento do professor e são humildes ao extremo; outros, provavelmente, influenciados pela idéia em voga de que os professores estão despreparados, vêm grandemente desconfiados e até arrogantes, querendo exhibir conhecimentos.

Parte desse comportamento, entretanto, muda já no final do primeiro mês. Nesse momento, começa a estabelecer-se um clima de amizade e respeito entre eles e deles com o professor. Os alunos que queriam exhibir-se já o fizeram ou desanimaram porque perderam a credibilidade e viraram motivo de troça entre os colegas.

À proporção que é prazeroso, lecionar para alunos de supletivo é angustiante, visto que o tempo reduzido não permite que os temas sejam tratados com profundidade.

Vendo o resultado da minha pesquisa e como ela se processou, percebo o quanto essa angústia a influenciou. Um exemplo claro disso é a quantidade de questões que elaborei para explorar os textos. A maioria delas sem conexão direta com os objetivos da pesquisa. Na hora de preparar as atividades, eu tinha em mente não só a pesquisa mas também o conteúdo que tradicionalmente se oferece no Ensino Médio e queria contemplá-lo sempre que o texto permitia.

Escrevendo esta dissertação, tomei consciência de que a relativa dispersão de minhas propostas de professor-pesquisador constituía-se numa dificuldade de descrever os procedimentos, de separar o que era atividade da pesquisa e o que era atividade comum numa sala de aula. Avalio que essa mescla não tenha atrapalhado o andamento e os objetivos da pesquisa, mas, se fosse fazer a mesma pesquisa hoje, eu a faria dentro de um cronograma de menor extensão e focaria apenas os seus objetivos, pois isso facilitaria a sua execução e o seu relato.

Esta pesquisa-ação, como não foi centrada em um único gênero discursivo nem apresenta provas de que os alunos assimilaram todas as características dos gêneros estudados, pode deixar a idéia equivocada de que a teoria dos gêneros discursivos teve um papel menor no desenvolvimento das atividades. Eu gostaria de observar que o objetivo não era a assimilação completa de todas as características dos gêneros trabalhados (ainda que essa apropriação tenha havido) e sim uma noção geral delas para que o aluno tivesse o máximo de liberdade no momento em que estivesse produzindo o seu texto. Essa liberdade era necessária porque se almejava que a escrita não se

constituísse para esses alunos um fator de opressão, de sensação de despreparo, e sim um meio de eles cultivarem sua auto-estima. Importava deixá-los seguros, dando-lhes um conjunto de gêneros discursivos dentre os quais eles poderiam escolher o que melhor atendesse as suas necessidades de expressão. Pressupunha-se que, tendo liberdade de escolha, o aluno optaria pelo gênero que parecesse mais acessível.

Até numa oficina de literatura, um projeto que objetivasse apenas a produção de contos, provavelmente, estaria fadado ao insucesso. Estipular para os sujeitos dessa pesquisa a produção de um gênero discursivo específico poderia trazer dois resultados bastante previsíveis: um deles seria a quantidade insignificante de textos, caso fosse proposta a produção de contos, ou crônicas, ou poemas. O outro certamente seria uma abundância de textos padronizados, cuja leitura seria enfadonha, no caso de autobiografia.

Ficou muito claro para mim, não apenas no decorrer das aulas, mas também na avaliação pedida ao final da pesquisa, que o fato de esses alunos saberem que seus textos seriam publicados fez com que eles se dispusessem a produzi-los e a refazê-los até chegar a uma versão satisfatória.

O livro foi uma grande motivação para a escrita. Sem a perspectiva de publicação, muitos alunos escreveriam, não por vontade, mas por mera obrigação, o que muitas vezes resulta num texto truncado cujo sentido até o autor tem dificuldade de perceber.

Chamar atenção para a função social do texto, foi uma das principais contribuições do filósofo Bakhtin para o ensino de língua. Quando ensinamos, fundamentados em sua teoria, a produção de texto adquire outra dimensão. Comparando as produções desta turma com as das outras quatro classes de supletivo com as quais trabalhei este ano, é possível perceber uma enorme diferença com uma vantagem acentuada para as produções dos sujeitos desta pesquisa, que tinham a perspectiva de ver seus textos publicados, portanto tendo leitores.

Na primeira atividade de produção escrita, uma aluna, ao me entregar o texto, disse: “Mas é para ler, professor!”. Essa exortação surpreendeu-me, porque costumo ler todas as produções que recebo, mas não a cito pela surpresa e sim porque ratifica a idéia de que a escrita tem de ter uma função social, ou seja, a escola não pode encarar a produção de textos como um mero exercício escolar. Quem escreve quer ser lido ainda que seu texto seja um simples aglomerado de frases sentimentais. Quem escreve tem

algo a comunicar, e não podemos esquecer que na origem dessa palavra está a palavra comum. Comunicar, portanto, é tornar algo comum a outrem, é partilhar, interagir.

A finalidade dessa pesquisa era proporcionar a escrita de textos autobiográficos, no entanto evitei orientar os alunos para fazer um texto frio, que trouxesse informações mais ou menos objetivas como data e local de nascimento, estado civil, filiação, gostos e preferências, habilidades artísticas e acontecimentos em ordem cronológica. Se algum aluno quisesse fazer um texto assim, teria a liberdade de fazê-lo, porém não houve nenhum caso. A natureza dos textos trabalhados em sala de aula já afastava as futuras produções dos alunos dessa direção.

Até considerei a possibilidade de trabalhar com o modelo de autobiografia de um site voltado para o ensino desse gênero discursivo, mas acabei desistindo porque achei que os textos ficariam muito padronizados e esse procedimento de ensinar a escrever não desafia o aluno, não lhe deixa margem para ousar ou para falar sobre aquilo que realmente lhe interessa.

Vendo o livro (e mesmo os textos que não foram editados), constato que a minha escolha foi acertada. Os textos que estão nele revelam muito mais de seus autores do que aquelas autobiografias simplificadas que estão lá no referido site. Além disso, são textos cujo gênero discursivo foi decidido livremente por seus autores e, em sua maioria, são de leitura agradável.

Some-se a isso o fato de alguns alunos, peremptoriamente, não desejarem falar de suas vidas de maneira retrospectiva e linear como se fala numa autobiografia.

Outro objetivo da pesquisa era utilizar a produção escrita como meio de proporcionar uma elevação da auto-estima do aluno. Principalmente daqueles que julgavam não saber português e por isso se sentiam incapazes de escrever. O incentivo à produção de textos sem a exigência de seguir determinados cânones fez com que os alunos fossem deixando de lado a preocupação primeira de agradar ao professor para depois pensar no que queriam dizer e no como dizer.

Não quero dizer com isso que não houve tensão nessas atividades, que escrever passou a ser um mero divertimento para esses alunos. Até para escritores, o fato de ser uma atividade prazerosa não tira da escrita seu pendor para provocar apreensão com o resultado, com a recepção. Note-se o que disse uma aluna:

Fui uma das primeiras a entregar a redação, voltando a sentar-me na cadeira, comecei a observar que não era só eu a estar meio trêmula,

mas a maioria que havia feito o trabalho. Percebi que quando nós fazemos redações para nós mesmos, sabendo que ninguém vai ler é uma coisa, mas quando nós fazemos para ser comparados, ser criticados e até mesmo elogiados dá um frio na espinha. Percebi também que, como muitas coisas, uma redação também requer muita atenção e sabedoria.

Essa preocupação é salutar e até desejada, pois, quando não se preocupa com a opinião do leitor, o aluno não reflete sobre o processo da escrita e, portanto, não desenvolve sua capacidade de escrever. A indiferença pelo resultado do texto é tão improdutivo quanto o medo excessivo de errar, causado involuntariamente por professores que supervalorizam a correção ortográfica e não admitem o menor desvio da norma padrão.

A todo momento, durante este projeto, procurei mostrar aos alunos que até quem tem a atividade de escrever como profissão, como jornalistas e escritores, comete erros, e não são somente erros ortográficos, portanto eles (os alunos) não deveriam deixar de redigir por terem medo de errar.

Os resultados desta pesquisa corroboram a tese, cuja validade já foi demonstrada por numerosas pesquisas fundamentadas na perspectiva dos gêneros discursivos, de que, por meio dessa teoria, é possível tirar o ranço das aulas de português e torná-las muito mais agradáveis e produtivas tanto para os alunos quanto para os professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Joaquim. *A poesia da canção*. São Paulo: Scipione, 1993.

ALIGIERI, Jandira. *Gêneros discursivos no Ensino Médio: formação e continuação do professor de Língua Portuguesa*. Taubaté: Dissertação (Mestrado) – Universidade de Taubaté, 2006.

ANDRADE, Carlos D. de, *Antologia Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. São Paulo: O Estado de S. Paulo/Klik editora, 1997. (Coleção: Ler é aprender)

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chmbliss Hoffnagel, (organizadoras). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BENDER, Flora e LAURITO, Ilka B. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BERBARE, Ângela P. Crítica de cinema na leitura e produção escrita no ensino fundamental. In: LOPES-ROSSI, MARIA A.G. (Org.) *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de texto*. Taubaté: Cabral, 2002.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEMT. 1999.

BRITO, Percival, Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, W. (Org.) *O Texto na Sala de Aula – Leitura & Produção*. Cascavel: Assoeste, 1985, p. 109-119.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, vol. 5. 1980.

DIONISIO, Angela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento In: KARWOSKI, Acir, M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. Z. (Org.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

DOZL, J., NOVERRAZ e SCHNEUWLY. Sequências didáticas para o oral e a escrita:apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letra, 2004.

ECO, Humberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1975.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GERALDI, J.W. (Org.) *O Texto na Sala de Aula – Leitura & Produção*. Cascavel: Assoeste, 1985.

_____. Da redação à produção de textos. In: GERALDI, J. W.; CITELLI, B.(Coord.) *Aprender e Ensinar com textos*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 1998, v. 1.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios)

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Escrever se aprende escrevendo: um estudo da interação professor/aluno na revisão de textos. *Sínteses*. Vol. 1. p. 127-136. Campinas: UNICAMP, 1996.

LACERDA, Lílian de. *Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitores*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LYRA, Pedro. *Conceito de poesia*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios)

LOPES-ROSSI, M. G. (Org.) *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. Taubaté: Cabral, 2002.

_____. *Leitura e produção de gêneros discursivos segundo livros didáticos: uma proposta ainda muito limitada*. 2003. Comunicação apresentada no I Simpósio de lingüística contrastiva e gêneros textuais – SILIC & GET. 2003.UEL: Londrina-PR. Comunicação. Não publicado.

_____. *Procedimentos para o estudo de gêneros discursivos*. Comunicação apresentada no 15°. InPla – Intercâmbio de Pesquisas em Lingüística Aplicada. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP, 26 de maio de 2005a.

_____. A leitura de rótulos em sala de aula: outras linguagens, outras temáticas. In: CASTRO, S. T. R. de; SILVA, E. R. da. (Org.) *Formação do profissional docente: contribuições de pesquisas em Lingüística Aplicada*. Taubaté: Cabral, 2005b.

_____. Práticas de produção de gêneros discursivos no ensino de língua portuguesa. In: KARWORSKI, A. .M. e BONI, V. F. C.V (Org.) *Tendências contemporâneas no ensino de línguas*. União da Vitória, PR: Kaygangue, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO A. P.; MACHADO, A. R. BEZERRA, M. A. (Org.) *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. Z. (Org.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

_____. Perspectiva no ensino de Língua Portuguesa nas trilhas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. In: BASTOS, Neusa B. (Org.) *Língua Portuguesa em calidoscópio*. São Paulo: EDUC, 2004, p. 159-282.

MASCIA, Márcia Aparecida Amador. Discursos Monográficos nos Movimentos da Globalização versus Virtualização e da Pós-Modernidade. In: *REVERTE 2. Fatec –ID*, 2004.

MENEZES, Philadelpho. *Roteiro de leitura: Poesia Concreta e Visual*. São Paulo: Ática, 1998.

MESERANI, Samir. *O Intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação*. São Paulo: Cortez, 1995.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 2ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

_____. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1992. p. 100

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

PASQUIER, A.; DOLZ, J. Un decálogo para enseñar a escribir. *Cultura y Educación*. n. 2, p.31-41, 1996.

PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

QUEIROZ, Rachel de. *Cenas brasileiras*. São Paulo: Ática, 1995. (Para gostar de ler, v. 17, crônicas)

ROJO, H.R Roxane. (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-

ROTH, D. (Org.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

SANTOS, Grazielle do P.; CHALEAUX, Lucimara. *A formação do leitor no ensino médio: contos contemporâneos no Projeto Estadual Escola de Cara Nova*. 88p. 2005. (Trabalho de Conclusão de Curso de Letras) - Universidade de Taubaté, Taubaté, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS TEXTOS TRABALHADOS COM OS ALUNOS NA PESQUISA

ANDRADE, Carlos D. de, *Antologia Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

ASSIS, Machado de. Missa do Galo In: *Contos Consagrados*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

_____ *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1982.

BELINKY, Tatiana, Olhos de ver: ilustrações de Eva Furnari - 2ª. ed. .São Paulo: Moderna, 1995.

BOSCO, João e BLANC, Aldir. Incompatibilidade de gênio. In: CD *Clementina de Jesus*. Guarulhos, SP: EMI, 2004. (encarte de cd),

BRAGA, Rubem. Chamava-se Amarelo. In: *Casa dos Braga: memória de infância*. 4ª. ed. Rio de Janeiro, 2001.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

_____ *Senhora dona do baile*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____ *Jardim de inverno*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

_____ *Chão de meninos*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____ *A casa do Rio Vermelho*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HATOUM, Milton. Varandas da Eva. In: PRIETO, Heloísa. (Org.). *De primeira viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KOWALSKA, Anka. Das cartas censuradas 2 In: *Folhetim: poemas traduzidos*. (Org.) Matinas Suzuki Jr. e Nelson Archer. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1987.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1993.

LEÃO, Danuza. *Sem medo*. Folha de S. Paulo, Caderno Cotidiano, p. C2, domingo, 20 de novembro de 2005.

LISPECTOR, Clarice. Uma amizade sincera. In: TUFANO, Douglas (Org.) *Antologia do conto brasileiro: do Romantismo ao Modernismo*. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Travessias)

LINS, Osman. A partida. In: TUFANO, Douglas (Org.) *Antologia do conto brasileiro: do Romantismo ao Modernismo*. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Travessias)

MELO, Elomar Figueira de. *Nas Quadradas das Águas Perdidas*. Vitória da Conquista – BA: Gravadora e Editora Rio do Gavião, 1979. (encarte do L. P.)

PIROLI, Wander. Lá no morro. In: TUFANO, Douglas (Org.) *Antologia do conto brasileiro: do Romantismo ao Modernismo*. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Travessias)

ANEXO 1

Algumas lembranças

Textos de alunos do Supletivo da EE. “Capitão Deolindo de Oliveira Santos”

Organizador: Professor Jorge Ivam Ferreira

UBATUBA

2006

Apresentação

Nas páginas deste livro, o leitor vai encontrar textos curtos e, em sua maioria autobiográficos, produzidos em sala de aula, na residência ou até no local de trabalho de seus autores, homens e mulheres que lutam bravamente no corre-corre pelo pão de cada dia.

São pessoas valorosas, companheiras. São pessoas que, após um duro dia de trabalho, se dispõem a sentar-se em um banco escolar e tentar absorver o máximo de informação. Só

sua capacidade de tolerar aulas quase sempre maçantes já seria digna de louvor. Mas não seria justo lembrar destes alunos apenas por seu estoicismo. Não. Trata-se de estudantes que se empenham em estimular-se mutuamente para a aprendizagem, que não se limitam a receber as informações passivamente. Ao contrário, interagem com os colegas e com o professor e dessa interação resulta um ambiente cooperativo onde o conhecimento é construído paulatinamente com humor e responsabilidade, coisas que, em sala de aula, costumam ser inconciliáveis, pois, muitas vezes, humor é confundido com permissividade enquanto responsabilidade assume ares de sisudez.

O objetivo do projeto era estimular o aluno a escrever, a perder o medo da folha de papel em branco. Julguei que, tendo como tema a sua própria vida, o aluno ficaria mais motivado a produzir textos. Alguns preferiram outros temas. Não os reprimir. Não era o caso de considerar que estavam fugindo do tema, pois não se tratava de testar sua capacidade de escrever, mas de estimular essa prática. No decorrer do projeto percebi que alguns alunos já vieram com a habilidade de redigir bastante desenvolvida. Já produziam textos muito bons. Inclusive do ponto de vista da criatividade. Precisavam apenas de orientações pontuais. A maioria, no entanto, apresentava dificuldade de organizar as idéias numa ordem lógica, coerente e coesa. Estes precisavam de mais estímulo para escrever, por isso minha ação sobre eles tinha de ser constante, mas ao mesmo tempo tinha de ser cuidadosa para que não ferisse a suscetibilidade de alguns e para que cada um fosse ganhando autonomia.

Numa classe de supletivo, é comum muitos alunos solicitarem simultaneamente a presença do professor. O não atendimento pode até provocar um protesto silencioso, manifestado numa recusa em realizar a atividade proposta, sob a alegação de que não sabe fazer. Por isso eu procurava ser solícito e atendê-los na ordem em que me chamavam, mas sempre estimulava o aluno a caminhar sozinho ou solicitar a ajuda do colega. Mostrava-lhes, por exemplo, que uma dúvida de ortografia pode ser resolvida após a produção do texto, portanto não era necessário parar a atividade de escrita esperando até que eu fosse indicar a forma correta de uma palavra.

Sempre deixava claro que, na hora de produzir o texto, é preciso não perder de vista o leitor e aquilo que se quer comunicar. Insistia também na idéia da refacção do texto, fazendo ver que não se tratava apenas de corrigir erros ortográficos, eliminar rasuras, fazer margens regulares, mas principalmente de adequar o conteúdo do texto ao contexto e ao leitor, evitando as redundâncias ou as lacunas não intencionais na informação. Além disso, tive a preocupação de deixar o aluno à vontade para escrever. Não queria que o excesso de “não-pode” se tornasse um inibidor da escrita, por isso, mais do que fiscalizar o uso de regras gramaticais procurei mostrar ao aluno que o conhecimento delas é importante, mas que se pode escrever bem sem dominá-las como um professor de português.

Os textos que aqui se publicam mostram que os alunos assimilaram bem os meandros da produção escrita e que muitos deles “abriram o coração” generosamente, contando fatos de sua vida privada que talvez nem seus amigos mais íntimos tenham conhecimento; por tudo isso, o leitor que se aventurar por essas páginas com certeza terá uma leitura agradável e enriquecedora.

Não devemos nos esquecer, como seres humanos que somos, de que a vida dos outros nos serve de espelho. A fruição que certas leituras nos proporcionam advém muitos mais das coincidências entre nossos pensamentos e os das personagens do que da linguagem literária utilizada.

Nesses textos, carregados de humanidade, você, leitor, certamente vai se surpreender encontrando muito mais afinidades do que seria capaz de imaginar.

A maioria dos textos é composta de relatos autobiográficos, mas há incursões pelo universo ficcional, jornalístico e poético. São textos autobiográficos, mas fogem daquele modelo do chamado perfil, destinados aos fãs de certas celebridades vazias, escrito, às vezes, por um jornalista. São textos autênticos, de pessoas que vivem engalfinhadas na árdua batalha da sobrevivência, por isso a vida pulsa neles, flagrada nas mais variadas situações, até na fantasia, negando a máxima do grande Guimarães Rosa: “Quem mói no asp’ro não fantaseia.” Nestas pequenas obras, há lugar para a fantasia sim, como o há para os sonhos, os protestos, as

observações percucientes. Leia-os com atenção e sem preconceito e você vai perceber um universo “humano, demasiadamente humano.”

Jorge Ivam Ferreira

PREFÁCIO

*“ Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”
(Cora Coralina)*

Ao ler o trabalho do professor Jorge neste livro, pude perceber a grandeza na simplicidade dos escritos dos alunos, a criatividade e o conteúdo diversificado.

Trabalhar com a literatura e despertar o gosto pela leitura e escrita exigem do educador um comprometimento muito grande diante de uma sociedade que estimula o consumismo a qualquer custo, sem que se precise pensar sobre as ações de compra. E pensar para escrever, mesmo que seja sobre a própria vida ou a dos outros, exige muita reflexão e este é o grande desafio da educação: Educar para o pensar....

Mas, questionamos: Como realizar isto? Quais caminhos o professor deve buscar para que os alunos se sintam estimulados a produzir textos, sistematizando suas idéias, com suas histórias de vida ou criações imaginárias?

E o professor Jorge demonstrou esta competência.

Por traz destas incríveis histórias dos alunos, está um trabalho árduo do professor, pois cada um destes alunos tem características diferentes e em comum problemas generalizados de um povo que vive em um país de terceiro mundo, mas que na simplicidade, encontraram um pouco mais de esperança apenas com uma folha de papel e um lápis..

“...A minha irmã brigava muito com o marido, e eu ficava com medo. Eu saía para fora para chorar e ficava lembrando da minha mãe. Eu queria ir embora para a casa da minha mãe...Enfim eu morei com ela até os 24 anos e depois me casei. A minha mãe veio morar aqui perto de mim e quase todos os dias eu a vejo”.

Maria Aparecida A.da Silva.

Mais do que relatos emocionantes, como o transcrito acima, observa-se no livro a grande capacidade que os alunos têm de expressarem seus sonhos, suas histórias, de maneira simples e fácil de entender..

Por isso parabênzo e agradeço o professor Jorge por ter me convidado para fazer o prefácio deste livro. É com muita honra que o faço realçando a dedicação e a determinação em acreditar no potencial dos alunos do Supletivo (EJA) conduzindo-os de tal maneira para o mundo da fantasia e da própria realidade, concretizando seus sonhos....

“Sem sonhos a vida não tem brilho. Sem metas, os sonhos não têm alicerces. Sem prioridades, os sonhos não se tornam reais. Sonhe, trace metas, estabeleça prioridades e corra riscos para executar seus sonhos. Melhor é errar por tentar do que errar por se omitir. Não tenha medo dos tropeços da jornada. Não se esqueça de que você, ainda que incompleto, foi o maior aventureiro da história...” Augusto Cury.

M^a de Fátima Souza Barros Santos
Diretora da EE.Capitão Deolindo de Oliveira Santos

Minha infância no sítio

Ademilson de Oliveira Coutinho

Quando eu e meus pais fomos morar nesse sítio eu era pequeno, tinha uns 5 anos de idade e 2 irmãos. Quando chegamos ao sítio, nós não entendemos muito bem o que estava acontecendo direito. Era tudo muito estranho, tinha muito mato em volta do casarão, mas meu pai começou a carpir tudo, e minha mãe começou a limpar a casa.

Então logo tudo ficou limpo. Eu e meus irmãos fomos conhecer o rio, era a coisa mais linda! Uma água cristalina e não era fundo. Chegou a noite e ficou tudo escuro, meu pai tinha feito uns lampiõezinhos e minha mãe acendeu o fogão de lenha, e ficou tudo aconchegante. Fomos todos dormir, logo começaram a voar uns bichos esquisitos, mas eu não tinha medo, apesar de não saber o que eram.

Perguntei para meu pai que bicho era aquele que não parava de voar. Ele me falou: “É um morcego!”, eu perguntei: “Ele morde?”, ele me respondeu: “Sim, mas só os pequenos, os grandes não.”

Então fui dormir e não liguei para a resposta do meu pai. Eu não sabia do que ele estava falando mesmo.

Amanheceu e o sol estava lindo, os passarinhos cantavam, fomos direto para a cozinha nos esquentar e tomar café no fogão a lenha, depois fomos para o rio brincar.

O sítio era um lugar muito bonito e gostoso de viver, nós não tínhamos medo de nada, a não ser de avião. Eu não podia ver um avião ou helicóptero que corria para debaixo da cama.

Quando era noite de lua cheia, eu e meus irmãos brincávamos no quintal, até dar sono, ou senão ficávamos em volta da minha mãe e ela ficava contando histórias.

Logo meu pai trouxe o primeiro porquinho. Eu o vi comendo e fiquei intrigado, porque não sabia por onde o porquinho estava comendo, eu ficava olhando, olhando e não entendia. Foi aí que perguntei para minha mãe: “Mãe, por onde é que ele come? Ele não tem boca, só dois buracos!”. Ela respondeu: “A boca dele é embaixo do nariz”. Aí eu me abaixei e vi a bocona dele cheia de dentes, então fiquei aliviado.

Com o passar do tempo fomos nos acostumando à vida no sítio e minha mãe teve mais dois filhos. Fomos crescendo e brincando sem nos preocupar com nada. Tudo era uma maravilha.

Até que um dia meu pai falou que nós tínhamos de mudar para a cidade. Ficamos tristes e mudamos. A cidade era muito esquisita, tinha muita gente e eu tinha que ir para a escola e não gostava.

Foi passando o tempo e nós fomos nos adaptando na cidade.

Mas, toda vez que chegavam as férias, nós arrumávamos a nossa mochila e íamos para o sítio. Depois nós crescemos e nunca mais fomos para lá.

Tenho muita saudade daquela infância no sítio.

A minha infância

Alessandra Aparecida da Silva

Eu, Alessandra, digo que a minha vida não foi nada fácil. Tive momentos muito difíceis. Por exemplo: quando comecei a me entender por gente, percebi que meu pai era alcoólatra. Sempre tinha brigas com os meus pais e sobrava para nós irmãos, que somos oito: cinco meninas e três meninos. Meu pai, quando não bebia, era uma ótima pessoa, mas sempre bebendo e nós, meninos, não tínhamos diálogo com ele. Sempre brigas e discussões. Era difícil. Uma vez, com treze anos, fugi de casa. Fiquei uma semana fora, só voltei por causa da minha mãe.

Na minha infância tive e tenho falta de carinho e atenção do meu pai. Sempre tive vontade de abraçá-lo, mas quando olhava para ele, estava bêbado. Uma vez, ele agrediu muito minha mãe. Eu falei para minha mãe:

- Se a senhora não se separar dele, eu irei sair de casa novamente.

Minha mãe se separou. Nós nunca tínhamos diálogo com ele: sempre acabávamos brigando.

Certo dia, percebi que ele estava ficando muito doente por dentro, aconselhei, mas ele não me ouviu

Passaram meses quando ele pediu para minha mãe falar para mim que ele queria me ver. Eu não quis. Passaram dois dias ele faleceu.

Mas hoje sempre eu rezo pela alma dele e peço a Deus que o perdoe. Sinto saudades.

Hoje, graças a Deus, estou bem casada, feliz e vivo bem com meus familiares.

Uma lição de vida.

Álvaro Ernandes

Havia uma senhora muito “bondosa” no fim da rua onde eu morava quando ainda tinha oito anos. Esta senhora tinha uma cachorrinha, de nome Princesa, que estava para dar cria, mas a “bondosa” senhora não queria os cachorrinhos.

Um dia, quando eu voltava da escola, esta senhora me parou e pediu para que eu levasse a cachorrinha grávida até a beira do rio e a jogasse nele, com uma pedra amarrada no pescoço. Eu não tinha muita noção do meu ato, não soube avaliar, não sei por que concordei.

Quando chamei a cachorrinha, ela veio docilmente. Notei que ela gostava de mim. Fomos brincando um com o outro por todo o caminho, como dois bons amigos.

Chegando ao rio, vi uma canoa com dois remos ali, não perdi mais tempo, apanhei uma pedra e embarquei com a minha vítima.

Chegando no meio do rio, onde era mais fundo parei, porém a pedra era pesada e a cachorra também. O certo seria jogar as duas juntas, mas era muito peso para um menino de oito anos. Então joguei primeiro a pedra que virou o barco, jogando a mim e a cachorrinha dentro d’água.

Embora eu soubesse nadar, estava muito longe da margem. Nunca tive que dar tantas braçadas.

Foi uma feita terrível para não morrer afogado. Com muito esforço, cheguei até a margem e fiquei deitado ali mesmo (não sei por quanto tempo) até me recobrar do susto e recuperar o fôlego.

Quando de repente outro susto... Alguma coisa revirou a água ali bem do meu lado com um estardalhaço desesperador.

Qual não foi meu espanto quando avistei a cachorrinha, que arrastou a pedra pelo lamaçal do fundo do rio até ali. Estava quase morta, os olhos esbugalhados. Meu Deus! se para mim foi terrível, imagino para ela, grávida, e com a pedra! Corri para tirá-la da água. Levei-a para minha casa, dei um banho quente nela e coloquei-a na minha cama, embrulhada no meu cobertor.

Estava tão exausto que adormeci ao seu lado. Sonhei que um gigante tentava me afogar, acordei apavorado, ouvi uns gemidinhos, bem espertinhos, mamando enquanto Princesa dormia um sonho de rainha.

Contei a meus pais por que aquela família fora adotada por mim, e eles entenderam que eu tinha passado por uma lição de vida.

Um fato sobre minha vida

Álvaro Ernandes

Ocorre que, quando se está a passeio, jamais se espera que algo possa sair errado.

Foi lá pelos idos de 1970, época bastante lembrada por todos os amantes do esporte, em especial por nós brasileiros, pois, naquele ano, o Brasil foi consagrado tricampeão mundial de futebol. Que ano! Que time! O escrete do rádio dizia: Brasil! Brasil! Brasil!

Era o delírio total, histeria coletiva. A Seleção Canarinho era imbatível. Paixão nacional.

Posso dizer que me lembro, sem esforço, do nome de todos os titulares, reservas e da comissão técnica daquela época.

Quando o jogo começava, as ruas ficavam totalmente desertas. As pessoas paravam tudo o que estavam fazendo para assistir à transmissão ao vivo, diretamente do México via satélite. Que tecnologia!

Tempos modernos! Eu ficava encantado.

Quem estivesse andando pela rua na hora do jogo e não tivesse tempo para correr para casa, podia entrar em qualquer estabelecimento comercial que iria assistir ao jogo, pois com certeza lá haveria uma televisão ligada, e todos: patrão, funcionários e clientes estariam de mãos dadas. Todos com o mesmo objetivo, irmanados, unidos, sem diferenças. Eram todos iguais.

Que bom seria se fosse sempre assim!

Mas um imprevisto aconteceu: estávamos, eu e meus dois irmãos na praia de São Vicente, jogando bola com alguns amigos, quando num lance de azar eu quebrei o dedo mindinho do pé esquerdo, logo me veio a terrível lembrança: “meu Deus, hoje tem jogo da seleção!”

O socorro veio rápido, logo eu estava num fusca a caminho do pronto-socorro. Ironia do destino, quebrei o dedo 5 minutos antes de começar Brasil X Uruguai, jogo muito esperado.

Tive de agüentar a dor por 90 minutos mais a prorrogação, pois os médicos e funcionários do hospital só me atenderam quando o jogo acabou, mas também eu não ia perder o jogo.

Sorte que o Brasil ganhou, o médico me atendeu muito bem-humorado. Como teria sido se fosse o contrário?

Coisas do esporte, coisas do Brasil. Afinal nós somos o país do futebol.

Minha vida

Álvaro Ernandes

É, geralmente, nos dias de chuva que me pego pensando e, muito raramente, não acabo entrando naquele estado de auto-reflexão, perguntando:

- O que é que eu estou fazendo da minha vida?

Neste momento, aproveito para ser o mais bem sincero comigo: nem cruel demais, tampouco benevolente. Afinal de contas, trata-se de avaliar a mim mesmo, a minha vida, os meus atos e até meus próprios pensamentos.

Quando uma oportunidade dessas aparece, é bom aprofundar-se bem dentro de si mesmo e ser o mais honesto possível e imparcial consigo mesmo. É bom poder corrigir as falhas e procurar ser uma pessoa melhor. Se você souber aproveitar bem este momento único, vai perceber que:

“a vida vale a pena”.

O carro feito de telha

Antônio Bernardino de Oliveira

Ainda me lembro bem de todos os detalhes do carro que construí quando criança

Havia um terreno baldio na rua onde moro até hoje. Eu deveria estar naquele tempo com os meus dez ou doze anos de idade

Costumávamos sempre nos reunir em quatro ou cinco para brincar e inventar vários tipos de brinquedo.

Este terreno, por ser baldio, era um terreno limpo, de areião preto e amarelo, tinha também um pé de abacate, um de goiaba e um de amora. Ali era nosso parque da infância.

Brincávamos aos finais de semana. Sempre tinha uma brincadeira ou um brinquedo novo. Como gangorra, balanço e escorregador; quando era a época das frutas, aí não precisa nem falar...

Mas o brinquedo que mais marcou esta época para mim foi um carro que construímos.

Cavamos um pouco a terra até ficar no formato do banco, levantamos quatro estacas e cobrimos com pedaços de telha Brasilite. O vidro da frente era representado por um plástico transparente, as portas laterais eram de saco de nylon, os pedais, de fatias de azulejos, o volante, de mangueira em círculo e, por fim, o painel, que também era de telha.

Na maioria das vezes, era eu quem o dirigia, já imaginando um carro de verdade.

Foi uma emoção de moleque que me acompanha até hoje. Tenho 28 anos, sou casado e tenho o meu carro, que não é feito de telha, mas quando estou na direção, me vem esta recordação de infância.

Pescaria sem isca

Antônio Bernardino de Oliveira

Sábado resolvi pescar. Preocupado para não esquecer nada, comecei a arrumar o isopor com alimentos, a vara, os anzóis, a cadeira de praia, enfim, todos os itens para uma boa pescaria.

Vi minha esposa distraída com minha filha, então disse-lhe:

- Amor, você já preparou a fralda, a mamadeira e as frutas para a nossa filha?

Confesso que quando vou fazer alguma coisa, seja trabalho ou lazer, fico muito preocupado para não esquecer nada. Às vezes quando vou trabalhar longe de casa eu arrumo as ferramentas um dia antes, deixo tudo no jeito.

Minha esposa, às vezes, me acha muito afobado, mas sou assim mesmo, gosto das coisas precisas.

Enfim, então nesse belo dia de sábado, fui pescar com minha esposa e filha.

Ajeitamos tudo, ou quase tudo. Colocamos no carro e pegamos o rumo da praia.

Já na estrada, me deu fome, e então chegamos ao local desejado. Descarregamos o carro, montamos a mesa, cadeira e fui logo procurar algo que comer, e encontrei tudo aquilo que trouxemos e fiquei satisfeito.

De barriga cheia, peguei o meu material de pesca, a vara e fui até a costeira, quando percebi que faltava algo...

Algo?

É, realmente faltou algo tão importante, tanta preocupação e acabei esquecendo o principal: a isca.

Bom, retornei até a minha esposa e disse que não tinha peixe, e o jeito foi saborear o banquete que fizemos na beira da praia.

A viagem

Antônio Bernardino de Oliveira

Certo dia, recebi um convite de uma prima para passar um dia em sua casa, em Ubatuba.

Não tive tempo de me programar, pois a viagem foi inesperada.

Bom, preparei minha mala, peguei meus CDs de música. Gosto muito de música gospel.

Meu rumo era o litoral, naquela época era temporada, tive que ter muita coragem para enfrentar o trânsito e as músicas agitadas que tocavam em outros carros.

Em certo momento pude presenciar um homem intolerante que não tirava a mão da buzina, mas eu estava bem tranqüilo afinal estava indo a passeio. Aproveitando cada ponto de parada e observando as formas geométricas que surgiam através das nuvens.

Num determinado momento da viagem começou a chover, mas logo o sol se apresentou mais radiante do que nunca juntamente com um arco-íris de cores belas.

Já em Ubatuba parei em frente à Praia do Cruzeiro e pude observar que o mar estava agitado, a luz do sol, refletindo na água, dava um efeito brilhante, surpreendente.

A areia da praia era de textura grossa.

Aquela paisagem me fez lembrar do filme *Titanic*. Pena que foi tão triste o final.

Mais adiante vi a estátua do padre José de Anchieta e em uma das mãos tinha uma vara, pois foi exatamente ali, naquela areia, que ele escreveu um poema belíssimo.

Dali fui para a casa da minha prima. Ela morava em um bairro bem distante do centro, chamado Praia do Félix.

Chegando lá, minha prima me recebeu calorosamente junto com seus familiares. Ao passear pelo bairro encontrei um morador antigo, que me disse que eles gostavam muito de dançar, principalmente a dança da fita, típica da região.

Realmente aproveitei muito essas curtas férias, espero repetir novamente esta viagem.

Comentando o conto Missa do Galo

Antônio Bernardino de Oliveira

O texto iniciou-se com uma declaração de um rapaz chamado Nogueira, que não compreende até hoje a conversa que teve com uma mulher chamada Conceição.

Nas véspera de Natal, ele e a mulher tiveram uma conversa. Naquele momento, ele pôde ver nela uma pessoa muito diferente do que estava acostumado a ver.

Conceição costumava ser uma mulher passiva, totalmente sem vontade própria. Aceitava as traições do marido com naturalidade, mas naquela noite, ela estava alegre, falante, grande amante da leitura, olhos espertos, lindíssima, ou seja, uma outra pessoa.

Suponho que, na verdade, o que ele não compreendeu é como uma mulher que tinha tantos sonhos podia se fechar e submeter-se às vontades de um homem infiel que não lhe dava o devido valor. E como se não bastasse, após a morte do marido, Conceição teve a chance de se tornar uma mulher independente para lutar por seus objetivos, porém não o fez, preferiu casar-se novamente com, nada mais nada menos, um “escrevente juramentado do marido.”

Estrela d’Alva

Aparecida Ferreira da Silva

Era a primeira vez que íamos à fazenda do meu tio. Não conhecíamos o endereço ao certo. Éramos oito pessoas, minha mãe e sete filhos. Nós fomos de caminhão leiteiro, por isso saímos de madrugada, lá pelas 3h da manhã. Naquela noite quase não havia estrelas, ou seja, havia, mas o brilho tinha diminuído diante da estrela grande com cauda enorme que irradiava a madrugada. Era linda e assustadora ao mesmo tempo. Nem sempre é possível vê-la daquele jeito, toda majestosa. Lembro-me como se fosse hoje porque saímos alegres e curiosos com o desconhecido que teríamos pela frente. Descemos no ponto, mas nos perdemos, tendo que andar por várias horas correndo de vacas que pastavam pelo caminho. Depois de horas andando, chegamos à fazenda.

Era uma casa grande com fogão a lenha, telhado alto, alpendre e vários cães. Meu tio os adorava, pois não tinha filhos. Lembro-me de um que se chamava Leão. Quando meu tio chegava da roça, todos o rodeavam fazendo festa ainda no alpendre da casa.

Corríamos pela fazenda chupando laranjas colhidas do pé, ou pescando num canal artificial que meu tio desviou do rio São Francisco. Os peixes eram enormes. Nas margens do grande Chico, meu tio Mané deixava várias varas de pescar.

Fomos até lá porque era aniversário do meu tio. Ajudamos na preparação da festa com quitutes feitos no forno a lenha. À tarde, começaram a chegar os convidados. Vinham de carroça, cavalo ou carro de boi.

A casa encheu de gente, a música tocava, uns casais dançavam, outros apenas conversavam.

Foi meu primeiro baile, conheci um garoto com o qual dancei a noite toda. Tinha uma música que me marcou muito. No meio do baile houve a troca de pares pela vassoura. Foi inesquecível.

Quando acabou, fiquei triste, pois era minha estréia como adolescente e tinha ânsia de querer mais. Para mim foi marcante, pois estávamos todos reunidos, com um grande amor fraterno nos unindo para sempre. Voltamos e chorei muito por aqueles momentos tão belos que passaram tão rápido pela minha vida.

Uma dançarina da vida

Aparecida Ferreira da Silva

Sou depressiva, motivada pela sensação de não pertencer a nada nem a ninguém. Com ansiedade excessiva por algo que ainda está por vir, cheia de medo com uma vulnerabilidade absoluta que me impede de viver. Cheia de culpa por não aceitar minhas próprias falhas. A solidão é um auto-abandono que me é criado por medo de amar.

Às vezes, sou agressiva, movida por um ato de defesa próprio. O silêncio me favorece um mergulho no coração que é o lugar mais seguro do mundo.

Sou grata por estar ancorada e em sintonia com energias elevadas de amor. O coração cheio de amor diante da beleza da vida.

Amo a vida, sorrio para as dificuldades, que são feitas para evoluir, dando a mim a oportunidade de crescer, aprender, errar, aprender novamente porque a vida muda a todo instante. Tento fluir com ela.

Velocidade da vida

Aparecida Ferreira da Silva

Às vezes acho que estou no fim do caminho.

Olho à frente e não vislumbro nada, estou sozinha, sem luz, só um túnel escuro e inverno em minha alma. A dor é constante, há sonhos não acalentados e desesperança. Mas a natureza traz a primavera mudando a paisagem do meu ser com tonalidades mil.

Tento fazer minha viagem de volta, fazendo meu coração vibrar novamente para o crescimento com uma chama de esperança. É preciso coragem para correr risco, vencer as pedras do caminho, recuperando meu equilíbrio, são os pequenos momentos que mudam a existência de cada ser, suportando as rajadas de ventos frios. São as ondas do caminho que nos fazem lutar para a sobrevivência.

Temos que nos libertar pois o ser humano deprimido perde o motivo existencial mutilando-se. Busquemos na fonte da vida o crescimento da alma, unindo forças, lutando por nossos ideais. Jamais fechar os olhos para a vida. Cicatrizando nossas feridas emocionais, notando a importância de que somos nossos próprios mestres em busca de sonhos e um dia, vencendo o medo das sombras, sonhando com os sonhos, podemos sacudir o mundo...

O encontro

Aparecida Ferreira da Silva

Ainda recordo, com pesar e saudade, a noite interrompida pelos gritos que vieram de fora.

Ele chegou e foi hospedado por nós, veio carregado de livros. Vivia sempre quieto, não tinha muitas amizades. Às vezes, fazia alguns passeios sozinho.

Aquela noite era véspera de Natal e haveria missa do galo. Meu hóspede aguardava ansioso pela missa na Corte. Meu marido saíra como sempre, disse ter ido ao teatro, mas eu sabia se tratar de encontro com mulheres, pois só retornava no dia seguinte.

A solidão e a dor me eram constantes, mas eu havia me colocado naquela situação: a de aceitação, não reagia diante dos fatos. De fato existia em mim um auto-abandono bastante doloroso, mas era preciso acordar mesmo que fosse só por um instante. Naquela noite, eu resolvi arriscar, aliviar um pouco minha dor, marcando um encontro com o meu eu, para trazer novamente a alma para dentro do meu corpo identificando meu coração com o propósito de ser feliz, sendo imagem e semelhança do meu poder de amar, entregar, arriscar uma vez só, sem medo de ser rejeitada. Sendo ousada, investir para aliviar o abandono no qual eu vivia.

Quando o procurei, minha vida ganhou movimento, meus olhos e minha alma dançavam num ritmo de brilho e ansiedade misturados a uma esperança de um pouco de felicidade. Doce ilusão, mesmo não contendo meus anseios, percebi que ele não entendera, parecia incrédulo e ao mesmo tempo assustado, sei que abusei do meu comportamento, mas escolhi aquele dia que a vida parecia fluir a meu favor, mas esqueci das leis que regem a vida com mudanças de comportamento junto a maturidade de cada um. De coração, aberto, dei-me a mim própria a oportunidade de errar, acertar ou aprender. Estava sedenta de estar enamorada, sabia ser eu a responsável pela minha quase felicidade, mas as tramas do destino me impediram de usufruir daquela felicidade. No fundo de minha alma só queria sentir uma profunda gratidão por ainda estar viva.

Desabafo

Aparecida Ferreira da Silva

Espero chegar o dia que não haja mais dor.

Todas as lágrimas não de secar, fazendo brotar em sua existência os sonhos de outrora. Eu sonhei com um mundo cheio de risos, uma natureza cheia de brotos verdes inundando nossa calma de sabedoria, varrendo o inverno de nós. A natureza muda toda a sua paisagem com folhas e flores com ares de luminosidade. Mas a descoberta da vida me derrubou muitas vezes com perdas, danos, choros silenciosos, mas descobri ser inútil querer desistir, a dor faz parte de nosso crescimento interior nos tornando mais vorazes em lidar com situações difíceis, reconhecer quando erramos, levantar quando caímos, identificar que nada se perde, de tudo se tira um bem. Um bem que nos enobrece, como reconhecer um erro, perdoar uma falha sofrida na infância, talvez por necessidade ou merecimento. Muitas vezes, odiei minha mãe, achava que ela me desprezava, que eu não era uma filha desejada. Queria estar sempre em outros lugares onde me sentia amada. Até hoje não compreendo essa rejeição. Para ela sempre houve preferências. Às vezes, me sinto usada. Queria odiar, desprezar, mas me tornei algo maior.

Aprendi que não se vem a esse mundo à toa. Quando for embora, quero levar comigo o perdão e o reconhecimento do que ela fez por mim: ter me dado a chance de nascer e ter evoluído como ser humano, reparando erros e inovando acertos. Aprendi que quanto mais se conhece as dores ocultas mais se deve procurar aliviá-las nos outros.

Virando a página

Camila Luíza Z. do Prado

Eu me chamo Camila Luíza Zandonadi do Prado, nasci em Caraguatatuba, litoral norte de São Paulo, no dia 26 de julho de 1979. Hoje moro em Ubatuba juntamente com meu esposo e minha filha.

Quando lembro da minha infância, vejo que tive momentos bons como qualquer criança, mas tive momentos tristes, talvez mais do que qualquer criança da minha idade. Não sei, mas acho que tudo isso era para que mais tarde eu desse mais valor à vida.

Tenho um irmão adotivo que bebia muito, isso me dava medo. Suas atitudes incontroláveis não me deixavam dormir à noite. Ele pegava uma faca e ficava gritando que ia matar minha mãe e meu pai.

O meu irmão me rondava, mas como eu era criança, logo esquecia. O tempo foi passando, eu fui crescendo e o meu medo diminuindo.

Hoje se vejo alguém, passando pelo que passei, sinto uma força dentro de mim, uma vontade de ajudá-la a vencer aquele medo, levo uma palavra no meu coração: “A tristeza pode durar um noite, mas a alegria vem ao amanhecer”.

E quando é um jovem que está entrando no caminho do vício, a minha vontade é de entrar na cabeça dele e fazer com que pare com isso, mas não posso, então procuro conversar, levantar a auto-estima dele e mostrar-lhe que ele é importante e que não precisa disso.

Graças a Deus, hoje meu irmão está melhor, mas ainda precisa melhorar. Minha mãe continua morando em Caraguá. Meu pai faleceu já faz mais ou menos 7 anos.

Casei-me aos 17 anos com um homem maravilhoso, educado. Tudo que eu esperava em um homem nele eu encontrei. Temos uma filha com 6 anos, maravilhosa também. Ensinamos a ela que qualquer tipo de vício não leva a pessoa a lugar algum, a não ser para um grande buraco fundo e escuro, do qual somente com a ajuda de Deus a pessoa consegue sair.

Esta é uma parte da minha infância que não quero me lembrar, por isso prefiro virar a página.

Apadrinhamento

Camila Luíza Z. do Prado

O que aconteceu foi assim: meu esposo prestou um concurso na Prefeitura de Ubatuba para o cargo de motorista.

Nós ainda morávamos em Caraguá. Ele fez de tudo para se preparar, pois precisava de dois cursos que ele não tinha.

Ele correu atrás e conseguiu concluir o curso, teve que ir para São José e São Sebastião, finalmente conseguiu.

Em Caraguá, ele já dirigia ônibus, então ele tinha prática para prestar o concurso de motorista, pois a prova prática seria de dirigir ônibus.

No final das contas, na prova escrita ele pegou o 17°. lugar, uma boa posição. A injustiça começa agora, na prova prática teve gente que não tinha carteira de motorista para dirigir ônibus e passou nos primeiros lugares e ele que tem experiência pegou o 58°. lugar.

Ficamos muito chateados e aborrecidos com tudo isso. Poxa! Então de que vale um concurso, se você não tem “um padrinho” para colocá-lo lá?

Viajando tão perto

Camila Luíza Z.do Prado

Eu gostaria de poder conhecer o Brasil. Muitos querem conhecer outros países, mas eu quero conhecer é o meu Brasil. Acho aquelas cidades do interior tão interessantes!... Cada uma delas tem suas história, seu folclore e seu modo de falar. Por exemplo em São Paulo chamamos as crianças de menino e menina, mas no Rio grande do Sul é guri e guria.

No Rio de Janeiro pão é chamado de cacete. Na Bahia, eles chamam os pais de mainha e painho. Já os mineiros são cheios de expressões típicas: é logo ali, uai!.

No Amazonas, há aquelas pessoas iguais a nós, mas com costumes muito diferentes

Ir a Minas Gerais e poder desfrutar do verdadeiro pão de queijo...hum! chega até dá água na boca.

Conhecer as belezas de Fernando de Noronha, de Campos do Jordão, do Pantanal.

Ah! Eu ainda vou conhecer o meu Brasil brasileiro! .

Minha infância

Claudinei Ramos de Jesus

Sou orgulhosamente de família humilde. Nasci em Minas Gerais, mais precisamente em Itaipé, e logo vim para Ubatuba. Aqui passei grande parte de minha infância, fazendo coisas obviamente de criança: jogando futebol, brincando, brigando na rua, na escola, apanhando da professora, pois eu era muito atentado.

Minha infância pode ser resumida numa infância boa, uma infância que toda criança tinha que ter. E é o que não acontece nos dias de hoje nas cidades e, principalmente, nas grandes metrópoles.

Tenho saudades da minha infância, pois fui muito feliz. Espero que futuramente todas as crianças tenham a infância que tive. Sonhar não custa nada, né?

As surpresas da vida

Claudinei Ramos de Jesus

Como pode ser bela e surpreendente a nossa vida! A vida pode, por sorte ou por destino, ser bela ou muito angustiante. Eu sempre desejei levar uma vida simples, sem grandes problemas, sem chamar a atenção, enfim viver a vida como ela é, mas o destino não quis assim e, se eu quiser ser feliz, terei de lutar contra o mundo, me expor a situações de constrangimento e, ao contrário do que sempre quis, ouvir o meu nome na boca de todos.

E quem somos para saber do nosso amanhã e para dizer o que o nosso coração sentirá daqui a 24 horas?

Coração onde nascem os mais puros sentimentos e mesmo que o mundo diga não, mesmo que você que diga não, nem adianta: com o coração não se brinca, pois no fim ele sempre fala mais alto, independente da situação.

E a vida? A vida, que planejamos levar de uma maneira, de repente toma direção totalmente contrária e você se encontra em uma situação embaraçosa. Embaraçosa não, eu diria que decisiva, em que a cabeça não manda, o bom senso não interfere nem mesmo a inteligência ou a coerência. Somente uma coisa pode resolver a situação: escutar o coração e dar-lhe o que ele pede ou manda. E não adianta: enquanto você não der, não será feliz, porque a felicidade

vem de dentro do coração. E é lá que tomamos nossas grandes decisões – as decisões da surpresas da vida.

E, para finalizar, uma pergunta: qual é melhor? Viver em paz com o mundo e infeliz, pois não tem quem ama, ou ser feliz com quem você ama e revirar o mundo a sua volta, literalmente falando?

Só sei de uma coisa: quero ser feliz, custe o que custar.

A Rocha

Constância Mota Pereira

Hoje posso relatar um pouco da minha vida. Pelo menos um fato muito especial.

Há algum tempo, eu fiz uma escolha muito especial na minha vida. Antes dela, eu pensava que era feliz, mas sempre me faltava algo. Essa escolha fez uma diferença enorme na minha vida, pois eu hoje sou feliz de verdade. Antes, no meu coração eu tinha uma casa edificada em cima dele só que o solo era de areia e a qualquer vento que batia a casa caía, pois não estava firme, então a tristeza batia contra ela, e ela sempre no chão ficava.

Mas tive a oportunidade de mudar tudo e não perdi a chance.

Hoje essa casa está no meu coração e o solo dela é uma rocha que nenhum vento, nenhuma tempestade, é capaz de derrubá-la.

A tristeza vinha contra mim, e eu não sabia para onde correr. hoje não corro, porque o meu refúgio vem ao meu encontro. No meio de lutas, ventos ou contra uma grande tempestade, sei para onde ir e onde esconder-me. Sinto-me muito bem aquecida debaixo das asas do meu Pai.

E assim o tempo vai passando, e ele fala para mim: “Se você está em pé, vigia para não cair, porque o amor de muitos esfriarão com o passar do tempo.”

Mas estou forte e firme.

Escola e amor

Constância Mota Pereira

Já fazia seis anos que me encontrava fora da escola. Havia desistido no 3º. Ano do Ensino Médio quando já estava no mês de outubro. Foi um absurdo, mas eu não ia passar mesmo: tinha muitas faltas.

Depois disso fiz um cursinho de enfermagem. Trabalho há três na Santa Casa e para dar continuidade a minha formação, preciso terminar o 2º. Grau. Até mesmo para manter minha profissão, já que o cargo de auxiliar de enfermagem será abolido e só terá validade o curso técnico, por isso voltei para a escola.

No primeiro dia que entrei na sala, perguntei-me: “Meu Deus, o que é que estou fazendo aqui?” Odiei, pois não suporto sala de aula, mas não tinha jeito. Tinha de agüentar. Faltei muito no início: não conseguia me enturmar. Pensei em desistir, mas não podia. Eu precisava terminar.

O ensino está muito fraco, mas até que me surpreendi, pois pensava que estivesse pior. Bom, pelo menos eu acho que meus professores são bem empenhados. Apesar de que hoje só aprende quem realmente quer aprender e quem quer aprender pergunta, participa. Enfim “suga” o professor o máximo possível. O que não é o meu caso. Não porque não tenha interesse, mas porque sou muita reprimida e acabo não perguntando o que gostaria de perguntar.

As aulas de Português são muito interessantes. Não gostava de escrever, aliás, não gosto, mas até que melhorei nesse ponto. Passei a escrever mais e até mesmo a ler.

As aulas de Filosofia me deram uma nova visão das coisas, das pessoas, da vida. Melhorei muito como pessoa. Pode-se perceber isso ao me olhar. Quem me conhecia antes pode perceber melhor essa mudança. Estou mais otimista, alegre, bonita e com mais projetos do que antes.

Há muitas coisas que eu esperava aprender, mas não aprendi ainda. Mas também o tempo é curto no Supletivo. Tenho muita dificuldade com as palavras. Dificuldade com a pontuação, parágrafo. Escrevo muito errado, mas estou prestando mais atenção. Ao escrever deixava muitas palavras sem acento, ainda deixo, mas bem menos.

Eu não ia escrever nada sobre a classe, mas o fato motivador foi o que me aconteceu algumas semanas atrás. Comecei a olhar diferente para um colega e como se não bastasse, comecei a sonhar com ele, meu Deus! Não podia acreditar no que estava acontecendo comigo. Estava sentindo algo que eu não entendia. Quando esse colega estava na classe, meu coração acelerava. Eu tremia, suava. Eu que pensei... Pensei, não, sempre disse que jamais me apaixonaria por uma pessoa sem que houvesse um envolvimento físico, pois é! Eu estou apaixonada. E mais ainda: um dia desse ele me ofereceu uma carona e eu, claro, aceitei. Prometi para mim mesmo que não ia deixar minha timidez me atrapalhar e fomos. Chegando próximo da minha casa, ele perguntou se eu não queria dar uma volta, e eu disse que sim. Não posso acreditar. Eu disse sim! Seria mais fácil eu dizer não, entrar em casa, solitária, e nada acontecer, mas não. Tomei coragem e disse: “Claro! Vamos dar uma volta.”

Fomos em direção ao centro e paramos na Sucolândia, tomamos um suco e conversamos. Eu tremia. De frio e, ai! Sei lá! Chovia muito e então resolvemos ir embora. Entramos no carro e ele tomou a direção de minha casa. Chegando na metade do caminho, ele me perguntou:

- Você não pode mesmo chegar um pouco mais tarde em casa hoje?

E eu, um pouco preocupada, me surpreendi dizendo sim e repetindo parte da frase dele:

- Sim. Hoje eu posso chegar um pouco mais tarde em casa.

Então ele sugeriu que fôssemos para sua casa. Meio receosa, perguntei: “O que vamos fazer lá?”, mas claro que eu já sabia o que poderia acontecer e não pude resistir – nem podia: eu queria muito.

Fomos. No meio do caminho, eu ficava imaginando: será que vou me decepcionar? Meus sonhos eram muitos bons. Neles, seus beijos, seus carinhos, eram maravilhosos.

Chegando lá, ele me apresentou sua casa e mostrou fotos do seu filho e, como não tinha sofá na sala nem em outro lugar, sentei na sua cama e ele, ao meu lado. Veio me beijar. Eu não podia acreditar era igual ... não... melhor, muito melhor do que no meu sonho. Foi maravilhoso, lindo, supercarinhoso. Não pude resistir e... é isso mesmo, me entreguei. Eu sei que era cedo, mas pela primeira vez na minha vida, deixei minhas emoções fluírem. Ninguém pode entender isso. Por mais que eu tente explicar, ninguém vai entender. É muito difícil até para mim.

Agora estou mais apaixonada do que nunca. Pareço até uma adolescente, uma menina bobinha que se apaixona pela primeira vez. Hoje, por exemplo, a sala está vazia e triste, pois ele faltou.

Algo que marcou minha vida

Daniel Fonseca da Conceição

Quando comecei a pescar, eu tinha mais ou menos 10 ou 11 anos e saía para alto mar com meu pai nas férias escolares. Eu não via a hora de chegar um tempo vago para que eu pudesse ir pescar.

Chegando lá fora, tinha todo um processo para começar a pescaria, como por exemplo, procurar os cardumes com a ajuda de um sonar e uma sonda. O proeiro quando achava os peixes, mandava largar a rede e o mestre mandava na tripulação de 24 homens. Ao cercar o cardume, começavam a puxar a rede, chegando no final vinha a parte da rede chamada sacador, ali que o peixe ficava concentrado. Cardumes de 13 toneladas de um lance só, depois gelava-se o peixe no porão do barco em cerca de duas horas. Após acabar o serviço, preparava-se a rede novamente pra retornar ao mar, isso quando não se pegava um lance de carga completa, pronta para retornar direto ao porto.

A capacidade do barco era de 78 toneladas e nós já chegamos a completar a carga máxima graças a Deus. Mas eu era criança e só ia a passeio.

Quando me formei no primeiro grau, eu abandonei a escola pra viver uma aventura no mar. Eu tinha 15 anos quando embarquei a bordo de um barco com oito tripulantes e passei a pescar em outro tipo de rede. Não de traineira e sim de malha para matar cação grande e outra para matar corvina e peixes diversos.

Logo em minha primeira viagem eu fui ao Arraial do Cabo - Cabo Frio – RJ. Foi uma viagem inesquecível, nunca vi tanto sal na minha vida, tinha um vento de leste e quebrava ondas no convés do barco viajando. Após o barco parar, você passava a mão em qualquer parte e arrancava uma mão de sal. As paisagens eram lindas, a água cristalina, uma maravilha. Pena que esta viagem durou vinte e um dias e trabalhamos somente quatro por causa do vento.

Voltamos pra Ubatuba empenhados com 700 quilos de cação, não deu para pagar a despesa. E saímos, trocamos a rede de cação e colocamos a rede de corvina e fomos para Angra. Esta viagem levou uns 18 dias e trouxemos 13 toneladas.

O sistema da rede de corvina é diferente do de cação. Na pesca ao cação, larga-se a rede de tarde e colhe-se de manhã bem cedo. Já na pesca de corvina, larga-se a rede de manhã e colhe-se à tarde. São dez milhas de rede. Em quilômetros, chega a dar 18 km em linha reta. Haja fôlego para recolher tudo isso. Normalmente começa-se a colher às 17 horas, e acaba-se entre 22 e 23 horas. Isso quando não tem peixe na rede.

A maior dificuldade nesse tipo de pesca é ter que desmalhar, ou seja, tirar o peixe um por um, vira a rede para lá e para cá, vira aqui, puxa ali. Em média, quando o peixe não está enrolado, leva-se cerca de dez segundos para tirar um, já quando está difícil chega-se a levar um minuto ou mais.

A safra da corvina leva sete meses, foi uma safra boa. Teve uma vez que eu quase desisti, de cansaço. Já não tinha mais força para trabalhar, foi numa sexta-feira, largamos a rede tarde. Já eram umas 11 horas, estava um sol lindo, vento de sul, a maré de leste, estava tudo ótimo para acertar o peixe. Almoçamos, dormimos quando foi três horas da tarde, começamos a colher a rede. O total da rede era 340m, logo na primeira rede vieram 30 peixes, na segunda vieram 90 e na terceira, 150. Logo paramos o guincho para desmalhar, colhemos menos da metade e paramos para gelar com 7 toneladas. Eram 4 horas da manhã quando terminamos de gelar. Às 8 horas da manhã e voltamos a colher. Resumindo: de sexta-feira até segunda-feira, trabalhando sem dormir e sem comer chegando nas últimas redes, começamos a gelar o peixe. Quando dava um minuto parado dormia em pé, A minha coluna não agüentou mais. Eu quebrei, com uma pá de bico, 23 toneladas de gelo em pedacinhos nesses três dias. O cansaço era enorme, o sono também. No final, a pescaria foi ótima: 25 toneladas de peixe. O detalhe mais importante eu estava esquecendo. Naquele domingo de trabalho, foi meu aniversário. Foi inesquecível. Por causa do meu esforço e minha dedicação ao meu trabalho, no final das contas, em quatro dias, eu ganhei um grana muito alta...

Amor

Diana Neves Fernandes

O sol hoje nem apareceu!
será mesmo o fim?
Mas ...a vida é um flash,
com surpresas e conflitos.
Somos apenas personagens principais
da melhor telenovela da vida.
Somos Adão e Eva mergulhando
num paraíso cheio de armadilhas.
E o pecado está em nossa própria carne.
Amamos a quem não nos ama e
humilhamos aqueles que nos amam de

verdade. E assim somos todos esmagados
por esse sentimento que corrói o peito
e a alma de quem o sente.

Pagar o pato

Edmir Henrique dos S. Silva

É muito ruim pagar por uma coisa que você não fez. Você sempre é acusado sem provas de que fez alguma coisa e quando você faz falam que foi outra pessoa. Isso é a pior injustiça do mundo.

Sempre que tem toalha molhada em cima da cama falam que sou eu ou meu pai. Se tem louça suja, falam que sou eu ou minha irmã e não têm prova nenhuma. Essa injustiça é horrível! Isso que penso!!!

O pé de jabuticaba

Edmir Henrique dos S. Silva

Quando eu tinha de 10 para 11 anos, todas as tardes, ia para o sítio do meu avô com meus primos. Meu avô tinha um irmão que se chamava Emílio. Tio Emílio era como nós os chamávamos.

Ele tinha um terreno do lado do sítio do meu avô. Neste terreno, tem até hoje um pé de jabuticaba, quando carregava de frutas, meu tio não gostava de que nós tirássemos as frutas. Então o que nós fazíamos? Pegávamos escondido.

No dia seguinte, ele ia olhar a jabuticabeira e dizia: “já me roubaram, já teve gente aqui. Vou fazer uma armadilha”.

Colocava óleo queimado em volta do tronco, amarrava o cachorro perto, colocava arame farpado em volta e dizia: “Qualquer hora eu vou pegar um danado aqui”. Só que isso não acontecia porque nós sabíamos de tudo. O tempo passou e isso nunca aconteceu.

Meu tio já faleceu, e o pé de jabuticaba se encontra no mesmo lugar, só que não carrega mais como antes.

Tudo isso são coisas do passado, e jamais esquecerei.

A minha infância

Edmon Pereira dos Santos

Meu nome é Edmon, tenho 21 anos e na minha infância eu sofri muito por minha mãe me deixar com os meus avós.

Quando eu fiz cinco anos, a minha mãe voltou a me ver, só que eu não a conhecia mais e começava a brigar com ela e falava que ele não era mais a minha mãe.

Um dia, ela me pediu um copo de água, e como eu não gostava dela, peguei um cabo de vassoura para bater nela, só que ela me bateu muito.

Passou uma semana na casa dos meus avós e voltou para sua casa. Quando eu fiz sete anos, meus avós vieram morar em Ubatuba e ficaram de uma vez.

Quando a minha mãe soube que eu estava chegando, ficou muito feliz, mas meus avós disseram para mim que não era para eu ir na casa da minha mãe.

Só que, quando eu vi a minha mãe na porta, ela me chamou e me pediu um abraço e eu dei. Meus avós viram e me xingaram muito, e a minha mãe brigou com eles e disse que eu ia morar com ela. E meus avós falaram que não iam me deixar morar com minha mãe.

Eu perguntei para eles por que eles não gostavam que eu fosse na casa da minha mãe, só que eles não responderam e ficou por isso mesmo.

Num certo sábado, me levantei bem cedo, escondido do meu avô, e fui com minha mãe para o sítio. Fiquei quatro dias lá, sem que meus avós soubessem. Quando voltei, falei com meus avós que ia morar com a minha mãe e meus irmãos e ele ficou um momento calado antes de falar: “Pode ir que eu não vou discutir mais”.

Eu tinha oito anos quando fui morar com minha mãe e meus irmãos. Ficamos todos felizes. E assim foi a minha história.

Polícia e bandido

Edmon Pereira dos santos

Na minha opinião, uma das piores injustiças do mundo inteiro acontece quando policiais e bandidos entram em acordo. Certos bandidos matam, roubam e até abusam de menores. Mesmo assim, não são punidos como merecem, porque são de classes alta. Eles compram policiais, juízes e ficam em liberdade. Por isso a injustiça aumenta cada vez mais.

No ano passado assisti uma coisa na televisão que me deixou muito triste: uma mulher, que não tinha condições nem para comprar alimento para seus filhos, entrou em um supermercado e acabou roubando um xampu e um pacote de bolacha. Por causa disso foi espancada, jogaram pó químico em seu olho. Ela perdeu a visão e mesmo assim foi condenada a ficar na prisão por muito tempo, quem sabe até a morte.

Já os policiais que a torturaram nunca foram punidos. Isso é injustiça.

Vale a pena lutar e ser feliz

Edmon Pereira dos Santos

Há alguns anos, conheci uma família e naquele momento ela se tornou muito especial para mim. Pouco tempo depois me tornei amigo de um dos filhos daquela família, começamos a trabalhar juntos. Dias depois, ele conheceu a minha irmã e começou a namorar com ela. O namoro durou pouco, mas a nossa amizade continuou.

Dessa amizade começamos a chamar um ao outro de cunhado, mas para mim era apenas uma brincadeira até que um dia conheci duas de suas irmãs que estavam chegando para trabalhar na cidade. Fiquei feliz, pois a brincadeira poderia se tornar de verdade.

Quando elas chegaram, eu estava trabalhando. Quando voltei do serviço, percebi que uma delas naquele momento se tornou especial para mim e logo depois me apaixonei. Dias depois, fui trabalhar no mesmo lugar que ela. Eu esperava conquistá-la, só que, quando cheguei, fiquei sabendo que ela estava namorando; mas não perdi a esperança de um dia tê-la só para mim. Cada dia que passava o meu amor se tornava maior. Até que estava demorando para conquistá-la, pois essa brincadeira durou um ano.

No dia quatro de novembro, que foi o dia mais feliz da minha vida, ela percebeu que também gostava de mim e terminou o namoro com ele.

Foi quando começamos a namorar, o que sentimos um pelos outro era bastante forte, só que muitos ficaram contra o nosso namoro porque ela era evangélica, mas eu não era. Mesmo assim continuamos juntos durante três anos porque bem lá dentro tínhamos uma única certeza: que o amor, quando é verdadeiro, suporta tudo, até mesmo as piores barreiras que, com certeza, aparecem no caminho da maioria das pessoas que se amam.

Hoje já estamos casados e a felicidade é imensa, pois, além de estar perto da mulher que amo, que escolhi para ser a minha alma gêmea, soube que serei papai.

Essa experiência serviu para que eu percebesse que quando o amor é forte vale a pena lutar por ele, pois quanto maior for a luta maior serão os frutos da vitória.

A vida

Elisângela Salustiano Soares

A vida é a dura realidade do Ser.

Ela pode ser alegre e fazer sorrir, ou triste e fazer chorar. O sorrir e o chorar são como dois amigos que caminham juntos. Nós, seres humanos, somos como um poço de sentimentos.

Com os meus 18 anos eu pude conhecer sentimentos que para mim ainda eram desconhecidos.

O primeiro sentimento que eu conheci foi o sorrir.

Eu sempre sorria e me alegrava com a inocência de criança, e com alegria de ser feliz.

Com os meus 7 anos eu aprendi dois sentimentos que começaram a entrar no meu mundo de criança.

A morte do meu avô me ensinou a dor que causa uma perda e o que é tristeza, mas ainda não havia aprendido a chorar.

Os anos se passaram e fui descobrindo os sentimentos de perda, de conquista e de solidão. A alegria e o sorriso ainda faziam parte de mim.

Todos sempre dizem: “Você tem um sorriso lindo, Elisângela.”

Mas aos poucos fui descobrindo que sorrir não significa ser ou estar feliz. Por várias vezes sorrir com tristeza na alma.

E a cada dia, descobria um sentimento novo.

Com os meus 18 anos pude conhecer o que muito tinha ouvido falar e até visto, mas ainda não havia sentido.

Eu achava engraçado como as pessoas choravam, eu apertava os meus olhos com muita força, mas nenhuma lágrima saía.

Um dia descobri o que é o amor e ao mesmo tempo descobri o que é a traição e, quase que sem esperar, lágrimas começaram a sair dos meus olhos. Foi instantâneo, eu não precisei forçar os olhos. Eu tinha acabado de aprender o que é chorar.

Junto com as lágrimas que corriam sobre a minha face, aprendi que o choro pode vir acompanhado com uma terrível dor no peito.

Hoje com 21 anos aprendi que o choro pode vir acompanhado de alegria, emoção e tristeza.

Posso dizer que apreendi muito, mas ainda estou à espera do que mais a vida pode me ensinar.

Ainda pude perceber que, quando sento à frente da televisão para assistir a novela, começo a chorar. Enfim, acabei virando uma verdadeira manteiga derretida.

Força do Pensamento

Ezilene Xavier Leite

- “Missa do Galo!” - ao ouvir esta frase, gritada por alguém lá na rua, há poucos minutos, senti-me arremessada ao passado e fiquei confusa com o choque que senti. Aquele grito mexeu muito comigo, trouxe à memória vários detalhes daquela noite de Natal em que havíamos hospedado o Nogueira, um amigo do Chiquinho, meu falecido marido, na verdade, primo de sua primeira esposa.

Não posso me esquecer: era tarde da noite, minha mãe e eu já estávamos deitadas enquanto ele lia um livro na sala para passar o tempo. Estava aguardando a hora para chamar o vizinho. Iriam juntos à Missa do Galo.

“Os três mosqueteiros”, acho que era esse o livro que lia...

Estranhamente o sono me fugiu, eu que dormia tão logo me deitava, quase que para não pensar no que estaria Chiquinho fazendo por aí com a outra...

Todos pensavam que eu era boa por aceitar, mas a verdade é que eu tinha medo de reagir. Para onde eu iria? Minha mãe morava comigo desde o casamento, nunca precisei trabalhar pra fora, pois ele sempre nos deu de tudo, tínhamos até duas escravas que realizavam todos os afazeres da casa com presteza, além do que; mulher largada é mais feio que traída! O jeito era aceitar o destino que a vida me deu...

Decidi ir para a sala fazer um pouco de companhia ao Nogueira, nem me dei conta da roupa inadequada que usava, pois era hábito vestir um roupão todas as vezes que me levantava na madrugada. Sentei-me na cadeira que estava defronte dele.

Senti que ele ficou apreensivo, talvez pensasse ter me acordado. Prontamente o tranqüilizei afirmando ter acordado por acaso. Essa não era bem a verdade! Talvez eu estivesse ali por causa... ou quem sabe, só quisesse conversar mesmo.

A única certeza que eu tinha era que se, ele não estivesse ali, eu estaria deitada.

Enquanto falava, seus olhos pararam em mim. Senti um arrepio correr na espinha. Senti-me transparente. Ele olhava-me com tanta profundidade como se lesse, parecia saber que o roupão era meu único abrigo...

Foi aí que lhe perguntei o que estava lendo, para ver se afastava seus olhos de mim.

- *Os três mosqueteiros* – disse ele.

Naquele momento, meu pensamento fugiu-me sem rédeas.

- Ele deve ser romântico, sensível, tão diferente do Chiquinho... pensei, mas o que estou fazendo? No que, exatamente, estou pensando? Novamente senti aquele arrepio...

A noite estava quente, mas eu transpirava além do normal, as mãos estavam úmidas e quase se podiam ouvir as batidas do meu coração. Eu não estava entendendo nada, mas confesso que era bom... Quando se vive esquecida, o pensamento flutua nas fantasias... e se eu embarcasse comigo nos meus pensamentos?

Não! Não era possível! Era só um menino, tinha tão pouca idade... só 17 anos, embora não fosse isso que os olhos vissem... me parecia tão maduro, tão homem...

Entre uma frase e outra, eu tinha o cuidado de reprimi-lo dizendo que falasse baixo para não acordar mamãe. O que ela diria se nos visse ali quase meia-noite?

Ele me falou de outros livros que já tinha lido. Eu o ouvia com os olhos entreabertos, senti os lábios secos e os umedeci com a língua como se saboreasse uma guloseima.

Acho que nesta hora ele queria se desvencilhar da conversa, do clima que causei, de mim... quis sair. Disse-lhe que era cedo, ainda faltava meia hora, e eu estaria pronta a acompanhá-lo em sua espera até o último segundo (gostava de apreciar o cheiro bom de seu perfume).

- Quando senti, pela última vez o cheiro de Chiquinho? Perguntava-me.

Chiquinho era muito asseado, mas era desses homens que não fedem nem cheiram. Só se cheirava para a outra...

Perguntei se ele poderia passar o dia todo acordado ficando tanto tempo sem dormir à noite, pois eu já não conseguia mais por causa da idade. Sua resposta não causou surpresa tampouco me decepcionou, pois veio justamente como eu esperava que viesse...

- Idade o quê, dona Conceição! A senhora é nova.

“Será que se interessa por mim?” Sorri, abismada com meus pensamentos. Senti seus olhos me examinarem e isso me perturbou de tal maneira que fui obrigada a me levantar, andar para disfarçar a agonia que eu estava vivendo. Tinha medo de que ele percebesse e me repudiasse, ou repelisse, mas o fato era que eu estava quase em seu domínio e não conseguia voltar à razão. Logo eu, que era tida quase como santa. Todos me achavam boa. Ah, se pudessem ler meus pensamentos naquela hora!... De repente senti uma certa vergonha de mim...

Como se percebesse minha aflição, Nogueira começou a falar da festa na cidade e emendou alguns assuntos como se não conseguisse parar de falar e ao mesmo tempo não tivesse mais assunto. Estávamos agora tão próximos que sua respiração era melodia aos meus ouvidos. Quase cochichávamos, ainda assim pedi que falasse mais baixo, afirmando que mamãe poderia acordar e tão cedo não dormiria de novo, tinha o sono leve como o meu. Foi aí que

descobrimos uma coincidência: ele tinha o sono leve como mamãe e eu. Falamos então sobre sonhos, pesadelos e procurava fazer com que ele falasse bastante como se isso segurasse as horas do relógio.

Às vezes os olhos se-me fechavam enquanto a imaginação fluuava, e, numa dessas, vi seus olhos fitos em mim como se me penetrassem a alma. Pareciam apreciar-me. Senti-me então viva e experimentei por alguns momentos a doce ilusão de que estava sendo cortejada. Nogueira subitamente quis se levantar, eu o segurei nos ombros e esses segundos se transformaram em horas, dias, semanas, como se eu estivesse presa a ele e sem qualquer movimento possível. Respirei fundo e soltei-o saindo de perto e procurando logo outro lugar para sentar-me, era melhor ficar mais longe.

Fiz um comentário qualquer sobre uns quadros de Chiquinho que estavam pendurados na parede, devo ter dito que não combinava com a decoração da sala ou que eram feios, não sei direito o que disse, mas posso descrever com precisão o que senti: as mãos estavam frias, o coração disparado no peito, o corpo pendia como se quisesse colar-se ao dele, tive o ímpeto de beijá-lo...Até hoje me arrependo de não tê-lo feito. Sabe-se lá o que causei em sua mente...talvez fosse mais proveitoso entregar-me à toda aquela emoção, assim ele não seria injusto no que pensasse depois.

Injustiça cometi comigo mesma! Controlei-me tanto, renunciando aos meus desejos só para continuar sendo a santa que nunca fui?! Com certeza, ele não teria levado consigo a boa Conceição, mas a Conceição que quase se atirava em seus braços no pequeno espaço de alguns minutos.

Ficamos calados por algum tempo. O silêncio porém foi quebrado por uma voz que vinha lá de fora: “Missa do Galo!” “Missa do Galo!”

Antes que mamãe acordasse, mandei que fosse encontrar seu amigo lá fora.

Ele se levantou como se quisesse falar alguma coisa...

- Anda, já está na hora – Achei melhor apressá-lo, pois, de repente voltei a razão e me dei conta do absurdo que havia se passado naquela sala.

Apressadamente despediu-se e foi saindo, ainda dando algumas olhadelas ressabiadas para mim.

Acho que ele não entendeu nada do que se passara entre nós...

Eu sabia! Sabia exatamente o que havia acontecido e o que poderia acontecer se tivéssemos outra oportunidade, por isso era bom que fosse logo embora e não voltasse mais.

No almoço do dia seguinte, tratei-o com certa frieza, seria melhor assim...

Na passagem do ano ele se foi. A última lembrança que tenho é de seus lábios tocando minha mão docemente na despedida e eu, parada, perplexa, nem ao menos respondi com um adeus... Tratei de procurar esquecer aquela noite todos os dias que se seguiram, mas hoje, ao ouvir a frase: “Missa do Galo!” senti novamente um arrepio na espinha igualzinho ao que senti naquela noite, como se ele estivesse por perto, muito perto... Talvez ele nunca tenha ido embora de verdade...

A força de uma opinião

Ezilene Xavier Leite

Ouvi dizer que o governo pretende aumentar o tempo de duração do Ensino Médio.

Estávamos na aula de Filosofia, aula esta que, por vezes, chega a ser cansativa. É um pouco desagradável ouvir sem escrever por 45 minutos.

Tentei argumentar, mas, acho que, por ser muita discreta e um tanto acanhada, não consegui me fazer ouvir. Muitos deram sua opinião. Algumas sem sentido algum, e outras até absurdas como por exemplo: “É melhor matar os políticos à bomba”.

- “Uma andorinha só não verão”. – Essa frase também foi citada e alguns a apoiaram dizendo realmente acreditar nisto.

Em meio a tudo que ouvia, fui formulando pensamentos e idéias e acabei percebendo que todos somos políticos, embora alguns de nós odeiem essa realidade.

Eu, por exemplo, às vezes, me acho “caroço” como diz meu marido, não consigo guardar minha opinião. Nessa questão aqui citada, chego a ficar nervosa.

Qual o intuito do governo ao deixar na escola por mais doze meses um aluno que desde o primário está viciado a não estudar? Gastar mais dinheiro?

Quando penso que este governo paga mal aos seus professores, não cuida adequadamente dos prédios onde funcionam as escolas, não se preocupa com a merenda para os alunos que iniciam o Ensino Médio (como se, após completar 15 ou 16 anos, o indivíduo não sentisse mais fome), não policia o comportamento de “certos” professores e diretores da rede de ensino e faz vistas grossas para tantos outros acontecimentos, fico preocupada com o futuro dos meus filhos, netos - e não só com eles - com o futuro do meu país.

O pior de tudo é pensar que parece que todos à minha volta estão alheios, como se só eu pensasse assim. Vejo a despreocupação nas ruas, nas escolas, na minha casa, na casa dos meus parentes...

Caótica, a situação continua. Lanço um olhar desesperado em busca de, pelo menos, mais uma ou duas pessoas que pensem como eu penso e queiram, de alguma forma, promover o verão das andorinhas.

Não sei se estou realmente fazendo política ou se as pessoas estão tentando me convencer disso.

Eu odeio política. Tanto quanto odeio essa omissão de atitude. Sinto uma grande necessidade de fazer alguma coisa. Ainda que uma pequena atitude, mas que faça alguma diferença, mesmo que mínima.

Talvez essa linha seja um desabafo, uma forma de levar a alguém o meu modo de pensar. Eu poderia escrever ou falar sobre esse assunto por horas, mas quem estaria interessado em me ouvir ou contra-argumentar?

Existe dentro de mim um grito: “Salvem a educação do meu país!” Quem me poderia ouvir?

Consolo-me com o fato de saber que meu professor de fará questão de ler cada parágrafo, frase, palavra, aqui contidos. Sendo assim, “eu já consegui fazer com que uma pessoa pare para me ouvir!”

Se uma andorinha não faz verão, seria incorreto chamar Hitler de andorinha?

Não há vagas

Ezilene Xavier Leite

Moro num prédio de pequena altura, pouco mais de um metro e meio. Não sei se digo que é difícil ou digo edíficil.

Meu prédio tem duas janelas que ficam na parte mais alta e é daí que tento observar tudo que está à minha volta. Com tão pouca altura, a visão não é muito ampla... O tempo todo vejo pessoas passando. Às vezes, me sinto só, moro sozinha.

O sistema de entrada e saída de ar também é um só, e quando chove, as janelas permitem que o excesso de água seja drenado para a tubulação de ar, dificultando assim a circulação do mesmo.

O prédio já tem meia idade e aparenta uma certa falta de zelo. Suas cores se desbotaram com o passar do tempo, perdendo o brilho que tinha quando bem novo.

Talvez seja a aparência tristonha que chama tanto a atenção, pois todos passam e olham atentamente... às vezes até fazem comentários (já ouvi).

Nem sempre é bom o que dizem... Outro dia alguém disse que o prédio é bonito, mas precisa de muito cuidado para revelar a “verdadeira beleza”.

Já pensei em mudar a cor, fazer podas nas árvores à sua volta e, até quem sabe, diminuir a sua espessura. Este último item daria um certo trabalho!

Há algum tempo, um de seus andares esteve ocupado.

No início, devido ao zelo que lhe foi empregado, ficou bem alegre. Suas cores renovadas, vidraças que até brilhavam.

Meu prédio estava em festas! Meu edifício teria finalmente encontrado alguém que o amasse.

A alegria e o contentamento eram tão grandes que resolvi doar meu prédio a esse morador!

Pedi a ele que cuidasse com o mesmo zelo, pelo tempo que o edifício existisse.

Diante da promessa de restaurá-lo sempre que necessário, entreguei em suas mãos a documentação que lhe daria direito de usar e desfrutar de meu edifício conforme as normas da lei.

Gostei de observar durante os dias que se passaram toda a atenção e o cuidado que o edifício recebia.

Não sei por quanto tempo me distraí, mas de repente percebi a aparência do edifício mudando lentamente.

O primeiro item que chamou a atenção foi a vidraça! Já não tinha mais brilho, as chuvas frequentes deram a ela um aspecto embaçado, tristonho. A pouca altura permitia que se visse através dos vidros, a ruína quase total do edifício.

Estava agora arrependida de ter lhe dado em mãos toda a documentação legal, porém não sei por que continuo a observar os estragos sem nenhuma atitude tomar!

Acho que vivo à espera de um milagre, pois, após avaliação de especialista, concluí que o edifício está condenado. Resta então um única opção: implodir!

O problema é que falta coragem!

Pensar e refletir

Geisa Maia Bourget

Se pensarmos um pouquinho mais na vida, vamos chegar à conclusão de que as respostas estão com nós mesmos.

Nós temos que nos basear somente na verdade já conhecida e compreendida.

Como um sábio, Ele consegue dar uma luz ao homem que está com problemas e dirigir nosso espírito para a verdade.

Quando pensamos em algo, as coisas se tornam presentes ao nosso espírito de maneira que podemos pensar mais e refletir sobre elas.

Então é como dizem: “Umas folhas caem para que outras nasçam”.

Nós temos que aprender a ver o outro como um ser diferente, não esperar dele as mesmas reações que teríamos, pois temos que buscar o desenvolvimento interior para conseguir viver a vida tranquilamente, mas sempre baseada na realidade.

Temos que parar de cuidar da vida dos colegas e dar mais importância às nossas.

Assim, sempre amando uns aos outros e sempre levando Jesus no coração, porque sem ele não somos nada.

A viagem

Geisa Maia Bourget

Numa certa noite, eu estava assistindo filme de terror, quando o meu pai ligou no meu celular me convidando para passar um final de semana na casa dele, lá em Florianópolis. Convidei minha amiga e no dia seguinte embarcamos.

Chegando a São Paulo, tivemos que correr para pegar o ônibus. Durante a longa viagem, fomos escutando música de black. Chegando a Floripa, conhecemos a casa de praia do meu pai, arrumamos as nossas coisas e fomos dormir.

No dia seguinte, a luz do sol da manhã bateu nos meus olhos e eu me arrumei e fui surfar. O mar estava bravo, mas com ondas perfeitas.

À tarde, depois do almoço, começou a chover, e ficamos olhando a linha do horizonte e imaginando como seria após aquela linha.

Ao anoitecer, minha amiga e eu saímos para andar na praia. No fim da praia estava rolando um luau. As pessoas estavam dançando forró na beira do mar. Conheci muita gente bonita. Que pena que era meu último dia!

Antes de eu vir embora, fizeram uma canção de despedida, falando para nunca mais eu esquecer as pessoas que conheci ali.

Foi o melhor final de semana!

Um Natal especial

Ivete Caires Brito

Era noite de Natal. Quando dei por mim, estava na sala, observando um jovem rapaz que estava hospedado em minha casa. Como sempre, meu marido saía e só chegava pela manhã. Eu estava cansada e carente por causa do desinteresse do meu marido por mim.

Ele era um rapaz romântico. Com jeito, aproximei-me dele, e começamos a conversar. Ele falou de vários romances. Quando dei por mim, estava viajando nas histórias, montada no cavalo de um príncipe.

Ele olhava dentro dos meus olhos sem dizer uma palavra. Me senti nua diante daqueles olhos negros. Parece que olhava a minha alma e percebia a minha tristeza, por ser abandonada pelo Menezes, meu marido. Começou a falar coisas lindas que alegraram o meu coração. Senti um desejo, mas ele não percebeu. Pensei em mudar de vida, viver com ele.

Depois daquele noite ele voltou para sua terra.

Alguns meses depois, fiquei viúva, mas nunca mais tive notícias daquele jovem rapaz que reacendeu novamente o meu desejo de ser amada, sentida e de amar novamente.

Casei novamente, mas nunca me esqueci daqueles olhos negros que tocaram a minha alma. Hoje só ficou a lembrança, uma linda lembrança de um jovem com quem (se eu não tivesse tido medo de conquistá-lo) talvez eu tivesse sido muito feliz apesar da diferença de idade entre nós.

Lembranças

Ivete Caires Brito

Nasci em outubro de 1981, na fazenda de meus pais no estado da Bahia. Minha infância foi boa, apesar que comecei a trabalhar muito cedo. Morávamos eu, meus pais e mais três irmãos menores. Lembro-me de que colocava um banco no pé do fogão e subia nele para mexer as panelas. Graças a Deus nunca sofri um acidente grave. Também cuidava da casa, dos meus irmãos, do gado, ajudava meus pais nas tarefas da fazenda. Minha mãe era professora e meu pai, fazendeiro.

Parei de estudar aos 10 anos de idade, pois a cidade mais próxima ficava a 15km e não tinha como eu ir à escola e voltar todos os dias. Como minha mãe era a professora da região, eu cuidava da casa durante o dia, e, à noite, à luz de candeeiro, ela me ensinava a ler e a escrever.

Perdi minha avó cedo. Ela era uma segunda mãe para mim. Ela era quem sempre estava por perto me observando e me ajudava quando eu precisava.

Casei aos 16 anos de idade. Tive um filho aos dezenove. Fui morar em São Paulo, Capital, onde permaneci por dois anos, depois mudei para Ubatuba, Litoral Norte de São Paulo, onde montei juntamente com meu marido uma loja de material para construção.

Injustiça

Ivete Caires Brito

No país em que vivemos hoje são tantas injustiças . Os governantes que, para ser eleitos, prometem tantas leis para melhorar o país, quando são eleitos jogam as suas propostas no lixo e não fazem nada para melhorar a situação. Ao contrário, roubam milhões dos cofres públicos, deixando o país cada vez mais pobre. Exemplos são tantos: é mensalão, valerioduto, mas o que me indignou foi saber o que está ocorrendo com o bolsa-família no Nordeste. As pessoas que deveriam ser beneficiadas com o projeto não tem o conhecimento para procurar seus direitos. A maioria passa fome, as crianças ficam na beira das estradas pedindo comida, perdendo o direito à educação ao conhecimento para uma vida mais digna, ou seja, perdem a chance de viver, pois elas não vivem e sim sobrevivem

Muitos dos beneficiados com este projeto são vereadores, comerciantes, fazendeiros, pessoas que não precisam.

Até quando vamos viver com tantas injustiças? Alguns com tanto e a maioria com tão pouco.

O sonho de um lavrador

Jaílson Francisco dos Reis

Joaquim nasceu em uma fazenda situada a 35 quilômetros do vilarejo chamado Boa Esperança. Lá havia uma escola que atendia a crianças moradoras de fazendas, sítios ou chácaras.

Joaquim, quando sua mãe falou que ia fazer sua matrícula na escolinha, logo pensou: “Que bom! Não vejo a hora de estar na escola, pois sei que lá irei aprender tudo que preciso para ser o presidente do nosso país.

Na sexta-feira, dia 05 de fevereiro de 1930, sua mãe lhe falou:

- Joaquim, meu filho, na segunda pela manhã, você irá para a escola. Será seu primeiro dia de aula.

Joaquim tinha apenas sete anos. Nesse momento seus pensamentos ganharam asas, e ele chegou até o topo do seu sonho. Viu-se fazendo um belo discurso para uma multidão de mais de 2.000 pessoas. Após sua “posse”, voltando à realidade, ele falou para a sua mãe:

- Sim, mamãe, e serei o primeiro a chegar lá. Eu ainda vou governar nosso país. A senhora vai ver.

Não sabia ele que sua história seria curta e nem sequer conheceria a cidade grande. No terceiro dia de aula Joaquim conheceu Sabrina que teria sido matriculada com certo atraso por sua mãe, pois seu pai achava que ela já tinha tamanho suficiente para ajudar a trabalhar e ajudar no sustento de seus oito irmãos, uns mais novos outros mais velhos.

Sabrina, garotinha muito solta, gostava muito de brincar não importava com quem, sentou-se ao lado de Joaquim, onde fizeram uma forte e bonita amizade.

O tempo passou e, numa festinha de aniversário dos doze anos de Joaquim, lá estavam seus amiguinhos de escola e também Sabrina. Entre muitas brincadeiras de esconde-esconde, lá estava Joaquim tirando Sabrina para um beijo na boca.

A partir daquele dia não pararam mais de beijar. Aos 17 anos Joaquim, muito apaixonado, ficou sabendo que Sabrina iria a uma festinha de amigos e não lhe falara nada. Muito furioso pensou: “Irei também, mas sem que ela fique sabendo, quero ver o que ela está aprontando sem mim. Deixarei para chegar na festa após um bom tempo, quando todos já estiverem lá, se ela estiver com alguém eu pegarei na hora”.

Parecia que ele estava adivinhando. Ao entrar na casa onde estavam todos dançando, viu Sabrina dançando, coladinha com um dos colegas da escola, o Pedro. Ao ver aquilo, Joaquim não se conteve, foi de encontro ao casal e sem pensar deu uma porrada no Pedro, que caiu, e um empurrão em Sabrina. Ao se levantar Pedro foi para cima de Joaquim, que puxou uma faca.

Pedro, lançou mão de uma arma, um 38, e disparou sem pensar. Depois, vendo o rival morto, ficou assustado e correu sem olhar para trás.

Sabrina, sem saber o que fazer, pois nunca pensou que a sua atitude levaria a tal situação, só chorava.

Bem por fim temos uma vida interrompida brutalmente e um sonho que ficou inacabado: Joaquim não foi o presidente.

Relato de uma injustiça

Jaílson Francisco dos Reis

Quando sofro uma injustiça, como acontece com a maioria dos seres humanos, fico furioso, querendo fazer justiça a qualquer preço, mas, normalmente após alguns segundos de fúria, volto ao normal e procuro resolver tudo dentro da razão, mas luto o quanto for possível para que a justiça seja feita. Quanto a ver uma injustiça com alguém vai depender muito da situação de quem está sofrendo a injustiça, pois pode haver situação em que se for intervir poderei sofrer danos gravíssimos.

Em meu sítio em Vargem Grande, meu irmão que era caseiro, sempre teve ordens de não deixar nenhum desconhecido adentrar sem autorização dos proprietários. Certo dia chegaram três policiais florestais. Ao deparar com o portão fechado, chamaram-no e o informaram da necessidade de entrar. Quando o mesmo lhes informou que não seria possível por não ter autorização, os policiais deram apenas cinco minutos para que meu irmão fosse até a casa e voltasse com a chave do portão. Caso contrário, o portão seria derrubado e ele levado detido até que eu fosse à delegacia e prestasse esclarecimento sobre um desmatamento na propriedade.

Ao tomar conhecimento do fato, fiquei furioso durante uns dez minutos. Depois liguei para meu advogado e, uma vez orientado, liguei para os superiores daqueles policiais, que, por sua vez, se desculparam pelo ocorrido e se colocaram à disposição para dirimir quaisquer dúvida sobre os direitos e deveres dos proprietários de terras situadas no perímetro do Parque Estadual da Serra do Mar.

Minha vida

Jair de Oliveira Abreu

Antes de retornar à escola, eu vivia perambulando por aí. Às vezes ficava assistindo tevê até altas horas da madrugada, às vezes ia para a igreja, outras ficava perneando pelas ruas ou até mesmo adiantando serviços para o dia seguinte.

Certo dia, um amigo apareceu no meu serviço e, conversa vai conversa vem, ele me falou:

- E aí, Jair, vamos voltar a estudar?

Pensei bem... Por que estudar?... Por que não estudar?... Vou ter que mudar drasticamente meu ritmo de vida. Meu trabalho é das oito da manhã às seis da tarde, e as aulas começam às sete horas e terminam quase onze. Será difícil acordar cedo para trabalhar, mas vou tentar.

Por fim, fiz matrícula, consegui vaga e estou aqui. Quase sempre chegando atrasado, mas tudo bem.

Minha infância

Janaina Gorett de Souza

Tive uma infância bonita: bonecas, vestidos e tudo o que uma criança sempre quis ter, mas me lembro muito de uma senhora avó, pele branca e cabelos também, olhos azuis como um mar calmo e limpo. Ela era dócil e, ao mesmo tempo, protetora. Adorávamos pescar. Toda semana íamos no rio no fundo de casa e lá ficávamos horas e horas. Era ativa, muito ativa e isso me ensinou.

Tenho muitas recordações dela, mas me lembro de uma especial. Morávamos em São Paulo, era Páscoa. Ela dizia para mim, minha irmã e meus primos que, quando fôssemos dormir, na manhã seguinte teríamos enormes ovos de chocolate que os coelhinhos trariam. Acreditei nisso durante muitos anos.

Ela ficou doente, depois melhorou e piorou, logo em seguida veio a morte e levou a senhora que eu tanto amava e amo ainda: minha querida avó.

Injustiça

Janaina Gorett de Souza

Todos nós sofremos algum tipo de injustiça todos os dias, alguns passam despercebidos, outros não. As pessoas que sofreram tal fato se sentem tão mal que muitas vezes abalam até seu “caráter”.

Passei por uma injustiça um dia desses. Eu fui fazer uma entrevista para um trabalho. Quando cheguei ao escritório, havia mais duas moças bem vestidas, até demais para Ubatuba. Eu, de calça jeans, sapato, cabelo arrumado e batom. Conversamos. Então, percebi que elas não tinham nenhuma experiência nem cursos realizados. Eu, sem querer me gabar, tinha experiência e muitos cursos. Quando chegou minha vez, respondi a todas as perguntas formalmente. Antes disso, quando entrei na sala, senti olharem em mim de cima a baixo. Eu, como não sou burra, logo entendi tudo, mas fui embora para casa com a expectativa de receber um telefonema com o resultado da entrevista.

Fiquei em casa ansiosa esperando, pois com minha experiência havia grandes chances de trabalhar no dia seguinte.

Não me ligaram, resolvi ligar, quem atendeu ao telefone foi justamente aquela pessoa que era bonita, muito bem arrumada, pintada e sem nenhuma experiência.

Isso o que aconteceu foi uma injustiça comigo. As pessoas julgam as outras pela roupa que estão usando, por isso é que temos péssimos profissionais em qualquer área. Fiquei e estou superchateada, pois precisava deste emprego, mas, por outro lado, acredito que Deus tenha algo melhor para mim no futuro mais próximo.

Minhas meninas

Janaina Gorett de Souza

Me lembro como se fosse hoje, só que o dia estava chuvoso e frio. Era no mês de setembro, não me lembro do ano. Estava em casa com meus irmãos mais novos, quando ouvi ao longe um choro. Não dava para entender direito de quem era o choro. Saí de casa debaixo de chuva e fui ao encontro do choro. Era a linda Pretinha. Quando nossos olhos se encontraram, foi amor à primeira vista.

Era uma cadelinha abandonada por “alguém”. Estava com fome e frio. Levei-a para casa, dei leite e enxuguei-a. Meus irmãos adoraram, mas tinha um problema: meus pais. Quando meus pais chegaram, não queriam de jeito nenhum, mas, com o passar das horas, até

nome deram a ela: Pantera. Ela cresceu; era brava quando tinha que ser, protetora e muito carinhosa.

Hoje tenho cinco cachorras. A Pantera morreu quando tinha 14 anos de idade. Ainda choro quando vejo as fotos dela conosco. As minhas “meninas” são como filhas. amo-as demais.

“Quando mais conheço gente, mas de cachorro eu gosto”.

Um fato inesquecível

Janaina Gorett de Souza

O fato ocorreu no ano passado, quando estava no terminal de ônibus circular aguardando o meu, que sairia às 7h40. Era um dia chuvoso e frio. Eu tinha acabado meu plantão de 12 horas na Santa Casa. Que doze horas!!! Duas paradas cardíacas, um atropelamento! Fora os pitis da vida.

Estava sentada no banco, meio molhada da chuva. Muitas pessoas ao meu redor aguardando o ônibus. Decidi ir até a lanchonete tomar um café com leite e um pão com manteiga, estava com tanta fome que repeti, Paguei o lanche e comprei um maço de cigarro como de costume.

Voltei, a fila já estava grande. Nesse momento veio em minha direção uma moça, era nova, mas estava maltratada pela vida miserável que levava. Perguntou-me se eu não tinha umas moedas para lhe dar, falei para ela: “Te dou, ou melhor, te pago vinte reais para lavar umas roupas em casa”. Ela me olhou indignada e me mandou enfiar o dinheiro naquele lugar. Fiquei em estado de “choque”, mas também falei pra ela umas verdades.

Depois subi no ônibus e fui para casa dormir.

Uma vencedora?!

Janaína Gorett de Souza

Como podemos definir uma pessoa vencedora? Quem lutou passou por vários sofrimentos, dificuldades?

Eu me acho uma pessoa batalhadora, que luta pelo que quer, mas, hoje em dia, está difícil. Chego, muitas vezes, a desanimar, entrar em revolta com o mundo e perguntar: por que comigo?

Às vezes, me acho uma pessoa vencedora, outras, não, mas nunca me senti uma perdedora. Eu penso assim: “Hoje perdi a luta, mas ainda continua a guerra.”

Eu creio sim que serei uma grande vencedora na vida profissional, porque espiritualmente sou uma vencedora, guerreira. Só com Deus, somos grandes vencedores.

Saudosas lembranças de minha infância

Jerônimo dos Santos Viana

No Vale do Jequitinhonha,
Cercada de várias colinas.
A Deus eu peço proteção
À minha querida Medina.

Natural de Medina–MG, cidade do Vale do Jequitinhonha, onde vivi até meus 15 anos (Quantas saudades!). Naquele tempo, pude viver tudo o que a infância e a adolescência puderem me proporcionar.

Com sete anos me matricularam: escola ‘Professor Querubim Cirino de Mattos’. Na época eu já sabia ler e já escrevia alguma coisa, por isso em meados do ano me promoveram à segunda série. Seria bom isso para mim? – Indaguei. Meu inconsciente respondeu sim, pois conheceria outros colegas, outra professora e tinha oportunidade de estar à frente de muitos e aprender algo mais. Por outro lado seria ruim. E minha professora Dalvina? E os meus colegas com os quais já estava acostumado? O que eu faria: iria ou ficava?... Fui e consegui naquele ano fazer dois e nem havia supletivo. Já as terceira e quarta séries foram normais.

Enquanto estudava, brincava e trabalhava, mas cada coisa a seu tempo. Entre as brincadeiras, a preferida era o banho de rio, lá no rebojo. Também caçava passarinhos usando estilingue, bodoques e zarabatanas feitas de canos de guarda-chuva. Não podia faltar a peladinha de rua e os jogos nos campinhos circunvizinhos, além de uma brincadeira noturna: uma linha grande e um cinto sem fivela o qual transformávamos em cobra. Certo dia um senhor conduzia seus jumentos com as cargas: banana, mandioca, farinha, lenha e outros. Brincávamos e um jumento assustou-se com o cinto e desembestou em disparada rua acima. Onde e quando foi parar? Isso eu não sei. Outras brincadeiras me fogem da memória agora.

O trabalho na época era vender banana, biscoito, picolé e sabão de bola, fabricado por D. Edésia. Fazia cobrança para lojas e carros de compras nas feiras ou de bagagens dos viajantes em suas idas e vindas. Isso rendia alguns trocados. Trabalhei em sorveterias e nas folgas ia aos garimpos para ciebar nos desdobros onde tive sorte de ao encontrar três pepitas de água-marinha que me rederam oitenta e sete cruzeiros - mais de um mês de trabalho - pois no bar eu só ganhava setenta cruzeiros por mês. Meu primeiro sapato era de borracha e foi comprado junto com uma camisa com o dinheiro das pedras. Até então eu e meus irmãos usávamos chinelos de couro com borracha, feitos por trançadores locais como o senhor Juvenal que, aos sábados tinha o ofício de barbeiro e era requisitado por fazendeiros. Cheguei a usar camisas e calções feitos com panos de sacos comprados na padaria e tingidos em casa.

Momentos nas roças, nas casas dos parentes, para mim era o máximo, pois podia saborear frutas direto do pomar: as famosas mangas no pomar de Goda, pomar de laranjas e tangerinas do senhor Olaviano, outras frutas como goiabas e pinhas lá de Luís da Costa, famoso fabricante de queijos. Tomar leite fresco, tirado na hora, com farinha de mandioca e comer coalhada com mel ou mamão com mel na casa de tia Elza; comer frango caipira ao molho pardo no sapé, sítio de tia Mariinha ... Quantas saudades!

Na rua São Del Rei, 100, centro, ficava a casa do meu avô e toda a família se reunia aos sábados à noite. Os adultos colocavam em dia os acontecimentos, os jovens, às vezes, mentiam contando vantagens para não ficar por baixo dos que falavam a verdade. Já as crianças se dividiam: uns brincavam, outros ficavam atentos, ouvindo histórias e causos do meu avô. Um caso que gostava muito era o seguinte: um fazendeiro tirava um dia na semana para conversar com os empregados. À noite, rodeados à fogueira, tomavam café feito com rapadura. Certa noite, o garoto, ao fazer o café, corta a rapadura e pergunta: “Esta rapadura dá?” Era um pedaço mais ou menos como uma caixa de fósforo. O velho olha e briga: “Tá doido, garoto! Eu não tenho lombriça, põe só metade, a outra deixa para quem gosta de café doce. O garoto, muito esperto, divide e come um pedaço dando a entender que tinha colocado na água. Depois de pronto, tira uma caneca para o velho. Ele, ao tomar um gole, reclama: “Garoto, quer me matar? Parece ter colocado uma rapadura inteira no café. Na época eu não entendia o caso, mas gostava. Só hoje entendo e recorro com saudades aquele tempo e como vivíamos.

Minha primeira viagem. Meu tio me levou a uma cidade vizinha para ver um jogo de futebol. No caminhão amarelo, do Senhor Lió Branco, havia umas cinquenta pessoas. Nem segurança nem fiscalização. Tudo era permitido. Nada me assustava, mas tudo era novidade como o fora um prédio de quatro andares e arquibancada do estádio, coisa que até então eu só tinha visto nas páginas da Manchete. Em Medina, só tinha sobrados nada além, mas o que mais me chamou a atenção foi uma televisão preta e branca em pleno funcionamento. Dali eu não queria mais sair.

Eu só tinha dez anos e televisão só chegou para nós dois anos depois, graças a Joanésio Cardoso, funcionário público estadual e um deputado do qual não guardei o nome. Já o telefone chegou por empenho do Dr. Luís Gusmão, gerente do Banco do Brasil.

O ano de 1970 foi de grande alegria para nós: Brasil tricampeão, chegada do telefone e da televisão, a inauguração do serviço de água tratada da cidade.

Fato curioso ocorreu em 1969. Os rádios noticiaram a chegada do homem à Lua. Neste dia por onde se andava havia um grupo olhando para o céu. Não sei se alguém viu, só sei que o interesse era de todos. Eu me lembro bem, pois era 20 de julho e eu fazia 10 anos nesse dia.

O maior feito de minha vida no município aconteceu em maio de 1971 no aniversário da cidade. O dono de uma loja organizou uma corrida rústica. Eu cheguei em sétimo lugar, mas fui premiado como o quinto, pois dois atletas não passaram no quarto posto de fiscalização. Eu só acreditei quando fui chamado para a medalha. Isso para mim era demais, pois tinha mais de 30 participantes de quase todo o Vale.

Após minha fase de glória em minha terra vem a descoberta do mundo em outras localidades. Com 15 anos deixei minha terra e parti para o Estado de São Paulo. Primeiro em Taubaté, onde fiquei por quatro anos e trabalhei em várias cidades do Vale. Morei dois anos na Capital de São Paulo e há vinte e sete estou radicado em Ubatuba. Aqui me casei, terminei o primário, crio os meus filhos e hoje tento o término dos estudos, ou seja, o Segundo Grau. Sou bastante conhecido no município por atuar no esporte, jogando e dirigindo clubes, por participação em shows de música Gaivota de Prata, em concursos de som de viola, em concursos de poesias e por participação em seminários representando o bairro pela associação amigos do bairro. No meio político, milito como liderança, às vezes requisitado por políticos de renome do Estado e por muitos de nosso município. No trabalho, procuro fazer o melhor, para ser reconhecido pelo que faço e não ser tachado de um grande charlatão, pois meus filhos dependem do meu exemplo.

Glossário

Trançador: pessoa que faz arreios para montaria.

Rebojo: redemoinho causado pela curva do rio.

Ciebar: ato de garimpar pedras preciosas.

Desdobro: ato de desdobrar, abrir ou espalhar um tecido.

Jequitinhonha: palavra indígena (jequi= artefato afunilado de cipó ou taquara para pescar; nhonha= peixe de água doce).

Minha vida antes de retornar à escola

Jerônimo Santos Viana

Após ter feito a quarta série no interior de Minas Gerais, fui obrigado a deslocar-me para o Estado de São Paulo onde onze depois completei o Ensino Fundamental. Tudo ocorreu de 1983 a 1986, acreditando que me bastava, parei. O dia-a-dia me exigia um saber mais avançado. Ora no trabalho, ora no lazer e muitas vezes na vida cotidiana. Acontece que tentando me manter atual, percebi estar atrasado e não perdi tempo, voltei.

Foram vinte anos de busca em várias modalidades de ensino: jornais, revistas, televisão, rádio e livros além de conversas com quem mostrava saber um pouco mais. O que às vezes aprendia à noite no dia seguinte já não era novidade, ouvia algo, mas não tinha uma definição correta, fazia algo e quando era criticado, passava despercebido, quando um filho perguntava não sabia como lhe responder.

Hoje de volta à escola, encontro dificuldades, mas posso dizer que já me aproximo da atualidade.

Para todos verem

Jerônimo dos Santos Viana

Todas as manhãs, eu saía em minha rotina cotidiana. Sob minha visão, quase tudo era igual. Eu já me acostumara com o dia-a-dia e muito pouco me chamava a atenção na praça. Foram anos contemplando o que por ali existia. Ora ela era bem, ora era mal cuidada, e assim a convivência se fazia.

Hoje foi diferente: tive que alterar meu percurso, horário, ação e fiquei um pouco atento ao que vi. Às vezes sou crítico e me coloco no lugar de quem devia, outra só critico por criticar.

Sei que os administradores de nosso município dependem de comandados para fazerem certos trabalhos os quais elevam seus nomes, “mas” há momentos em que seus olhos podem detectar fatos e eles (os administradores) poderiam delegar o feito de tais trabalhos.

Será que o abandono da PRAÇA 13 DE MAIO passou despercebido pelos moradores e pelos administradores? Ou será que eu vejo demais e não sei ficar quieto?

Rotina humana

Jerônimo dos Santos Viana

Enquanto corre a noite, durmo.
Quando raia o dia, acordo.
Acordado, não fico na cama: me levanto.
Quando de pé, movimento-me.
Cada movimento tem uma ação determinada.
As determinações diárias não são casuais,
Mas cada caso tem seu motivo,
E, sem motivo, não vivemos.
Se vivemos, realizamos nossas missões.
Cansado das missões do dia, deito-me.
Logo que deito, durmo.
Enquanto durmo, corre a noite.

Viagem de pensamento

João Paulo Dias de Amorim

Estava no meu quarto escrevendo uma história para o trabalho de artes.

O pensamento viaja em direção a alguém que já se foi... Calipso... O que seria do dia de amanhã, se não fizéssemos as coisas hoje, agora?

Temos que ver cada dia como se fosse o primeiro.

Eu viajo ainda mais longe nos meus pensamentos e crio a minha história a partir deles.

Nossa! O planeta Terra é incrível, visto aqui da Lua: uma imensidão azul – uma grande quantidade de água e uma pequena quantidade de terra, gases e poeira dispersos em sua atmosfera.

A luz do Sol que toca o planeta é uma das coisas mais belas vistas pelo homem. A filosofia nos leva a um universo sem fim de conhecimentos.

A dança da Lua e da Terra em volta do Sol é como uma música calma, como uma canção bela tocada onde só os astros e os planetas escutam, dançando numa linha imaginária. Terra com sua forma esférica. O mar verde visto pelo homem, quebrando nas pedras num dia ensolarado. Nem o Sol quente o impede de ver toda essa beleza que a luz da vida cria, nem as

cores mais legais, onde os olhos do coração grava o filme da aventura numa carta trazida pelas águas da vida.

Um dia de minha vida

José Carlos de Oliveira Maciel

Bom. Bem cedo saio. Geralmente entre 5h30 e 6h30. Meio com uma vontade louca para um café. Quando não se tem que preparar nenhum afazer para o bar como massa para empada, risoles ou coxinha, senão o café é na padaria.

As massas do salgado sou eu mesmo que tenho que fazer. Mulher? É ruim! Faz não. Bom. Depois do café na padaria, aí sim: um charuto cubano, digo, feito no papel de pão ou na palha.

Tomo o ônibus para o serviço. Chegando no local da labuta diária. Primeiro o café, outro cubano e um pouco de história: fatos ocorridos no dia anterior. Chega a hora de arrear. Aí agüentar palavrão pra lá palavrão pra cá, mentiras, cantorias, sarros, gozações com tudo.

Acaba-se o dia da diária, hora da escola. Da embarcação rumos às aulas. Aí agüenta eu: farras pra todo lado até que, o professor, claro! gente boa; pede: “dá um tempo!” Aí penso eu: “Podes crer, bicho. Legal! Tô contigo e não abro! Só empurro. Falou, bicho?!”

Acabam-se as aulas, trabalho de novo: fechar o bar, limpá-lo para o dia seguinte. Depois hora da gelada, de beijo nas crianças, do beijinho na velha e outras coisitas mais. Até que chegue o sono. Bom descanso, até amanhã, se Deus quiser, que assim seja! Fui!

Revolta

José Carlos de Oliveira Maciel

Bom, certo dia desses, ao presenciar desavenças entre membros de uma família com a qual me relaciono, fiquei revoltado.

É uma família de gente honesta e trabalhadora, porém um dos filhos, que não faz por merecer essa filiação, anda aprontando. A família inteira, os irmãos, as irmãs, cunhados, cunhadas, já sabe das suas. A mãe, porém, não acredita.

Toda vez que esse rapaz apronta e se vê em apuros, corre para a barra da saia da mãe e conta sua história. Então como para uma mãe sua cria nunca faz nada de errado, ela dá umas passadas de mão em sua cabeça e fica contra aqueles que vêm lhe abrir os olhos sobre o mau comportamento desse filho.

Por causa das intrigas e mesquinhas desse indivíduo, hoje muitos membros da família estão tristes e afastados, porém continuam com a sua luta, com o trabalho honesto, com humildade e respeito para com seus semelhantes, mas continuam levando calúnia e difamação por serem parentes de um mau caráter, um idiota que só pensa em si e se aproveita da bondade dos outros.

Não tenho nada a ver com o caso, só estou mencionando porque é uma família lutadora que está se desintegrando por causa da atitude irresponsável de um único membro. Como pode um ser humano ser tão hipócrita a ponto de colocar sua mãe contra todos seus irmãos, que o ajudam e se dedicam para que a união familiar seja cada vez mais forte.

Fico por aqui, não quero falar mais nada: estou revoltado e se pudesse entraria nessa briga.

Sobre minha vida

Josias Leite de Jesus

Eu nasci no dia 12/11/81 em Recife, PE, onde morei até os meus 17 anos. A vida lá era muito difícil. E então resolvi tentar a vida em São Paulo. Não deu certo. Em seguida, fui morar em Itanhaém, litoral sul. Cheguei lá em 2000 para 2001. Estava com quase 20 anos. E já andava no mundo sozinho.

Assim que cheguei em Itanhaém, comecei a trabalhar numa empresa de transporte, que eram uns trenzinhos (bonde). Lá eu era cobrador. Fiquei trabalhando nessa empresa por 4 anos. Fiz muitas amizades por lá, algumas permanecem até hoje.

Eu queria um serviço melhor e fazer o que gosto de verdade. Eu gosto muito de mexer com eletricidade e eletrônicos. Então eu consegui entrar numa firma que presta serviço para a Electro, que se chama Ralm, logo depois me transferiram para cá, para Ubatuba – Centro. Já estou morando aqui há um ano. Na mesma firma. Só muda o nome, que agora é Praia Luz. Sou eletricitista e gosto muito dessa profissão.

Sou do signo de escorpião e me considero muito simpático, alegre e sincero com tudo que faço.

Sou casado há quase 3 anos. O nome dela é Vanessa. Veio morar aqui comigo há 4 meses. Ela morava em Itanhaém e também foi lá que a gente se conheceu. Inclusive ela também estava aqui no Deolindo.

Pretendo em breve voltar para o Litoral Sul, mas a minha maior vontade mesmo é voltar para o Recife e ver minha mãe, meu pai, meus irmãos e todos os meus sobrinhos.

Antes de retornar à escola

Júnia Balio Leite

Antes de retornar para a escola, em algumas partes era legal e em outras não.

Era bom porque eu ficava perto dos meus pais, dos meus irmãos. Era muito divertido. Quando não íamos para a igreja, eu cuidava das minhas plantas e da casa da minha mãe. Inventava viagem e me divertia muito.

Era ruim porque eu tinha vontade de estudar e não podia, pois não tinha companhia. Eu, às vezes, ficava revoltada porque passava ano e entrava ano e eu sempre fora da escola. Meus pais não me deixavam estudar à noite. Eles tinham medo de que algo me acontecesse porque é muito longo e escuro o caminho por onde passo para vir para a cidade.

Chegou um dia que eu achei que precisava fazer alguma coisa para estudar. chamei minha prima e os meus primos para continuar os estudos, e eles aceitaram o convite.

Minha infância

Júnia Balio Leite

Na minha infância era muito legal, porque não havia malícia. Eu não tinha brinquedos igual as crianças têm hoje em dia. Nunca tive bicicleta. Eu tinha vontade, mas meu pai não tinha condições de comprar brinquedos para todos os filhos.

Meus primos faziam perna-de-pau, eu adorava andar. Faziam vários brinquedos com lata de leite, faziam bateria com o pé de bananeirão e era divertido.

Eu aprontava muito. Meus avós naquele tempo tinham roça. Eu gostava muito. Eu pegava o facão e ia para a roça e fazia igual o meu avô. Uma vez minha irmã estava do meu lado quando comecei cortar o mato. Minha irmã, que era bem mais pequena do que eu, colocou o braço embaixo da moita que eu estava cortando e o facão cortou o braço dela. Eu saí correndo para minha mãe não me bater e me escondi atrás da casa de minha tia.

Quando eu subia em árvores, minha mãe perdia a paciência de falar comigo e pegava uma vara para me bater. Eu tinha medo e me escondia atrás das moitas para ninguém me achar. Ali anoitecia. Minha mãe chamava as pessoas da vizinhança para ajudá-la a me procurar. Eles se machucavam, eles berravam em vão. Só uma vez é que minha avó foi atrás de uma moita e me encontrou.

Eu gostava de deixar eles bem assustados. Eu aprontei várias vezes. Eu e meus colegas aprontávamos muito. Quando nos juntávamos, piorávamos mais. Certo dia, meu colega me chamou para comer o frango que sua mãe tinha deixado em cima do fogão e eu, muito arteira, fui e ajudei a comer. Quando seu pai chegou, sua mãe abriu a panela e não tinha mais nada.

Nós brincávamos com fogão velho, armário velho. Um dia eu me enfezei com um dos meus colegas e joguei o fogão e furei o umbigo dele.

Um fato desesperador

Júnia Balio Leite

No ano passado eu e os meus colegas saímos para passear em Trindade. Estava um dia lindo, mas de repente o tempo foi mudando e começou a ventar muito, depois caiu uma chuva muito forte e resolvemos voltar.

Pegamos o ônibus, mas, ao chegar em um determinado ponto da estrada, tinha caído uma barreira..

O motorista mandou os passageiros seguirem andando e voltou para o terminal. Resignados, contornamos a barreira e pegamos o rumo novamente. O pior de tudo é que não tínhamos um meio de comunicação para avisar a família.

Já estávamos cansados de tanto caminhar, de repente apareceu um senhor com uma kombi e nos levou até a nossa casa. Já eram quatro horas da manhã. Minha mãe, coitada! não sabia mais o que fazer.

Minha vida

Leonice Teixeira de Oliveira

Vim de uma família pobre. O meu pai teve cinco filhos e eu sou a mais velha das irmãs.

A minha mãe não podia trabalhar porque nós éramos todos pequenos. Era uma escadinha um atrás do outro.

O meu pai era muito trabalhador, não deixava faltar arroz e feijão em casa.

Mas ele tinha um vício: a bebida. Quando bebia não maltratava ninguém, pelo contrário, a minha mãe é que brigava. Eu, sendo a mais velha, via tudo aquilo e ficava pensando: por que ele bebe? Fui crescendo e nunca consegui entender por que o meu pai bebia.

Ele ficava até 2 meses sem beber, mas quando voltava, ficava uns 3 dias bebendo direto, e a minha mãe brigando.

Com o passar do tempo, nós crescemos e cada um seguiu seu caminho.

Hoje eu já não tenho mais o meu pai porque ele faleceu há 8 anos, mas sinto muitas saudades dele. Para mim ele sempre foi um pai-herói.

Vim para Ubatuba quando tinha 18 anos e fui morar com a minha prima que tinha acabado de se casar. Para ajudá-la nos serviços da casa. Fiquei com ela 7 anos e ajudei a cuidar das duas filhas dela. Porque ela trabalhava na escola.

Hoje as meninas são duas moças muita bonitas e já estão fazendo faculdade. E eu fico feliz em saber que ajudei a cuidar delas.

O meu casamento não deu certo. Fiquei casada 10 anos e tenho uma filha de 15 anos. Eu sou uma mulher independente, não dependo de ex-marido. Tenho a minha vida, o meu trabalho e o mais importante: saúde para poder continuar a trabalhar.

E agradeço a Deus todos os dias, quando me levanto, por tudo de bom que ele me dá na minha vida e por eu ter a minha filha. E que ele me dê sabedoria divina para que eu possa educar a Camila para que ela seja alguém na vida.

Esse ano a melhor coisa que eu fiz foi voltar a estudar. Conheci novas pessoas e fiz boas amizades. Às vezes sinto um pouco de cansaço, mas vale a pena. Pego o ônibus às 6 horas da tarde, chego às 7 horas de noite na escola.

Chego em casa meia-noite todos os dias porque moro na Fortaleza, mas na vida, se não houver sacrifícios, não vale a pena.

Lei injusta

Leonice Teixeira de Oliveira

Explode no mundo a violência, a injustiça, a fome, o seqüestro, a corrupção, a dor.

Enquanto isso, muitos obtêm uma vida estável. Os poderosos continuam no poder, eles roubam fortunas e tudo continua na mesma. Agora uma mãe de família rouba um pote de margarina e vai presa. Isso é um absurdo.

No final do ano passado eu recebi da prefeitura uma carta me cobrando uma taxa de 1, 235 reais. Quando a li, fiquei com as pernas bambas. Resolvi ir até lá, onde descobri o motivo da cobrança: era um documento que o meu ex-patrão tinha feito para pagar meu INSS.

Em 88, meu patrão registrou-me como costureira, pois doméstica não era profissão. Quando saí do meu serviço, não foi dada baixa na carteira.

Por isso agora estavam me cobrando aquela quantia, mas, graças a Deus, conseguimos abaixar o valor e só tenho que pagar 177 reais.

Eu considero isso uma injustiça, porque esse caso faz 18 anos e só agora resolveram cobrar.

Um fato real

Leonice Teixeira de Oliveira

Logo que passou o carnaval, recebi uma notícia que me deixou muito chateada. Perdi umas das casas em que eu trabalhava. Minha patroa esteve em Ubatuba e me mandou embora por recado.

Isso me magoou muito, porque quem pegou a casa para limpar foi uma amiga minha que não saía da minha casa. Todos os dias ela passava lá para tomar um cafezinho. Mas tudo bem, porque a casa era grande e a patroa só me pagava 200 reais por mês.

Fez um ano que eu estava trabalhando lá. Trabalho há 10 anos numa casa e há 12 anos em outra. Sou faxineira. Fiquei magoada com a minha amiga e a minha ex-patroa, mas tudo bem. Garanto que Deus tem muito mais para me dar do que 200 reais. O que tem que ser será.

A vencedora

Leonice Teixeira de Oliveira

Considero-me uma mulher vencedora, pois moro com minha filha Camila e temos a nossa própria casa. Tenho que educá-la, sustentá-la, ensinar-lhe coisas boas e mostrar-lhe o caminho para uma religião.

Hoje em dia, não é fácil você ensinar o caminho da Igreja para o seu filho. Eles preferem ficar no computador ou assistindo televisão etc.

Temos que plantar bons frutos para depois colhermos frutos bons. Trabalho desde os meus 14 anos. Quando pensei em voltar a estudar, eu sabia que seria um desafio para mim pois moro longe. Chego em casa meia-noite, acordo 5h30 para chamar a Camila para estudar e às 8h vou trabalhar.

Para vencer na vida, temos que passar por vários obstáculos até conseguir alcançar nossos objetivos e ideais. Muitos optam por uma vida estável sem problemas, sem preocupações, mas com um único objetivo: vencer.

Podemos vencer tudo na vida menos a própria morte, mas enquanto ela não chega, vamos trabalhar, lutar para mostrar para os nossos filhos o quanto é importante vencer as barreiras da vida.

A história de Lucas

Lucas Mateus Peres

Eu era um moleque muito rebelde, não me dava muito bem com outros moleques e acabava brigando.

Quando tinha uma festa eu acabava estragando a festa dos meus amigos.

Por que sou revoltado? No dia em que eu perdi a minha avó que morreu na minha frente isso me chocou.

Eu acabei ficando em estado de choque. Com o tempo, fiquei triste. Não tinha uma vida social. Eu tinha um vida totalmente isolada no meu mundo.

Mas acabei conhecendo uma pessoa que me ajudou. Eu comecei a ir à igreja. Isso me ajudou.

Não era mais aquele moleque triste, mas sim um moleque alegre.

Depois comecei a ajudar as pessoas que passaram a mesma situação.

Depois de um tempo eu fui para o Exército Brasileiro.

Isto me ajudou muito, fiquei mais esperto, rápido para ajudar as pessoas.

Tudo que passei me tornou a pessoa que sou hoje.

Minha infância

Luciano Batista Filho

Escrever sobre minha infância é uma coisa muito agradável. Sou caixara nato, nascido e criado no Perequê-Açu. Lembro que a melhor parte da minha vida se passou quando era criança. Uma infância muito pobre, mas muito feliz também, de muitos amigos e de muitas aventuras. Brincávamos sem responsabilidade de ter que trabalhar para colocar comida dentro de casa, comida que sempre tínhamos para comer.

Lembro-me de ver meu pai chegar em casa, cansado e desanimado por trabalhar tanto e ganhar tão pouco, mesmo assim éramos felizes.

Minha melhor lembrança era quando eu e meu melhor amigo saíamos cedo para ir à Barra dos pescadores no centro da cidade para aguardar os barcos de pesca que ali descarregavam. Ganhávamos alguns peixes miúdos naquela época para ajudar no nosso almoço. Lembro também que enquanto ficávamos aguardando a chegada dos barcos, brincávamos no rio Grande, que tinha águas claras e muito limpas.

Aos domingos juntavam-se todos os garotos da rua e formávamos um belo time de futebol com o qual depois passamos a jogar em vários bairros da cidade, com muita alegria e satisfação.

Hoje fico muito triste de ver poluído aquele rio tão bonito.

A viagem

Luciano Batista Filho

No fim do ano passado, fiz uma viagem maravilhosa para o litoral baiano. Fiquei cheio de dúvida, se iria de avião ou de ônibus, mas acabei indo mesmo de avião. No trajeto conheci uma linda moça cujo nome era Gabriela. Tinha olhos verdes e cabelos longos.

A viagem estava muito agradável, ouvíamos música romântica com canções de amor da década de 80. Víamos pela janela do avião o lindo dia que estava fazendo. Conversamos muito, falei do meu dia-a-dia a ela. Onde trabalhava, o que eu fazia. Foi muito legal.

Ela me disse que morava com os pais, era professora de dança e nas horas vagas gostava de escrever poesias. Quando chegamos à Bahia, mais precisamente a Salvador, o sol estava maravilhoso. Acompanhei Gabriela até o ponto de táxi, trocamos nossos telefones e ficamos de nos encontrar. Estou muito feliz, conhecer Gabriela foi a melhor coisa que me aconteceu nessa viagem.

Meu primeiro emprego

Luciano Batista Filho

È muito importante falar um pouco da minha infância. Aos 11 anos fui trabalhar numa pequena empresa de carvão que havia no bairro da Ressaca em Ubatuba.

O mais importante era o fato de que todos os dias eu ia para meu trabalho a cavalo ou de charrete. Quando eu chegava lá, meu trabalho em recolher os pedaços de madeira, ou seja, de pinheiros de aproximadamente 1,20 m que cabiam nas casinhas de barro, ficando de três a cinco dias para formação do carvão.

Lembro que meu amigo mais velho, que trabalhava comigo, com seus 17 anos organizava todo o serviço.

Naquela época, as coisas eram muito mais difíceis. Minha família era muito pobre e as dificuldades eram muitas. Lembro ainda que depois de toda a madeira queimada, colocávamos o carvão em sacos de nylon, que eram levados para o caminhão e transportado para outra cidade. Isso eu nunca vou esquecer porque eu tinha 11 anos, e isso me levou a aprender que na vida tudo é sofrido, mas com determinação todos conseguem o objetivo. Pois, depois dessa época, não parei mais de trabalhar. Cada emprego era mais experiência adquirida. Hoje sou casado tenho um filho e vejo o quanto esse primeiro emprego foi muito importante para mim.

Obs.: Trabalhei um ano na carvoaria, depois disso fechou.

A descoberta

Lucimara Alves

É. Hoje eu descobri que estava errada. Infelizmente eu vou te dar razão. Sei que você está um tanto machucado, mas me perdoe: não posso enganar meu coração.

Sei que falei demais, eu tentei te sufocar, eu falei demais, errei, não pude agüentar.

No amor, eu vou mudar meu jeito, eu vou pedir ajuda, vou tentar, mas dentro do meu peito não vejo outra saída. Sempre vou te amar.

Talvez você pense que não, mas eu te amo, talvez você pense que não, mas eu te quero. Aconteceram muitas coisas, mas não matou o amor, ainda te amo demais. Quero que saiba: mais que ontem e bem menos que o amanhã.

Eu passei com você os bons momentos, eu chorei com você todas as dores que tive.

Se não pude fazer da vida um mar de rosas, me perdoe então, mas pode ter certeza de que eu te dei meu coração.

Espero que reconsidere depois que ler essas poucas palavras, meu amor.

Foi com muito amor que peguei a caneta pra escrever o quanto te amo.

Uma história de humilhação

Lucimara Alves

Se tem motivo para eu passar noites em claro... o motivo é você. Sinto sua falta, fico lembrando os momentos que juntos passamos. Queria estar do seu lado, reviver o passado, que para mim foi melhor que o presente...

Já não sei mais o que faço. Sua ida triste me deixou, o sorriso, me arrancou e lágrimas colocou. Você não sabe como é ruim ficar longe de você!!!

Seria melhor passar as noites em claro, pensando como iríamos nos ver amanhã do que chorar por não poder realizar!

Por que tivemos que nos deixar? Hoje vivo sem a felicidade, e uma grande tristeza me segue. Aonde eu vou, ela vai... Vivo na mais triste solidão sem teus abraços e carinhos.

Será que conseguirei longe de ti viver, sem teus braços para me aquecer, sem pensar em você?

Queria meu passado de volta, mas preciso viver a desilusão do meu presente, a humilhação de não ter você mais comigo... Acredite: você foi e será o meu grande presente!!!

A minha vida na infância

Maria Aparecida A. da Silva

Até os meus 10 anos de idade, eu morava com a minha mãe em Minas Gerais. Eu vivia feliz, com minha mãe e os meus irmãos. Eu também, tinha uma irmã aqui em Ubatuba. Ela veio trabalhar com o namorado. Eles se casaram e foram a Minas me buscar para ficar com eles. Chorei muito ao deixar a minha família. Então vim para cá. No começo eu gostei muito, mas depois eu senti muita falta dos meus pais, porque eu era uma criança ainda, não foi fácil ficar longe deles.

A minha irmã brigava muito com o marido, e eu ficava com medo. Eu saía para fora para chorar e ficava lembrando da minha mãe. Eu queria ir embora para a casa da minha mãe.

A minha irmã teve dois filhos: a Géssica e o Robson, e eu ajudei ela a cuidar deles.

Enfim eu morei com ela até os 24 anos e depois me casei. A minha mãe veio morar aqui perto de mim e quase todos os dias eu a vejo.

O passeio na praia

Maria Aparecida A. da Silva

Certo dia, fui passear na praia com umas amigas; O dia estava maravilhoso! Nos divertimos muito. O sol estava muito quente. Fomos dar uma volta na costeira, sentamos nas pedras e de longe nós vimos na água tartarugas e muitos barcos.

Resolvemos entrar na água. O mar estava calmo, o céu azul, e o sol quente brilhava naquele dia. Depois saímos da água, e fomos passear pela praia, fizemos castelo na areia e vimos muitas conchinhas. Este dia foi muito legal.

À noite, fomos comer alguma coisa. Ficamos na areia. A lua estava muito bonita e o céu, estrelado. Depois nós fomos numa sorveteria que tinha em frente à praia e conhecemos uns rapazes e fomos conversar. Eles pagaram sorvete para nós.

Enfim, depois fomos embora para nossas casas. O passeio foi inesquecível, nos despedimos e fomos descansar.

A minha viagem

Maria Aparecida A. da Silva

Certo dia fiz uma viagem com a minha irmã; fomos para Minas Gerais. O ônibus estava lotado. No caminho conhecemos outras cidades diferentes, outros tipo de pessoas.

Paramos numa cidade para almoçar. A comida estava muito gostosa. Depois do almoço, voltamos para o ônibus para prosseguir a viagem.

Quando chegamos em Minas, fomos para a casa dos meus pais, lá estava o pai; deitado numa cama doente, quando ele nos viu, ficou até animado, se levantou para cortar cana. A minha mãe foi fazer o almoço e nós almoçamos. Foi muito legal ver a minha família outra vez.

Depois fomos visitar outras pessoas que moravam lá perto, fomos ver os meus tios; eles ficaram muito felizes.

Ficamos 15 dias; despedimos do meu pai demos um abraço nele. Aquele abraço ficou marcado na minha vida, porque foi o último dia que o abracei, pois o meu pai faleceu já tem 6 anos.

Finalmente só ficou a saudade daquela cidade onde nasci.

Saudades

Maria Clarice de Souza

Quando eu nasci, já era a décima filha de meu pai. Minha família morava no interior do Espírito Santo, na cidade de Alegre. Lá vivi até os meus primeiros nove anos. Não sabia o que era escola. E meu pai achava que era bobagem criança estudar.

Eu adorava brincar com meus irmãos, subia em árvores, pescava, nadava no rio que passava perto da minha casa. Cuidava das galinhas, dos porcos, dos cavalos e das cabras para ajudar minha mãe.

Quando eu terminava toda a minha obrigação, meu pai deixava a mim e a meus irmãos cavalgar pelo sítio.

Tive uma infância muito boa no interior. Certo dia papai estava fazendo a colheita do café, bem distraído e não viu que tinha uma enorme cobra enrolada no tronco. Quando ele levou a mão no pé de café, a cobra picou sua perna. Ele ficou muito doente, não podia andar nem cuidar de seu cafezal. Ficou muito difícil para meus irmãos cuidarem de tudo.

Papai teve que ir para a cidade mais próxima para se tratar. Depois de algum tempo, resolveu que nos mudaríamos para Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro. Fiquei muito triste, mas não tinha outra saída. Minha mãe ficou com o coração apertado quando deu adeus a tudo.

Como meu pai não estava totalmente curado da picada, chegamos na cidade e a primeira coisa foi procurar um médico para fazer um tratamento adequado.

Começou uma nova vida. Fomos todos para a escola e lá fiz muitos amigos, mas estranhava muito, porque era tudo tão diferente do que eu vivia. Não tinha nada daquilo que estava acostumada a fazer. Como subir em árvores, andar a cavalo, correr atrás das galinhas, nadar no rio etc.

Com o passar dos anos, fui me acostumando com aquela vida. Fui trabalhar logo cedo para ajudar nas despesas de casa. Naquela época, todos tinham que trabalhar.

Minha mãe ficou muito doente com problema no coração e veio a falecer quando eu estava com treze anos de idade. Fiquei muito triste e minha família desabou. Meu pai não sabia o que fazer e ficou completamente perdido. Meu irmão caçula não entendia nada.

Foi a pior coisa do mundo que me aconteceu. Tive que cuidar dos meus irmãos menores para ajudar meu pai. A vida foi se passando e aos meus 19 anos me casei com uma pessoa muito legal. Fui morar em outra cidade.

Tenho dois filhos maravilhosos e hoje sou uma pessoa muito feliz, apesar de tudo que me aconteceu.

A demissão do meu amigo

Maria Clarice de Souza

Fiquei muito chateada com a injustiça que aconteceu com meu amigo, no seu trabalho. Se eu pudesse, faria alguma coisa para reverter a situação.

Bom, ele passou num concurso para bancário há muito tempo e foi chamado. Trabalhou muitos anos. Era dedicado no seu trabalho, prestativo. Para onde o banco mandasse ele ia, não faltava, a não ser para ir ao médico.

O banco foi privatizado e começou o corte de funcionários. Logo de cara, a empresa mandou três mil funcionários para a rua, e ele estava incluído nessa turma. Ele ficou muito triste ao ser demitido e quis saber a causa, mas a empresa disse que o motivo era corte de despesa e excesso de funcionários.

Minha história inesquecível

Maria Clarice de Souza

Nasci no interior do Espírito Santo. Lá eu só conhecia o que meu pai tinha no sítio e nada mais. Aos 7 anos, eu ia para a lavoura com meu pai e meus irmãos. Lá eu subia e descia plantando milho e feijão.

Papai dizia que todos nós tínhamos que aprender a trabalhar desde cedo e assim foi.

Era muito divertido. Nós não tínhamos nem um brinquedo, o que estávamos fazendo era uma brincadeira de plantar, mas de verdade.

Alguns dias depois eu ia ver se minhas sementes já haviam brotado, então voltava correndo e contente para falar com papai que as sementes já estavam todas brotadas.

Na minha casa não tinha luz elétrica, eu não sabia o que era uma televisão, só tinha um rádio a pilha, o único motor que conhecíamos era o avião que passava diariamente no céu e brilhava.

A vida no campo era muito boa e divertida, não tinha luxo, as roupas eram feitas pela mamãe. Chinelo e sapato eu não conhecia.

Quando fui receber o batizado na Igreja Católica ganhei um lindo par de havaianas, mas eu não sabia usá-las e elas ficavam saindo dos meus pés. Ganhei também um vestido rosa da minha madrinha combinando com as havaianas.

Chegou o dia do batizado. Eu fui toda-toda, parecia que estava pisando na neve.

Só que houve um pequeno problema: a igreja era longe e tinha que atravessar um riacho. Quando pulei de uma pedra para outra, meu chinelo caiu na água e foi levado pela correnteza.

Fiquei muito triste, mas fui com um pé só para a igreja, e então recebi o batismo, e todos ficaram me olhando porque eu usava só um pé de chinelo.

Foi muito engraçado. Depois guardei o pé de havaiana por algum tempo, até o meu pai me dar outro.

Foi uma lição para mim. Quando eu ia atravessar riachos, segurava o chinelo na mão para não cair.

Dia iluminado

Maria Clarice de Souza

Eu estava sem coragem, a luz do sol brilhava. Ao sair no portão deparei com um homem lindo, de forma escultural. Ele foi muito corajoso, dirigiu-se a mim e fez-me um convite.

- O dia está lindo! Vamos à praia?

Fiquei surpresa com o convite.

- Não se assuste, meu nome é Roberto.

Eu fiquei constrangida e falei:

- Você está me convidando para conhecer o mar. Espere um pouco: vou arrumar minha mala.

Roberto ficou à minha espera, logo em seguida fomos viajar. Era um pouco longe. Dentro do ônibus estava tocando uma música. Roberto perguntou se eu gostava de música. Eu disse que adorava ouvir e dançar a dança do ventre, usando uma roupa especial cheia de cores, as cores das rosas para dar um charme. Roberto ficou admirado e falou que gostaria de me ver dançando uma canção.

Roberto falou:

- Está próximo do ponto. Vamos descer do ônibus e atravessar a linha do trem e estaremos na casa de praia.

Fomos à praia, fiquei bronzeada, aproveitamos bastante. Na volta, Roberto parou em uma loja e me deu um lindo vestido de textura leve e macia.

Roberto me fez uma surpresa com uma carta de amor. Eu adorei, em seguida convidou me para ver um filme à moda antiga.

Fui com o vestido que havia ganhado.

Roberto, não satisfeito, no final do filme me fez uma declaração de amor. Eu fiquei muito feliz.

Vítima de injustiça

Marisa Bertolina dos Santos

Eu não me lembro de ter sofrido alguma injustiça, mas quando presencio alguém passando por essa situação, sinto uma tristeza e, a princípio, fico inconformada quando se trata de condições arbitrárias.

Dona Georgina tem 59 anos e trabalha para uma família italiana riquíssima, para a qual também seu esposo trabalha há 30 anos. Após três anos de trabalho sem carteira assinada, sua patroa despediu-a, alegando não precisar dos seus afazeres.

Apesar de triste, por estar desempregada, Dona Georgina fica feliz pensando que receberia, por espontaneidade de sua patroa, a indenização; mas, para sua surpresa, isso não aconteceu. Após conversarem, sua patroa disse que não pagaria e podia buscar seus interesses até mesmo na justiça.

Foi isso que aconteceu. Dona Georgina procurou seus direitos legalmente falando, mas desistiu pensando no seu esposo, que ainda continua trabalhando para essa família.

Como filha de Dona Georgina, fiquei triste diante desse acontecimento, mas não reagi de forma alguma.

Minha infância

Michela Braga de Gouveia

Hoje, paro e me lembro o quanto minha infância foi importante para mim.

Morava na rodovia Oswaldo Cruz, no Morro das Moças. Fui criada com muitos primos e com muitos vizinhos. Brincávamos até tarde, pulávamos amarelinha, brincávamos de passanel, pega-pega, enfim eram muitas brincadeiras.

Minhas primas e eu íamos de manhã, voltávamos para almoçar e corríamos novamente para brincar e nadar. É lógico que escondido de meu avô, ele brigava, pois passávamos o dia fora de casa.

Aos nove anos, passei a fazer ginástica no Tubão e daí em diante fui me dedicando cada vez mais ao esporte. Fui campeã muitas vezes, viajei muito com a academia. (Ah, depois fui convidada para ir treinar numa academia, ganhei uma bolsa). Em 1987, fui campeã como melhor ginasta de Ubatuba. Continuei até os 14 anos. Tinha que me dedicar muito. Em época de competição passava até 8 horas treinando, mas tive que parar para trabalhar. Tenho muitas saudades.

Minhas brincadeiras eram muito diferentes das brincadeiras de hoje. Eram mais saudáveis. Também tenho saudade de minha querida escola. Celestino Aranha, eu era a bambambã da turma. Não era por dinheiro ou por outra coisa que em todas as festas comemorativas eu me apresentava.

Mas, hoje em dia, do que eu tenho mais saudade é de meu avô. Ele faleceu em abril deste ano, com 72 anos, vítima de câncer. Fico lembrando dele, das bravezas dele. Infelizmente isso acontece com todo mundo, mas parecia que isso jamais aconteceria com ele, que era muito forte. Criou-me juntamente com minha avó com dedicação e pulso forte, e devo minha vida a eles e a minha mãe. Mas agradeço muito a Deus por ter crescido e ficado ao lado dele até sua morte. Ele faleceu no meio dos filhos, da esposa, dos netos e bisnetos em casa. Tenho muitas saudades. Sou o que sou graças ao seu Ari Moreira Braga, meu avô e padrinho.

Será?

Michela Braga de Gouveia

A leitura do conto *Missa do galo* fez-me lembrar de uma situação que me intriga até hoje.

Trabalhava em uma loja de confecções infantis e gostava muito dos meus patrões. Eles me ajudavam quebrando alguns galhos, e eu os ajudava da mesma forma. Esta loja era bem pequena, e meu patrão tinha uma vidraçaria ao lado. Quando não havia movimento na lojinha, eu atendia o telefone e os clientes que chegavam à vidraçaria para os donos irem ao banco, viajarem, almoçarem. Enfim nos dávamos muito bem.

Da lojinha para a vidraçaria havia uma porta e logo em seguida, já na vidraçaria, tinha uma escrivaninha que tinha duas cadeiras, uma de cada lado. Muitas vezes, Dona Júlia e eu batíamos o maior papo nesta escrivaninha.

Certo dia, meu patrão e eu estávamos conversando sozinhos, pois a patroa tinha viajado, quando ele pegou a calculadora e digitou: 8370 5810 que virando a calculadora, pode-se ler: BELO SEIO. Fiquei vermelha de vergonha e raiva. Na mesma hora, virei as costas e fui chorar de medo, de decepção e de indignação. Mas fiquei pensando:

- Será? Ou será que foi apenas uma brincadeira? Fiquei angustiada, pois não sabia o que tinha acontecido de fato, mas pensei assim: se ele fez brincadeira, vai passar minha raiva, voltaremos a nos falar como amigos, caso contrário, ele se sentirá culpado e me pedirá desculpas.

Passaram-se dois meses e eu só falava o necessário com ele. Não o tratava mais como um pai, até que um dia ele me chamou e disse para mim que eu era como uma filha para ele, não imaginava que eu reagiria assim, mas concordou comigo que ele poderia fazer esta brincadeira perto da esposa dele, se não houvesse malícia, e me pediu desculpas. Eu o desculpei, voltamos a nos tratar amigavelmente, mas a pergunta sempre surge: será?

No mês de setembro, completou um ano que ele faleceu. Quando vou ao cemitério, passo no túmulo dele, acendo uma vela e tento me esquecer do que aconteceu.

Minha gravidez

Nádia Aparecida de Lima

Minha gravidez foi programada após um ano de casamento. Acompanhei todos os passos da gravidez, quando ouvi o coraçãozinho do bebê pela primeira vez, foi uma emoção inexplicável. O meu coração batia muito forte e chorei de alegria, quando a vi pela ultrasonografia, novamente emoções fortes. Foram nove meses de preparação e muita expectativa, enfim chegou a grande hora. A vontade de ter minha filha em meus braços era tanta que não senti nenhum medo da cesariana.

Quando ouvi o choro da minha filha, senti a plenitude da vida. Quando a peguei em meus braços, abençoei-a pela primeira vez, e disse em voz alta:

- Seja bem-vinda ao mundo, minha filha!

Daí para frente me tornei outra mulher, converso com ela desde que estava no meu ventre e depois do nascimento não é diferente. Ela já está com oito anos e somos amigas, confio em minha filha, é uma criança que não mente, pois ensinei isso a ela, e eu também não uso de mentiras com ela. Aliás, com ninguém, pois, por mais que uma verdade machuque, ela terá que ser dita. E assim procuro passar valores e muito amor.

Sou muito feliz e abençoada por ter uma pessoa tão especial ao meu lado.

Eu sou mãe

Nádia Aparecida de Lima

Um dia escutou rumores de que havia alguém dentro de você... Que lhe dava pontadas, mas em vez de chorar, você sorria, eu não entendia, mas você prosseguia dizendo que este algo estava vivo e lhe pertencia...

Num dado momento as dores vieram-lhe, pude sentir suas lágrimas e seu cansaço, talvez eu fosse a culpada e meu castigo fossem três palmadinhas.

Permitia que eu vivesse...Me alimentava em teu seio...

Os primeiros passos foram difíceis..., mas contei com seu apoio e mais tarde aprendi a chamar-lhe de **mãe**.

Algumas vezes, a surpreendi te vendo chorar, pensei que chorasse pelos mesmos motivos que eu...

Quando as pessoas crescem, tudo fica muito difícil, elas precisam e muitas vezes querem ir a certos lugares, elas precisam viver um mundo de todos, foi isso que você me disse e me levou à escola, eu nunca sofri tanto, e culpei-a por isso, queria me abandonar no novo mundo que se desvendava ao meu redor, mas de repente percebi que havia crianças como eu, que choravam, a escola tornava-se interessante.

As pessoas crescem, mãe, e começam a entender certas coisas que, por você ser mãe, tenta evitar, colocando em torno uma parede de proteção.

Fiz muitas vezes você chorar e você chorava escondido, e eu lamentava, pois sabia que os motivos já não eram os mesmos, mas sim que se resumiam em mim, cuidar de mim.

E o tempo passou. Hoje os meus sonhos e brincadeiras de criança deixaram de existir, a minha infância passou, e novos problemas vieram...

Agora é viver o mundo de todos, com as dúvidas e conflitos, ilusões e decepções...

Desculpe, mãe, por você já não ser mais o centro de meu universo, pois foi inevitável... Sei que é difícil você entender!!! Fico horas a pensar como não te magoar... Mas foi a idade, a maturidade que chegou!!!

Os anos passaram entre suas rugas, eu vi!

Eu vi que sua calma de mulher gritava por liberdade...

Na verdade, aí está a explicação de todos os meus pensamentos e atitudes, mais uma vez peço-lhe perdão por descobrir tão tarde que você jamais quis ser o centro do meu universo e sim me colocar no centro do seu universo, e que você é alguém que possui uma alma de mulher e um coração às vezes duro e rude, mas de **mãe**...

A espera

Nádia Aparecida de Lima

Aquele homem de olhar triste, atitudes delicadas, sempre com um abraço aconchegante que me protegia do mundo, não tinha palavras bonitas, nem um vocabulário rico, mas aquele olhar me enchia o peito de amor. Adorava ouvir seus contos de época de roça, histórias de

lobisomem ou mula-sem-cabeça. No começo me dava um arrepio de medo, depois me retorcia em gargalhadas, e aquele homem, com seu cigarro de palha e aquele chapéu na testa, ficava feliz em me fazer rir. Quando eu precisava de alguma coisa da rua, ele não pensava nos esforços, na mesma hora saía para procurar, não se importava se era dia ou noite, se chovia ou não, um amor indissolúvel. Nas tardes de domingo, saíamos para o pasto para caçar e colher frutas. Através da caça, conheci algumas espécies de passarinho, a formiga chamada içá também pegamos, e cheguei até a comê-la. Já a fruta de minha preferência nessa deliciosa aventura é uma espécie de coquinho, que se encontra em cachos. E no horário da comida, almoço ou janta, sempre feitos no fogão a lenha com gordura de porco. Eu saboreava aquela gostosura de comida, aquele feijão com sabor de amor só para mim.

Quando ele se foi, achei que fosse morrer junto com ele, pois ali estava o meu porto seguro, meu amigo, meu querido avô.

Hoje aprendi a viver sem sua presença em corpo, mas tenho a certeza que um dia vamos nos encontrar em algum lugar.

Minha infância

Nair Gomes da Silva

Meu nome é Nair, tenho 41 anos e tive uma infância até que tranqüila. Éramos pobres, mas, graças a Deus, meu pai sempre foi um homem trabalhador, nunca deixou passar falta de nada.

Lembro-me que na minha casa além dos filhos, ainda moravam mais três primos que tinham vindo do interior para trabalhar. Era muito legal, porque, apesar de ser bastante gente na minha casa, não havia briga e, como eu era a caçula, era bastante paparicada.

Duas coisas me marcaram na infância: uma foi as vezes que meu pai me levava para passear na estação de uma cidade vizinha (Santo André). Não entrávamos, só ficávamos de longe, olhando o trem passar, e isso para mim era o máximo, pois eu adorava passear com ele. Outra coisa que também me marcou foi nossa vinda para Ubatuba. Foi muito triste, porque o motivo que nos trouxe para cá foi minha irmã ficar grávida com 14 anos. Meu pai, com vergonha da família, resolveu vir embora. Eu detestei, porque eu vim morar em um lugar que não conhecia e, ainda por cima, nem pude estudar por muitos anos porque a casa onde morávamos era longe da cidade.

Hoje, mais velha, ainda me lembro de algumas coisas da infância. Às vezes com tristeza, outras com alegria e saudade. Principalmente do meu pai, que não está mais aqui, junto de mim para passearmos como antes.

O retorno

Nair Gomes da Silva

Foi no ano de 2005, trabalhei duro durante o ano inteiro, até estafa tive, mas valeu: iria fazer a grande viagem da minha vida, não era um a viagem internacional, mas para quem conhece apenas São Paulo ir para Santa Catarina era o máximo.

Comecei a arrumar minhas malas uma semana antes, mas todo dia tinha que abri-las de novo para colocar mais alguma coisa, pois lá estava muito calor então tinha que levar bastante coisas leves.

Chegou o dia, eu estava tremendo de tanta ansiedade, pois iria ficar apenas uma semana e queria aproveitar muito o passeio. Fui com alguns amigos e no primeiro dia foi muito bom, andei muito, conheci vários lugares lindos, quando chegou a noite estava cansada e fui dormir. No dia seguinte, estava com dor nas pernas e não saí do hotel. Os outros dias não foram diferentes, peguei uma intoxicação alimentar de uma comida que comi duas vezes. Estava “doente” todos os meus amigos se divertindo e eu tomando soro, eu não acreditava que estava acontecendo comigo, tantos planos...

Não agüentava mais. Não via a hora de chegar o dia do retorno para casa.
Quando estava a caminho de casa e avistei a serra pensei comigo: “viagem assim nunca mais, prefiro ir até Paraty”.

Você

Natália Buono da Silva

A melhor coisa que me aconteceu
Foi te conhecer
Com você eu pude conhecer
O verdadeiro carinho, o verdadeiro
Amor.
Agradeço a Deus todos os dias
Por pôr sua vida em minha
Vida.
Quero conhecer você com
Intensidade,
Caminhar com você
Para sempre.
Obrigado por você existir
Em minha vida, Obrigada
Por seu carinho, por seu amor
Dedicado a mim, pelo seu
Respeito a minha pessoa.
Serei agradecida pelo resto
Da minha vida.
Com você quero conhecer todas as coisas,
Todas as pessoas, o mundo, o verdadeiro amor.
A intensidade e a radiância
do ar e das luzes do sol, e o brilho
da lua e o resplandecer das estrelas
são compatíveis com seu olhar quando feliz.
Sou feliz com você. Feliz por você!

Cliente oportunista

Odesmar José Carneiro

Sou corretor de imóveis e trabalho numa imobiliária chamada Consultoria de imóveis de Ubatuba (CIU IMÓVEIS), uma imobiliária muito conhecida, pois está no ramo há mais de 26 anos.

Certa manhã, eu estava de plantão no escritório e atendi a uma família (o casal, muito simpático e os dois filhos, brincalhões). Queria comprar um apartamento. No momento me senti muito à vontade e senti muita segurança nos clientes, no casal. Mostrei as fichas de alguns apartamentos que temos à venda. O casal separou três, e fomos vê-los. Gostaram.

De volta ao escritório, a conversa mudou e o casal disse que estava apenas pesquisando para futura compra. Trocamos telefone e nos despedimos. Passados uns dez dias, eu estava com um novo cliente. Liguei para o proprietário de um desses apartamentos para saber se ainda estava à venda e se o valor era o mesmo, pois isso é rotina entre nós, profissionais. Para meu espanto, o proprietário falou que tinha vendido para um casal com dois filhos. Pesquisei e era o mesmo casal. Eles tinham retornado ao prédio e pegou o telefone do proprietário com o zelador.

Perdi a venda. Senti-me arrasado, pequeno, com essa injustiça. O comprador foi oportunista e me passou para trás, pois eu não tinha proposta assinada e não pude fazer reivindicação nenhuma.

Moral da história. Hoje tomo muito cuidado, pois esse fato me serviu de lição, mas não são todos os compradores assim. Amo a minha profissão e não me abalei muito, mas fiquei, no momento, muito mal com essa injustiça.

Uma lembrança da adolescência

Odesmar José Carneiro

Sou nascido e criado em Ubatuba. De família humilde, meu pai militar, minha mãe, dona de casa. Ainda garoto, eu engraxava sapato e vendia sorvete nas únicas praias freqüentadas, Perequê-Açu e Tenório. Vendia no isopor, pois não haviam inventado os atuais carrinhos.

Entre 1970 a 1975, mais ou menos, construíram a BR 101- Rio/Santos. Nessa época eu tinha uns dezesseis para dezessete anos, pois sou de agosto de 55. Juntamos alguns amigos e fomos a pé pelo corte da estrada até Parati. Antes só podíamos ir lá de barco.

Foi a coisa mais linda e interessante, uma aventura e tanto. Levamos três dias e três noites. Vimos todas as espécies de animais e árvores da flora brasileira, mico-leão-dourado, araras, capivaras, onças e muitos animais que hoje não existem mais ou são raros, e muitas espécies de plantas. Desbravamos e conhecemos várias praias. Hoje famosas: Itamambuca, Félix, Promirim, Almada, Puruba.

Conhecemos Parati, cidade histórica muito bonita, com suas igrejas, casarões, etc.

Hoje sou uma pessoa feliz, pois fui um dos primeiros a desbravar essa parte da Mata Atlântica, da Serra do Mar. Pois é! Essa é uma das aventuras que eu fiz nesta cidade encantadora por suas belezas.

Não ia à Missa do Galo, mas...

Odesmar José Carneiro

Em meados de 1972, aqui mesmo em Ubatuba me aconteceu um fato curioso.

Sou nascido e criado nessa cidade encantadora com suas praias maravilhosas e suas areias brancas da cor da neve.

Nesta época, eu tinha uns 14, quase 15 anos de idade. Não existia táxi, apenas uma empresa de ônibus e eu, para ajudar no orçamento da casa, pois éramos em vários irmãos e meus pais não tinham posses, carregava malas.

Certo dia, desceu do ônibus um casal vindo de Taubaté. Ele aparentando uns 50 anos e ela aparentando uns 30. Muito bonita, vistosa, com um corpo escultural muito bem definido. Me contrataram para levar suas bagagens até a sua casa que ficava bem próximo. A cidade era pequena e se resumia a alguns quarteirões. Chegando à casa, o senhor abriu a porta e disse:

- Sônia, vou até o mercado de peixe comprar camarão.

Fiquei com a mulher na casa. Descarreguei as bagagens do carrinho, que meu pai fez para eu trabalhar.

- Como é teu nome? – disse a mulher, e eu respondi.

- Me aguarde, vou até o quarto e já te darei o seu dinheiro pelos serviços prestados.

Fiquei aguardando, sentado no sofá da sala lendo algumas revistas que ali estavam.

De repente, me surge do quarto a mulher apenas com um biquíni minúsculo. A cena me deixou paralisado, pois ela era muito bela, e, para meu espanto, sentou-se ao meu lado e começou a fazer perguntas: “Como é seu nome? Quantos anos você tem?” Eu respondia prontamente com gaguejos, tremendo, pois a qualquer momento seu companheiro poderia chegar e eu não sabia o que poderia acontecer. Num certo momento, ela colocou sua mão em meu rosto e disse:

- Como você é bonito e forte!

Eu, ali parado, como se fosse uma estátua. Para o meu alívio, o homem chegou. Peguei meu dinheiro, meu carrinho e fui embora o mais rápido possível.

Hoje eu me arrependo de não ter tomado nenhuma atitude e toda vez que eu passo em frente à casa me lembro de tudo. Pois tudo ficou gravado em minha mente até os dias de hoje.

O meu pé de bacupari

Odesmar José Carneiro

Quando eu tinha uns 10 ou 11 anos, estudava na centenária escola “Esteves da Silva”, pois sou nascido, e criado em Ubatuba e nessa época só existia essa escola aqui. A cidade era muito pequena. Ao lado da escola passa o rio Grande, que desemboca na Barra dos pescadores.

Desde pequeno, sempre fui muito curioso. Passando esse rio, existia uma mata muito grande e, num certo dia, cisme de atravessar o rio com a curiosidade de ver o que tinha do outro lado. Quando entrei na mata, uns 50 metros, eis o que surge na minha frente um pé de bacupari gigantesco - para quem não conhece, é uma fruta originária da Mata Atlântica parecida com a ameixa, mas mais deliciosa.

Pelo tanto de fruta que tinha, concluí que ninguém sabia da sua existência. No outro dia, contei a todos o meu achado e todos foram saborear da fruta, mas eu era como se fosse o dono.

Hoje não existe mais o pé de bacupari, pois a própria natureza desviou o curso do rio e este levou a árvore. Sempre que penso no passado, me lembro do meu pé de bacupari.

Lembrança de minha infância

Valdicéia da Cruz

O tempo passou, e foi há muitos anos que vivi minha infância. Eu era muito pequena. Cresci acreditando que a vida seria encantadora. Minha infância passei tranqüila. Nasci no Litoral Norte, de muitas praias, natureza bela e nunca sai daqui.

Minha cidade era bela pequena e pacata, era como uma aldeia ou uma vila de pescadores. Vivi cercada de mar e árvores.

Na minha rua, tinha uma grande árvore onde passei todo o tempo brincando e sonhando. Sonho inocente de criança.

Mais adiante, tinha um casarão enorme, velho e mal-assombrado. Eu brincava muito lá. Vivi anos muito feliz, mas logo acharam que a cidade precisava crescer e desenvolver, e as coisas começaram a mudar. Abriram a serra para ligar a outro município, cortaram nossa árvore dos sonhos, derrubaram meu casarão para construir a estrada.

Mataram meu sonho e destruíram meu coração, porém a cidade não cresceu nem desenvolveu: parou no tempo. Tiraram meu sossego e minha liberdade.

Hoje lembro da minha infância e fico triste pois destruíram tudo, e dela só restaram lembranças.

Minha vida

Valdicéia da Cruz

Fiquei órfã de mãe com quatorze anos. Minha vida era calma, simples, sossegada, mas virou uma tempestade de vento. Comecei a ser responsável e cuidar de mim mesma, pois não tinha ninguém que quisesse ficar comigo. Logo fui trabalhar no hotel em que minha mãe tinha trabalhado durante vinte anos. Os donos concordaram em me empregar escondido, pois eu era menor. Tive que aprender a trabalhar. Era tímida, meio caipira, mas tomei coragem e fui. Já conhecia todas as funcionárias. Virei a mascote de lá. Todos sabiam que minha vida não ia ser

fácil. Então começaram a me ajudar, pois meu pai, um pescador grosseiro e sem educação, nunca se importou com as filhas. Ele achava que dando a casa para morar estava ótimo e esqueceu de ser o pai, que ele nunca foi. Fui em frente, trabalhei como copeira e depois como camareira. Cresci sozinha, sem ninguém que se importasse comigo. Casei para poder ter uma família unida. Um sonho que não deu certo. O casamento afundou. Não tinha estrutura e não agüentei. Acho que tudo isso é consequência de não ter tido alguém com quem conversar, que me ajudasse a entender a vida. Aliás, ainda não entendi por que sou assim.

A injustiça é antiga

Valdicéia da Cruz

Desde que começou o mundo, os homens que tinham o poder já humilhavam e apedrejavam os menos favorecidos. A injustiça segue contra negros, índios e pobres. E está sendo praticada por nossos governantes. O trabalhador está trabalhando cada vez mais para manter o luxo deles. Moram em apartamentos de luxo, têm carros, aviões que custam milhões. Tudo isso com o dinheiro de impostos que o povo paga. O pobre trabalhador só pode morar em favelas, casas em cima dos morros desmoronando, crianças e idosos morrendo de fome sem poder se manifestar. Essa injustiça não tem perdão.

O mundo está se afundando na sua própria injustiça.

Família

Valdicéia da Cruz

A minha família tem uma história de batalhas. Minha bisavó Cristina era filha de escravos trazidos da África, tinha em seu destino a escravidão. Era uma negra linda e corajosa, fugiu da senzala e do tronco. Moça forte, viveu muito tempo escondida em tocas e matas, mesmo vivendo como bicho foi corajosa, fugiu sozinha, veio em busca de vida e liberdade, foi a primeira mulher negra fugitiva a fundar um quilombo e liderá-lo.

Não sabia ler, só conhecia a lei do chicote, mas era inteligente, sabia pensar. No quilombo era admirada por sua força de vontade. Construiu sua vida, casou com um homem branco, francês, teve muitos filhos, e viveu quase um século. Morreu feliz e livre.

Engano

Valdicéia da Cruz

Sempre pensei que o mundo em que vivo era uma bola enorme que abrigava a todos, mas descobri que o ser humano se tornou cruel e egoísta. Isto não é culpa do mundo, mas sim da desigualdade em que vivemos onde não se respeitam os menos privilegiados e andamos entre altos e baixos.

O mundo é tão grande, mas ao mesmo tempo se torna pequeno e ao abrir o enorme portão esqueceram que todos somos iguais, embora haja uma enorme cratera entre nós.

Eu imagino um novo mundo, sem guerra, sem fome, sem miséria. Um mundo ao nosso alcance, no qual todos tenham os mesmos direitos.

Dizem que um asteróide destruiu o mundo na antiguidade, mas desta vez quem está destruindo o mundo é o Homem, que mata tudo o que há de bom.

Mar virado... Saudades

Vanessa Zanin M. de Oliveira

Sinto saudade da época em que eu morava naquela maravilhosa ilha.

Para meus pais, talvez morar lá fosse sinônimo de luta, mas para mim era aventura. Bom, o que não é aventura para qualquer criança?

Para mim tudo era lindo. Quando eu me lembro daquele lugar, tenho a impressão de que à minha volta não existiam dificuldades.

Eu acordava de manhã e já dava de cara com uma imensidão de mar lindo, azul misturado um pouco com verde-piscina. Adorava ir até a pequena ponte ver os peixinhos e as tartarugas.

Lá não tinha energia elétrica, e à noite tinha vários morcegos. Numa dessas noites, eu e minha mãe estávamos quase dormindo, quando, de repente, entrou um morcego no quarto. Meu pai estava tomando banho e saiu todo ensaboado, pois ele ouviu os berros de minha mãe. Foi muito engraçada essa cena, pois ele estava pelado, tentando tirar o morcego de trás do guarda-roupa.

A minha estada neste lugar foi curta, pois morei lá só 8 meses, mas foi inesquecível. Foi uma infância pura, onde só existia o mar, minha família, os morcegos à noite e pássaros de manhã.

Eu nunca me esqueço também dos pés de café que havia lá para dentro da mata. Os frutinhas do pé de café são bem docinhos.

Eu morava numa casa que (diz a lenda) fora abrigo de piratas e oca para índios, habitantes antiqüíssimos da ilha.

A minha primeira boneca eu ganhei lá. Sabe como? O meu pai achou-a no mar. Ela estava toda sujinha de óleo. Acho que devia ser dos barcos que passam pela redondeza. Essa boneca eu tinha até um tempo atrás. Ela era toda de borracha, mas passei para minhas irmãs menores.

Minha infância teve vários momentos bons. Morar na ilha do Mar Virado foi um deles.

Lembranças da Dai

Vanessa Zanin M. de Oliveira

Era 28 de julho de 2000, aniversário da minha melhor amiga.

Dai me liga cedo, no meu serviço para combinarmos algo bacana para festejar os 19 anos dela.

Eu estava toda animada, saracoteado para um lado e para outro, pensando na roupa que eu iria usar. Nem consegui trabalhar direito, queria que as horas passassem voando, só para me encontrar com minha amiga e ir festejar.

(A Dai é minha amiga há anos, todo aniversário, seja meu ou dela, passamos juntas).

Chegou a noite. A Dai passou na minha casa para sairmos. Nós íamos numa festinha típica que estava rolando na cidade.

Eu morava ao lado de uma colega, e de lá saímos tomando, cada uma, uma garrafa de vinho. Nós estávamos todas alegres, serelepes. Chegando na festa, cantamos parabéns, dançamos, e a festinha estava lotada. Quando de repente:

- Dai estou passando mal, me ajuda.

A Dai toda preocupada me levou para um banheiro próximo dali. Colocou o dedo na minha boca, e eu vomitei em cima dela. Era só vinho, pois eu nunca tinha bebido antes. Aí eu comecei a chorar, pois era aniversário dela, e eu tinha lhe dado “aquele presente”. Fiquei muito decepcionada comigo mesma, pedindo mil desculpas.

A Dai não tava nem aí, só tirava sarro da minha cara e me explicava que essas coisas acontecem.

Fomos a casa, tomamos um banho, e voltamos, limpinhas para festejarmos mais. Pois a noite, naquele dia, só estava começando.

Tempo

Vanessa Zanin M. de Oliveira

O tempo passa como o vento. Nem sempre o percebemos, mas ele continua a cada momento a nos mover, a nos transformar. O tempo é dia do bondoso criador. A gente o divide em dias, semanas ou anos, mas do ponto de vista do nosso senhor, é apenas um meio para realizar os seus planos.

Para o Criador, o tempo é uma coisa só, tanto faz mil anos ou apenas um dia. Povos surgem e desaparecem no pó, mas Deus conduz seus planos em perfeita harmonia.

O Criador tem as tramas de nossas vidas até mesmo nas lutas que enfrentamos, buscando o melhor para as criaturas queridas, ele nos torna mais sábio e humanos.

Uma vida se une a outra; histórias são ligadas, e tecem obras primorosamente trabalhadas.

Então, que em nossos caminhos, em nossas idas e vindas, sejamos sempre pessoas amorosas e unidas!

Se eu pudesse voltar no tempo...

Vanessa Zanin M. de Oliveira

Bom seria voltar no tempo. Pelo menos para mim, pois sei que algumas pessoas não gostam de lembrar do seu tempo de criança. Sinto uma imensa saudade do meu tempo de criança – era bom demais. Brinquei muito de boneca. Eu amava minhas bonecas barbies e meus papéis de cartas.

Fico chateada de ver as crianças de hoje, pois a maioria delas, perde sua essência, sua inocência desde cedo. Vejo pelas minhas irmãs. É raro vê-las brincando de boneca. Vejo-as pintando com aquelas pinturas que são adequadas para a idade delas ou escrevendo no diário sobre algum paquerinha.

A maioria dos presentes que dei a elas foram bonecas. Até gostaram nos primeiros dias, mas depois as bonecas viraram apenas enfeites.

Eu gosto de me lembrar de quando era criança, pois passava horas no meu quarto brincando com as minhas bonecas. Tinha uma que se chamava Natascha. Era meu xodó. Ganhei-a de minha avó. Ela comprou-a em um brechó. Era uma boneca linda. Branquinha, com seus olhos caramelo e seus cabelos negros.

Brinquei de boneca até meus 16 anos, eu já namorava, mas não tinha deixado meu lado de criança ainda. Meu namoradinho ia embora, e eu ia correndo para meu quarto brincar com as minhas barbies.

Sempre muito menina: até o meu filho mexer-se em minha barriga eu ainda tinha minhas bonecas. Quando descobri que era menino, dei todas elas. Hoje quando me lembro que dei tudo, dói meu coração. Queria de volta minhas bonecas de porcelana, minhas barbies, minha Natascha.

Só não desfiz ainda dos meus papéis de carta. Tenho todos. E são muitos! Tenho medo de dá-los e me arrependeu disso também.

Gosto tanto dessas coisas de menininhas que, quando entro em alguma loja para comprar para meu filho, sempre vou olhar primeiro as coisa de menina. Fico babando.

Fico muito triste porque, hoje em dia, é difícil ver crianças que gostem de brincar como crianças. O mundo ensina muitas coisas ruins às crianças. Muitas delas não têm tempo de ser realmente criança. Muitos valores estão se perdendo.

Faço de tudo para meu filho de 4 aninhos ser bastante criança. Ensino a ele andar de bicicleta. Dou-lhe bastantes carrinhos, lápis de cor, papel, enfim coisas infantis. Porque se deixarmos de lado, sua inocência vai embora cedo, pois o mundo, devagarinho, vai detonando a mente das crianças, através de desenhos animados que só transmitem violência e “novelinhas” que ensinam desde as crianças a namorarem. E ainda todo mundo acha bonitinho.

Escrevi este texto, pois quando coloquei minha cabeça no travesseiro, olhei para meu filho ao lado e comecei a lembrar de como é bom ser criança e me deu uma pontada de medo, pois a vidinha dele só está a florando. Tenho medo do que mais para a frente esse mundo possa fazer com a mente dele, pois enquanto ele estiver debaixo de meus olhos, vou fazer de tudo para que ele seja sempre criança.

ANEXO 2

DAS CARTAS CENSURADAS 2,

Anka Kowalska. Trad. de Ana Cristina César e Grazyna Drabik

Talvez gostasses de me mandar abraços
mas mudei de endereço e de vista da janela
te escrevo então para dar notícias

Moro agora perto do mar
ou seja o mar, me dizem, é perto
e quando o vento levanta as ondas
sinto sal nos lábios
e a concha da minha orelha é como concha marítima

Lá do andar das minhas companheiras
dá para ver, me dizem, atrás da árvores do bosque

uma faixa azulcinza
poderia subir quando é permitido
e conferir
mas não quero

Através dos outros
sei que estás bem
e fico contente
e fico preocupada que cortaram, ouvi dizer, teu tempo de passeio
mas fecho os olhos
e juntos
andamos pelos campos como antes como tantas vezes
e não te preocupes
me abraçarás sob uma árvore viva
e não te preocupes
não choro quando abro os olhos
e vejo muro
e soldado armado

Darlówek, campo de internamento março de 1982.

Anka Kowalska (1932) Poeta polonesa. Com dois livros publicados, participou do KOR (Comitê de Defesa dos Trabalhadores), que prestava assistência jurídica e financeira aos trabalhadores presos após as manifestações de 1976 na Polônia. Ligada à assessoria do sindicato Solidariedade, ela esteve detida por um ano, em 1981, num campo de internamento. (FOLHETIM, 1987)

ANEXO 3

INFÂNCIA

A Abgar Renault

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóe
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóe.

(Carlos Drummond de Andrade)

ANEXO 4

INCOMPATIBILIDADE DE GÊNIO

Doutor,
jogava o Flamengo
Eu queria escutar,
Chegou, mudou de estação,
Começou a cantar.
Tem mais:
Um cisco no olho
Ela não quis assoprar.
Tem dó!
Falou que por ela
Eu podia cegar.
Se eu dou,
Um pulo, um pulinho,
Um instantinho no bar,
Bastou!
Durante três noites
Me faz jejuar,
Levou as minhas cuecas
Pro bruxo rezar,
Coou meu café
Na calça
Pra me segurar.
Ah, se tô devendo
Um dinheiro,
E veio me cobrar,
Doutor, ah doutor!
A peste abre a porta,
Ainda manda sentar.
Depois se mudo de emprego,
Que é pra melhorar,
Vê só: convida a mãe dela
Pra ir morar lá.
Doutor, ah doutor,
Se eu peço feijão,
Ela deixa salgar.
Calor, mas veste
Casaco pra me atazanar,
Que é pra me atazanar.
E hoje sonhando comigo,
Mandou eu jogar
No burro,
E deu na cabeça
Centena e milho.
Quero me separar!
(João Bosco e Aldir Blanc)

ANEXO 5

CURVAS DO RIO

Elomar Figueira De Melo

Vô corrê trecho
Vô procurá u'a terra preu pudê tabaiá
prá vê se dêxo
essa minha pobre terra véia discansá
foi na Monarca a primeira dirrubada
dêrna d'intão é sol é fogo é tái d'inxada
me ispera, assunta bem
inté a bôca das água qui vem
num chora conforma mulé
eu volto se assim Deus quisé

Tá um aperto
mais qui tempão de Deus no sertão catinguêro
Vô dá um fora
só dano um pulo agora in Son Palo Triang'Minêro
é duro moço êsse mosquêro na cozinha
a corda pura e a cuia sem um grão de farinha
a bença Afiloteus
te dêxo intregue nas guarda de Deus
nocença ai sôdade viu
pai volta prá curva do rio

Ah mais cê veja
num me resta mais creto prá um furnicimento
'só eu caino
nas mão do véi Brolino mêrmo a deis pur cento
é duro môço ritirá prum trecho alei
c'ua pele no osso e a alma nos bolso de véi
me ispera, assunta viu
sô imbuzêro das bêra do rio
conforma num chora mulé
eu volto se assim Deus quisé
num dêxa o rancho vazio
eu volto prá curva do rio

ANEXO 6

LÁ NO MORRO

Wander Piroli

Avistei-o subindo o morro. Mamãe estava junto ao fogareiro. Corri alarmado para avisá-la: “Papai envém aí”. Ela me espetou os olhos apagados e os lábios se moveram lentamente. Não disse nada.

Papai atravessou a porta em silêncio e ao invés de chutar o tamborete arredou-o de leve. Observou-me num relance. Depois olhou mamãe, que estava de costas, e deixou-se cair no tamborete. A cabeça pendeu sobre o caixote como se se tivesse desprendido do corpo. Não exalava cachaça, desta vez. Surpreendi-me avançando na sua direção. Parei perto do caixote com as pernas trêmulas, e, antes que eu percebesse, meus dedos já tocavam o ombro de papai.

Mamãe permanecia imóvel junto ao fogareiro, como se esperasse que a mão pesada a atingisse a qualquer momento. Angustiava-me um sentimento doloroso por papai: era como se o estivesse descobrindo sob a camada de violência, e agora ali restasse não apenas meu pai, mas a própria criatura humana. Olhei para mamãe. E gritei desesperadamente “Mamãe!” sem que ao menos tivesse necessidade de abrir a boca.

Afinal mamãe se voltou com o prato de comida e viu minha mão pousada no ombro de papai. Colocou o prato no caixote, perto da cabeça de papai. Ele continuou quieto, a respiração funda e descompassada. Mamãe acendeu a lamparina, e a claridade arredou as primeiras sombras da tarde para os cantos do cômodo. Em seguida, mamãe preparou a minha marmita e por último o seu prato e ambos nos sentamos, eu no chão e ela no outro tamborete:

O arfar intenso de papai doía no silêncio. Olhei mamãe. Mamãe me olhou e disse:

- Come.

Depois fitou papai, de esquelha, e levou até a boca uma pequena porção de arroz. Mas teve logo que deixar o garfo de lado para conter o acesso de tosse com a mão. Papai então levantou a cabeça, encarou-a com os lábios abertos. Seu rosto estava molhado de suor. Abaixou os olhos para mim, fungando, e deixou a cabeça pender novamente sobre o caixote.

Ouvimos passos no quintal. Três homens saltaram dentro do barraco e um deles arrancou a cortina que dividia o cômodo. Antes que o coração me socasse o peito e mamãe imobilizasse o garfo e papai erguesse a cabeça, tiraram-no do tamborete, torcendo-lhe os braços.

Papai não tentou reagir, sequer parecia surpreso. Era como se já estivesse esperando aquele momento. Nem ao menos olhou para os homens que o subjugavam. Fitava apenas mamãe, imóvel e fria do outro lado do caixote. Um dos homens levantou o punho e bateu-lhe seguidamente na cara. Com a boca ensangüentada, recebia as pancadas sem tirar os olhos de mamãe.

Levaram-no, os braços presos às costas. Os socos continuavam no quintal e eram mais nítidos quando pegavam na cara de papai. As batidas foram-se distanciando. Mamãe estava com a cabeça quase dentro do prato e as lágrimas escorrendo de seu rosto pingavam sobre o resto da comida. A marmita ainda tremia em minhas mãos e eu comecei a vomitar.

(In *A mãe e filho da mãe*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985)

ANEXO 7

VARANDAS DA EVA

Milton Hatoum

Varandas da Eva: o nome do lugar:

Não era longe do porto, mas naquela época a noção de distância era outra. O tempo era mais longo, demorado, ninguém falava em desperdiçar horas ou minutos. Desprezávamos a velhice, ou a idéia de envelhecer; vivíamos perdidos no tempo, as tardes nos sufocavam, lentas, paradas no mormaço. Já conhecíamos a noite: festas no Fast Clube e no antigo Barés, bailes a bordo dos navios da Booth Line, serenatas para a namorada de um inimigo e brigas na madrugada lá na calçada do bar do Sujo, na praça da Saudade. Às vezes entrávamos pelos fundos do Teatro Amazonas e espiávamos atores nos camarins, exibindo-se nervosamente diante do espelho, antes da primeira cena. Mas aquele lugar, Varandas da Eva, ainda era um mistério.

Ranulfo, tio Ran, o conhecia.

“É lindo, e cheio de moças lindas”, dizia, “mas vocês precisam crescer um pouquinho, as mulheres não gostam de fedelhos.”

Invejávamos tio Ran, que até se enjoara com tantas noites no Varandas. A vida, para ele, dava outros sinais, descaía para outros caminhos. Enfastiado, sem graça, o queixo erguido, ele mal sorria, e lá do alto nos olhava, repetindo: “Cresçam um pouco mais, cambada de fedelhos. Aí levo vocês ao balneário”.

Minotauro, fortaço e afoito, quis ir antes. Foi barrado no portão alto, cuspiu no chão, deu volta-e-meia, quase marchando para trás. Era um destemido, o corpo grandalhão, e um jeito de encarar os outros com o olho quente, de meter medo e intimidar. Mas a voz ainda hesitava: era aguda e grossa, de periquito rouco, e o rosto de moleque, assombrado, meio leso.

Gerinelson era mais paciente, rapaz melindroso, sabia esperar. Já namorava de dar beijos gulosos e acochos, e nos surpreendia em pleno domingo, guiando uma lambreta velha, roubada do irmão. Na garupa, uma moça desconhecida, de outro bairro, ou estrangeira. A máquina passava perto da gente, devagar, roncando, rodeando o tronco de uma árvore. Depois acelerava, sumindo na fumaceira. Ele sempre gostou de desaparecer, extraviar-se. Gerinelson era e não era da nossa turma. Eu o considerava um dos nossos; ele, não sei. Tinha uns segredos bem guardados, era cheio de reticências, um rapaz que não se mostrava.

O Tarso era o mais triste e envergonhado: nunca disse onde morava. Desconfiávamos que o teto dele era um dos barracos perto do igarapé de Manaus; um dia se meteu por ali e sumiu. Raro sair com a gente para um arrasta-pé, ele recusava. “Com esses sapatos velhos, não dá,” dizia. Um cineminha, sim, ajudávamos, duas moedinhas de cada um, e pagávamos o seu ingresso. E lá íamos ao Éden, Guarany ou Politheama. Depois da matinê, ele escapulia, não ficava para ver as meninas da Escola Normal, nem as endiabradas do Santa Dorothea. Tarso queria vender picolés e frutas na rua, queria ganhar um dinheirinho só para entrar no Varandas da Eva. Mas era caro, não ia dar. Então Tio Ranulfo prometeu: quando chegar a hora, pago pra todos vocês.

Tio Ran, homem de palavra, foi generoso: espichou dinheiro pra a entrada e a bebida. Depois tirou um maço de cédulas da carteira. Disse: “Isso é para as mulheres. E nada de molecagem. Cada um de vocês deve ser um gentleman com aquelas princesas”.

Contamos as cédulas: dava e sobrava, era a nossa fortuna. Compramos na Casa Colombo um par de sapatos, e tia Mira costurou uma calça e uma camisa, tudo para o Tarso. Quando ele experimentou a roupa nova, parecia outro, ia chorar de alegria, mas Minotauro, maldoso, debochou: Deixa para chorar depois da farra, rapaz. Quem fica feliz de roupinha nova é moça”.

Eles ficaram cara a cara, os olhos com faíscas de rancor. Tia Mira se intrometeu, com súplicas de tréguas e paz. Os dois olharam para minha tia, os rostos mais serenos, pensamento talvez em outras searas.

Marcamos a noite para uma sexta-feira de setembro. Gerinelson pegou o dinheiro, quis ir sozinho, de lambreta. Tio Ran nos levou em seu Dauphine, parou perto da porta, nos desejou boa noite. Quando íamos entrar, Tarso hesitou: deu uns passos para a frente, recuou, quis e não quis entrar. Ficou mudo, mais e mais esquisito, se fechou. Nós o desconhecemos: luz e dança não o atraíam? Minotauro o puxou pela camisa, enganchou a mão no pescoço dele, repetindo “Bora lá, seu leso”. Nosso amigo abaixou a cabeça, concordando, mas com um salto se desgarrou e correu para a escuridão.

Tarso, um desmancha-prazer. Deixamos o nosso amigo. A vontade não é de cada dia? Minotauro soltou um grunhido, resmungou: “Não disse? Roupinha nova é mimo pra mocinha”.

Entramos. Um caminho estreito e sinuoso conduzia ao Varandas da Eva. Aos poucos, uma sombra foi crescendo, e no fim do caminho um luminosidade surgiu na floresta. Era uma construção redonda, de madeira e palha, desenho de oca indígena. Mesinhas na borda do círculo, um salão no meio, iluminado por lâmpadas vermelhas. Uns casais dançavam ali, a música era um bolero. Minotauro apontou uma mesinha vazia num canto mais escuro. Sentamos, pedimos cerveja, um cheiro de açucena vinha do mato. E Gerinelson, se extraviara? Na semiluz, quase noite, Minotauro me cutucou: uma mulher sorria para mim. Não vi mais o Minotauro, nem quis saber do Gerinelson. Só olhava para ela, que me atraía com aquele riso; depois me chamou com um aceno, girando o indicador, convidando a dançar. Não era alta, mas tinha um corpo cheio e recortado e um rostinho dos mais belos, com olhos acesos, cor de fogo, de gata maracajá. Três músicas dançamos parados, apertadinhos, de corpo molhado. Percebeu a minha ânsia, me apertou com gosto e me levou, no ritmo lento da música, para fora do salão. Por outro caminho me conduziu a uma das casinhas vermelhas, avarandadas, na beira de um igarapé. Ficamos um tempo na varandinha, no namoro de beijos e pegações. Depois, lá dentro, ela fechou a porta, as janelas deixou entreabertas. O som morria na casinha avarandada...

Ela me ensinou a fazer tudo, todos os carinhos, sem pressa, com o sabor de mulher que já amou e foi amada. Passamos a noite nessa festa, sem cochilo, e muitos risos, de só prazer. Fez coisas que davam ciúme, carícias que não se esquecem. Estranho: não quis dizer seu nome. Sorria, de rosto aberto, e disfarçava: Meu nome? Tu não vais saber, é proibido, pecado, prometo. A voz e a risada bastavam, minha curiosidade diminuía. Nome e sobrenome não são só aparências?

Não quis me ver nem ser vista à luz do dia; quando as águas do igarapé ficaram mais escuras do que a noite, ela pediu que eu fosse embora. Obedeci, a contragosto. Saí no fim da madrugada, caminhando na trilha de folhas úmidas. Naquela manhã o sol teimou em aparecer no céu fechado.

Voltei ao Varandas no mesmo dia, a fim de revê-la: voltei muitas vezes, sempre sozinho, nunca mais a encontrei.

O Tarso disse que não entrou no Varandas porque teve medo.

“Medo?”

Ele sério, e calado.

Minotauro me contou sua farra, cheia de façanhas, “a grande gandaia, noite e dia”, disse com uma voz que não tremia mais, voz bem grossa, de cachorrão. O Gerinelson me olhou de soslaio, sorriu de fininho, desconversou. Ele não se mostrava mesmo. Gostava das coisas só para ele, guardando tudo na memória, dono sozinho de seus feitos e fracassos.

Nos meses seguintes, ainda tentei ver a mulher, pulava de um clube para outro, os lupanares da cidade. Até hoje, sinto ânsia só de lembra: o Varandas da Eva é a lembrança mais forte de minha juventude.

Tia Mira dizia que eu estava babado de amor. “Estás tonto por uma mulher”, ela ria, observando meu devaneio triste, meu olhar ao léu.

O Tarso não quis conversar sobre aquela noite. Foi o primeiro a se afastar da turma: teve de abandonar a escola, ia tentar um emprego de técnico de motor, ou, quem sabe, um lugar de capataz numa fazenda do Careiro.

Três anos depois meus tios Mira e Ran mudaram de bairro; os encontros com meus amigos tornaram-se fortuitos, minha vida procurou outros rumos. O único que cruzou meu

caminho foi Minotauro; cruzou por acaso, quando eu saía do bar Mocambo e ele ia visitar um amigo no quartel da Polícia. Estava fardado, era soldado S, e se preparava para o exame de suboficial da Aeronáutica. Servia na base terrestre, de guerras na selva. Não queria voar.

“Sou homem com pés no chão”, foi logo dizendo. “É emocionante a gente se perder na mata, os perigos me atraem, mano. A gente entra na floresta, escuta os ruídos da noite e a noite é escura que nem o dia. É um desafio. Toda a cambada tem que caminhar naquele ziguezague escuro, dormir sem saber onde está, matar os bichos e encontrar a saída para a sede do comando.”

Falava com desembaraço, cheio de si, alisando com os dedos grossos a boina azul. O rosto continuava assombrado, quase feroz, e a risada saía que nem um uivo. Ele havia topado com o Gerinelson: O lesão do Geri viajou para São Paulo. Quer ser doutor, médico de mulher. Quer se aproveitar delas”, riu, tenebroso, mostrando dentes de cavalo. “Tu nem sabes... O Geri sempre foi sonso, andou pelo Varandas antes da gente, sempre foi caído por mulheres de todas as idades.”

Dei um risinho chocho, sem vontade. Minotauro já era meu ex-amigo? Está em outro mundo, nossos pensamentos não se encontram. Foi o que eu remói naquele instante.

“E o Tarso?”

“Mais pobre do que eu”, ele disse. Deve estar caído por aí. Pobre pobre não se levanta, mano. Nem soldado o coitado do Tarso pode ser”.

O Minotauro me tratou com carinho. Não sei naquele dia eu tive pena ou raiva dele. Desprezo, talvez.

Ele se despediu com um abraço forte, de estalar as costelas. Era socado, um monstro. Pôs a boina na cabeça e saiu andando, desengonçado, cumpridor de deveres...

Anos depois, um dia, num fim de tarde, eu acabara de sair de uma vara cível e passava pela Avenida Sete de Setembro. Divagava. E já não era jovem. A gente sente isso quando as complicações se somam, as respostas se esquivam das perguntas. Coisas ruins se assanhavam, escondidas atrás das portas. As gandaias, os gozos de não ter fim, aquele arrojo dissipador, tudo tudo vai se esvaindo. E a aspereza de cada ato é que surge, como um cacto, ou planta sem perfume. Alguém que olha para trás e toma um susto: a juventude passou...

Um vento úmido vinha da baía do Negro; parei diante do Palácio do Governo, decidi descer a escadaria que termina perto do Igarapé. Atravessei a passarela, distraído, olhando os pássaros nas plantas que flutuavam no rio cheio. Foi então que vi, numa canoa, um rosto conhecido. Era Tarso. Remou lentamente até a margem e saltou; depois tirou um cesto e pôs o fardo nas costas, como faz um índio. O corpo, curvado pelo peso, era o de um homem. Subiu uma escadinha de madeira, deixou o cesto na porta de uma palafita, voltou à margem e puxou a canoa até a areia enlameada. À porta apareceu uma mulher para apanhar o cesto. Reapareceu logo depois e acenou para Tarso. Num relance, ergueu a cabeça e me encontrou. Olhou para mim. Estremeci. Quis fugir, virar o rosto, mas não pude deixar de encará-la. Ela me atraía, e a lembrança surgiu agitada, confusa. Aquele rosto, que a memória fisgou de uma noite do passado... A voz dela chamou: “Meu filho!”. A mesma voz, meiga e firme, da moça, da mulher da casinha vermelha, no balneário Varandas da Eva. Era a mãe do meu amigo? Isso durou uns segundos... Por assombro, ou magia, o rosto dela era o mesmo, não envelhecera. Mal tive tempo de ver os braços e as pernas, a memória foi abrindo brechas, compondo o corpo inteiro daquela noite.

Tarso escondeu a canoa entre os pilares da palafita e entrou pela escadinha dos fundos. A mulher já tinha sumido.

Permaneci ali mais um pouco, lembrando...

Nunca mais voltei àquele lugar.

(In: *De primeira viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

ANEXO 8

CHAMAVA-SE AMARELO

Rubem Braga

Nasci em Cachoeiro do Itapemirim, em uma casa à beira de um córrego, o Amarelo, poucos metros antes de sua entrada no rio Itapemirim. Eu devia ser ainda de colo quando meu pai derrubou essa e comprou outra, do outro lado do córrego. Desde muito pequenos, antes da idade de se aventurarem pelas correntezas do rio e depois pelas ondas do mar, os meninos da casa brincavam no Amarelo.

A gente passava as horas de folga ali, pescando de anzol quando o córrego estava cheio, ou de peneira, quando ele estava raso. A fauna não era muito variada: piabas (que no Espírito Santo para o Norte é o que no Sul chamam de lambari); carás, dourados, um peixe de fundo que a gente chamava moréia, e que não pinicava a isca, dava um puxão longo e inconfundível; outro de boca maior chamado cumbaca; pequenos mandis que ninguém comia e duas ou três espécies de camarão, entre os quais um que a gente chamava de lagosta porque tinha para mais de vinte centímetros.

Até hoje me lembro dessas lagostas de água doce aqui no Rio, quando vejo, depois do jantar, nas noites quentes de Copacabana, quantas mulheres e moças saem à rua, ficam zanzando na calçada da praia, tomando a fresca. Nossos lagostins vivem sistematicamente na oca, debaixo das pedras, mostrando apenas os bigodes sensíveis e as puãs; mas o calor em Cachoeiro é tão forte, que às vezes, de tarde, eles saem passeando lentamente na água rasiinha sobre a areia, se mostrando.

Conhecíamos o nosso pequeno trecho de córrego palmo a palmo, desde a cachoeirinha em que ele se despencava do morro até a beira do rio – cada pedra, cada tufo de capim, cada tronco atravessado, cada pé de inhame ou de taioba. Os peixes maiores – robalos, pias, traíras, piabinhas – não o subiam, era raro um bagre pequeno. O peixe maior que peguei numa peneira me deu o maior susto de minha vida; um amigo ou meu irmão cutucava com um pau todo bicho que estivesse debaixo da pedra, para espantar, enquanto eu esperava mais abaixo, com uma peneira grande. Quando levantei a peneira, veio o que me pareceu uma grande cobra preta saltando enfurecida em minha cara; era um muçum, que atirei longe com peneira e tudo, enquanto eu caía para trás, dentro d'água, de puro medo.

Um pouco para cima o córrego formava um açude fundo, que em alguns lugares não dava pé. De um lado havia árvores grandes, de sombra muito suave, de outro era a aba do morro. A gente escorregava do alto do morro, pelo capim, cada um sentado em uma folha de pita – tchibum n'água! Com troncos de pita ou de bananeira, improvisávamos toscas jangadas amarradas a cipó. O córrego e seu açude eram uma festa permanente para nós.

O açude não existe mais.

O açude não existe mais e o córrego está morrendo. Sempre que vou a Cachoeiro o vejo, porque nossa casa continua a mesma. Há coisa de quatro meses estive lá, e fui até a ponte dar uma espiada no córrego. Embora no último inverno tenha chovido bem por aquelas bandas, o Amarelo estava tão magrinho, tão sumido, tão feio, que me cortou o coração. Era pouco mais que um fio d'água escorrendo entre as pedras, a foz quase entupida de areia.

Havia um sujeito qualquer parado ali, puxei conversa com ele, ele disse que é isso mesmo, o córrego parece que está sumindo, nos anos de muita seca até já pára de correr, ficam só umas poças se laminhas. Nas grandes chuvas ele é uma enxurrada grossa, vermelho de barro, açambarcando margens; mas depois definha, definha até quase morrer de sede.

Lembro-me, quando menino, eu ouvia falar com espanto e achando graça de uns rios do Nordeste que sumiam na seca, a gente podia andar pelo seu leito; não acreditava muito. O Amarelo está ficando assim.

O Brasil está secando. Agente lê nos jornais artigos sobre desflorestamento, necessidade de proteger os cursos de d'água, essas coisas que desde criança a gente sabe porque lê nos artigos de jornais.

Mas agora eu sei: eu sinto. Nem sequer pretendo chamar a atenção das autoridades etc. etc. sobre a gravidade do problema etc., que exige uma série de providências impostergáveis etc. etc. Aliás, fulano de tal já dizia que no Brasil o homem é o plantador de desertos etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

Não, esta crônica não pretende salvar o Brasil. Vem apenas dar testemunho, perante a História, a Geografia e a Nação, de uma agonia humilde: um córrego está morrendo. E ele foi o mais querido, o mais alegre, o mais terno amigo de minha infância.

ANEXO 9

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

DANUZA LEÃO

Sem medo

Escrever: todo mundo devia escrever uma ou duas páginas por dia, ou pelo menos todo fim de semana, contando como têm sido seus dias, falando sobre sua vida, suas alegrias, tristezas, decepções, felicidades. Para isso não é preciso saber escrever; seria uma espécie de diário, para ler daqui a 20 ou 30 anos, e que um dia será encontrado por um neto ou bisneto que, sabendo mais de suas origens, como foram seus pais e avós, talvez compreendam melhor por que são como são.

Para isso basta um caderno e uma esferográfica -e uma gaveta com chave, pois essas confissões só devem ser lidas pelos outros com a permissão de quem escreveu, a não ser que já tenha morrido. E pense um pouco: você deve ter passado por coisas que prefere não lembrar, que estão lá dentro contidas, reprimidas, e das quais acha que já esqueceu, já que não pensa nelas -quem não passou? Não pensa mas elas estão lá, travando seus atos, impedindo que você seja livre desses bloqueios e possa ser, conseqüentemente, mais feliz.

Escreva; escreva, pois escrever faz bem. Falar, seja com a maior amiga, um padre ou com o psicanalista, não é o suficiente. Falar toda a verdade, sem nenhuma censura, com sinceridade total, só se consegue a nós mesmos, e isso quando temos coragem.

Fácil não é. E se certos acontecimentos são difíceis de serem lembrados, mais difícil ainda é de serem colocados no papel. Mas isso é só no início; depois dos primeiros dias vai se tornar um hábito, como se estivesse conversando com você mesma, porque ninguém com mais capacidade para entender por que fez certas coisas, praticou atos que foram censurados pelos amigos e pela família, do que você. Só você, e mais ninguém.

À medida que os acontecimentos mais difíceis vão sendo escritos, mais coragem você vai ter para continuar escrevendo, e pouco a pouco vai perceber que está mudando. Os fatos mais dolorosos, nos quais não conseguia nem pensar, vão ficando mais leves; conseqüentemente, você vai ficando mais leve. E vai perceber que, sem o peso que carregou durante tanto tempo lá no fundo de você mesma, é como se tivesse se libertado. Não vai se esquecer das tristezas pelas quais passou, mas vai conseguir vê-las de frente, pois não há esforço maior do que o de não querer

pensar numa coisa, achando que assim vai evitar o sofrimento. Escreva para você, sem esconder nada, sem nenhum pudor de confessar os vexames pelos quais passou, as tristezas, e até os momentos de glória, que também não são fáceis de contar, até porque desses ninguém está interessado em ouvir.

Vá por mim: escrevendo, você vai mudar. Quando não houver mais áreas obscuras na sua vida, aquelas que você nem sabia que eram tão pesadas e te impediam de usufruir de todos os momentos como eles merecem ser vividos, vai se sentir mais leve.

Vá, escreva. Não tenha medo de não conhecer bem o português, ou porque não sabe botar as crases no lugar certo; nada disso tem a menor importância.

Acredite: isso aconteceu comigo, e a vida hoje me parece muito, mas muito melhor do que era. Eu me libertei não das minhas lembranças, mas dos meus fantasmas, e tenho a consciência de ser uma nova pessoa; uma pessoa que tem muito mais prazer em viver do que tinha antes de escrever. E não é isso que todos queremos?

E-mail - danuza.leao@uol.com.br

ANEXO 10

A EE “CAPITÃO DEOLINDO DE OLIVEIRA SANTOS”

Convida para o lançamento do livro

ALGUMAS LEMBRANÇAS

Data: 06 de dezembro de 2006 - às 20 horas.

Local: Escola Cap. Deolindo

Sua presença nos dará um grande prazer.

Ubatuba, 29 de novembro de 2006.

Caro aluno:

Tenho o prazer de informar-lhe que nosso livro ficou pronto. Infelizmente só pude custear uma tiragem de 100 exemplares, por isso cada aluno-autor receberá gratuitamente somente dois exemplares. O aluno que desejar adquirir mais livros poderá encomendá-los ao editor no dia do lançamento, ao preço de R\$ 10 por unidade, com o pagamento antecipado de 50%.

O livro tem como título ALGUMAS LEMBRANÇAS e seu lançamento acontecerá no dia 06 de dezembro de 2006, às 20 horas, na escola Capitão Deolindo.

Como se trata de um evento de comemoração, de reencontro de amigos, Fatinha e eu sugerimos que cada aluno traga (se puder) uma bandeja de salgados ou um refrigerante.

Sua presença é indispensável. Venha e traga sua família.

Um forte abraço!

Professor Jorge Ivam Ferreira

ANEXO 11



Noticias CEI

Alunos do curso de educação de jovens e adultos lançam livro em noite de Gala – DER/ Caraguatatuba

Alunos da EE Capitão Deolindo de Oliveira Santos, Ubatuba, sob a orientação do Prof. Jorge Ivan Ferreira, lançaram um livro em evento ocorrido no dia 6/12/2006.

O livro, intitulado “Algumas Lembranças”, contém uma coletânea de textos – Contos, Crônicas e Poesias – desenvolvidos pelos alunos do curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Segundo a Diretora da Escola, Maria de Fátima Barros, “mais do que relatos emocionantes, observa-se na obra a grande capacidade dos alunos para expressar seus sonhos e suas histórias, de maneira simples e fácil entendimento.” Durante a abertura do evento, foi solicitado um minuto de silêncio “*in memoriam*” dos alunos Diana e Odesmar, falecidos neste ano.



O livro é fruto de um trabalho do Prof. Jorge Ivan Ferreira, que participa do programa do Governo do Estado de São Paulo, Bolsa Mestrado, cujo tema é: “Linguística Aplicada na área de Produção de Textos Autobiográficos e Fictícios”. Durante sua pesquisa junto aos alunos do EJA, nasceu a idéia dessa obra, que teve como incentivador e colaborador o Sr. Carlos Rizzo, colocando sua editora à disposição. Todos os alunos participantes receberam um livro doado pelo Prof. Ivan.



O músico, Caio da Silva Ferreira, proporcionou aos presentes momentos de boa música durante todo o evento. E no final, foi servido um elegante coquetel.